

Convergência

Novembro e Dezembro • 2020 • ANO LV



Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad
Editor: Padre João da Silva Mendonça Filho, sdb
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Padre Paulo Alessandro, oar
Padre Jaldemir Vitório, sj
Irmão Lauro Daros, fms
Irmã Nivalda Milak, fdz
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp

Projeto gráfico e Diagramação: Dulciene Luzia Almeida
Revisão: Padre João Mendonça Filho, sdb
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo
Ilustração da capa: Padre Reinaldo Leitão, rcj

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
E-mail: crb@cbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Sumário



Editorial

Mão estendida, confiança e questionamento!.....5

Mensagem do Papa

IV Dia Mundial dos Pobres10

Mártires e Santos

Beata Savina Petrilli - A Vivência de uma Vocação
Profética e Eucarística18

Informes

Nota da CRB Nacional de repúdio a toda e qualquer
tentativa de manipular a Ação Evangelizadora da
Igreja no Brasil22

Ameaças e Oportunidades para a Igreja no Brasil
nos próximos 5 anos24

A Esperança como um Sinal de Profecia em
Tempos de Pandemia26

Mensagem do Papa pela semana Nacional da
vida religiosa Consagrada do Brasil.....30

Nota da CRB Nacional sobre a carta ao Povo de Deus,
de Bispos brasileiros, sobre a atual situação do País.....32

Dom Casaldáliga: Os 3 “Ps” do Pedro34

Comunicações da Presidente37

Artigos

Promover Relações Humanizadoras de Ternura	48
<i>Pe. Rafael Lopez Villaseñor</i>	
O Perdão na Vida do Religioso Irmão	59
<i>Irmão Otalívio Sarturi</i>	
O voto de obediência: reflexões a partir do magistério do Papa Francisco.....	77
<i>Frei Vanildo Luiz Zugno</i>	
Um tempo para se viver plenamente e não entre parênteses	93
<i>João dos Santos Barbosa Neto, sdb</i>	
Espiritualidade em tempos de Pandemia: Aprendizado e Renovação.....	100
<i>Ir. Helena T. Rech, sts</i>	
Caminhar com determinação e um olhar para o futuro	110
<i>Frei Vagner Sanagiotto</i>	

Apêxos

Reflexão Orante 1	127
Reflexão Orante 2.....	131
Resenha	136
Mapa das Regionais	139
Índice anual 2019 e 2020	140



MÃO ESTENDIDA, CONFIANÇA E QUESTIONAMENTO!

PE. JOÃO DA SILVA MENDONÇA FILHO, SDB

Na 4ª Mensagem para o Dia Mundial dos Pobres 2020, Papa Francisco chama a atenção para as mãos estendidas, “um clamor silencioso de tantos pobres deve encontrar o povo de Deus na vanguarda, sempre e em toda parte, para lhes dar voz, defendê-los e solidarizar-se com eles face a tanta hipocrisia e tantas promessas não cumpridas, e para os convidar a participar na vida da comunidade”. Essas mãos estão carregadas de confiança em Deus que não abandona o seu povo mais sofrido.

Nesta pandemia, foram e estão sendo significativos, muitos gestos de solidariedade que partilham do pão, da assistência, da cura e do amor. Embora há mãos interessadas apenas na economia, no acúmulo de bens, no consumo e na exclusão. Quantas

mortes poderiam ter sido evitadas com políticas públicas sérias? Tudo isso nos questiona.

Por conseguinte, a última edição da Convergência deste ano quer rejuvenescer a esperança, na perspectiva do Natal do Senhor. É preciso retirar da vida o egoísmo que fortalece a indiferença, o desvio do olhar para não ver os pobres que sofrem, sobretudo nas periferias, nas aldeias indígenas e favelas. A pandemia nos ensinou a voltar a interioridade e abandonar as mediocridades.

Padre Rafael Lopez Villaseñor, Xaveriano, no artigo “Promover relações humanizadoras de ternura”, umas das prioridades para este triênio da CRB Nacional, chama-nos a superar as mágoas do individualismo

e subjetivismo, dando lugar à sinodalidade, tanto nas relações dentro das comunidades, como o rompimento do atual paradigma do exercício do poder, como o rodízio saudável do mesmo, dando possibilidades de espaços de mudanças e o fortalecimento e amadurecimento das relações, favorecendo a doação de si mesmo, superando a mesmice e ajudando a superar as formas de domínio e manipulações.

Os irmãos religiosos recordam, a todos nós, o sentido profundo da laicidade consagrada que se fragiliza no avanço do clericalismo. A experiência do perdão desde a compreensão de ser pessoa em comunhão, como nos apresenta o irmão Otávio Sarturi, Marista, no artigo “O perdão na vida do religioso irmão”, aborda em cinco princípios a capacidade do saber perdoar e reconhecer-se frágil, limitado e não apenas culpado. Isso educa para o sentido de ser pessoa reconciliada e reconciliadora.

Repensar a obediência religiosa numa Igreja em saída é romper com o paradigma da submissão cega para a obediência sinodal que responde aos apelos do compromisso com a missão a serviço do povo de Deus e não do próprio comodismo. Obedecer, diz Frei Vanildo Luiz Zugno, OFM cap,

no artigo “O voto de obediência: reflexões a partir do magistério do papa Francisco”, é viver a alegria da criatividade com a força da liberdade profética mística.

O vazio que este tempo de pandemia ainda provoca em nossas vidas é enorme. Tudo mudou! Aquilo que parecia distante, tornou-se uma dura realidade, fechando-nos dentro de nossas casas e limitando muitas de nossas atividades. É sobre esta experiência e a resiliência da mesma, que o padre João dos Santos Barbosa neto, SDB, ajuda-nos a refletir com o artigo “Um tempo para se viver plenamente e não entre parênteses. Reflexão pastoral em tempo de pandemia”. Urge a necessidade de repensar o silêncio e de encontrar a Deus que parece distraído. É tempo de ressignificar a esperança e fé.

A pandemia-travessia interrompeu nossas frenéticas agendas. Estávamos na Quaresma e fomos surpreendidos(as) com uma viagem forçada ao nosso “jardim secreto”, como bem nos ajuda a refletir Irmã Helena T. Rech, STS, no provocante artigo “Espiritualidade em tempos de pandemia: aprendizado e renovação”.

A formação será sempre uma tarefa maiêutica, ou seja, colaborar com os formandos em

cada fase da vida, a expressar suas habilidades internas e capacitá-los à missão do Instituto para melhor compreender o chamado de Deus. Com este objetivo, Frei Vagner Sanagiotto, Carmelita, analisa os dados de uma pesquisa com o artigo “Caminhar com determinação e um olhar para o futuro. Uma investigação sobre o contexto formativo na Vida Religiosa”.

Com a mensagem do Papa, os informes de vários acontecimentos desse período, os augúrios de natal e ano novo da Assessoria Executiva da CRB nacional, a resenha e as reflexões orantes, Convergência fecha este ano emblemático com o a esperança de que um “novo normal” seja possível com a graça de Deus.

Desde já

Feliz Natal e Feliz Ano Novo



Fonte: www.vaticannews.va



DESCRIÇÃO DA LOGOMARCA TRIÊNIO 2019 -2022

A apresentação da logo foi criada para identificar graficamente a linha de reflexão, espiritualidade e atividades das instituições religiosas que compõem Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), no Triênio 2019 a 2022.

O tema escolhido para fundamentar a caminhada durante o triênio será: Consagradas e Consagrados em Missão e o lema: “Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5).

Com essa motivação temática, busca-se ilustrar a forte presença vocacional e missionária de Maria como mediadora da graça e estrela da evangelização.

A Cruz, no centro, representa o Cristo, autor da graça, do vinho novo; alegria, princípio e ânimo para a jornada missionária.

A talha representa a vida e vocação das consagradas e consagrados que se enchem desta alegria, o Cristo, para testemunhar o amor e chamada vocacional de Deus.

O caminho e as pegadas explicitam uma vida religiosa em saída, em movimento, dinâmica e fortalecida pelo vinho novo da alegria.

*“Fazei tudo o que
ele vos disser”*
(Jo 2,5)



Triênio
2019 a 2022



CRB NACIONAL

Consagradas e consagrados em missão

Horizonte

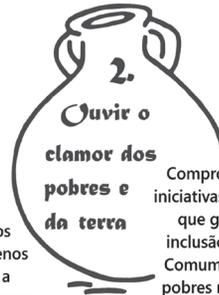
Nós consagradas e consagrados em missão, movidos por uma mística profético-sapiencial e articulados institucionalmente, procuramos estar presentes onde a vida está ameaçada, responder aos desafios de cada tempo, tecendo relações humanizadoras e interculturais, ouvindo o clamor dos pobres e da terra, para que o vinho novo do Reino anime a festa da vida.

Prioridades



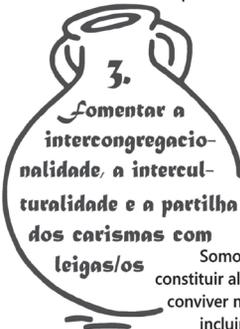
1.
**Cultivar a
mística
profético-
sapiencial**

Inspirados em Maria, queremos escutar a voz de Deus nos pequenos sinais da vida, que nos chama a anunciar, denunciar e testemunhar a esperança do Reino na noite escura da realidade socioeconômica e política dos nossos povos.



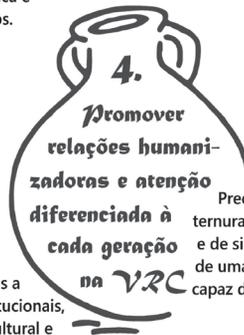
2.
**Ouvir o
clamor dos
pobres e
da terra**

Comprometemo-nos a promover iniciativas comunitárias e articuladas que gerem consciência crítica, inclusão social e cuidado da Casa Comum. Optar em favor dos mais pobres nos empenha a enfrentar a injustiça ambiental, porque tudo está interligado.



3.
**Fomentar a
intercongregacio-
nalidade, a intercul-
turalidade e a partilha
dos carismas com
leigos/os**

Somos interpelados/as a constituir alianças interinstitucionais, conviver na diversidade cultural e incluir o laicato na nossa espiritualidade e ação, abrindo novos caminhos na missão.



4.
**Promover
relações humani-
zadoras e atenção
diferenciada à
cada geração
na VRC**

Precisamos tecer relações de ternura, de fraternidade/sororidade e de sinodalidade como expressão de uma nova forma de convivência capaz de superar o individualismo e a dominação.



IV DIA MUNDIAL DOS POBRES

XXXIII DOMINGO DO TEMPO COMUM - (15 DE NOV. 2020)

«Estende a tua mão ao pobre» (Sir 7, 32)

Estende a tua mão ao pobre» (Sir 7, 32): a sabedoria antiga dispôs estas palavras como um código sacro que se deve seguir na vida. Hoje ressoam com toda a densidade do seu significado para nos ajudar, também a nós, a concentrar o olhar no essencial e superar as barreiras da indiferença. A pobreza assume sempre rostos diferentes, que exigem atenção a cada condição particular: em cada uma destas, podemos encontrar o Senhor Jesus, que revelou estar presente nos seus irmãos mais frágeis (cf. Mt 25, 40).

1. Tomemos nas mãos o Ben-Sirá, um dos livros do Antigo Testamento. Nele encontramos as palavras dum mestre da sabedoria que viveu cerca de duzentos anos antes de Cristo.

Andava à procura da sabedoria que torna os homens melhores e capazes de perscrutar profundamente as vicissitudes da vida. E fê-lo num período de dura prova para o povo de Israel, um tempo de dor, luto e miséria por causa da dominação de potências estrangeiras. Sendo um homem de grande fé, enraizado nas tradições dos pais, o seu primeiro pensamento foi dirigir-se a Deus para Lhe pedir o dom da sabedoria. E o Senhor não lhe deixou faltar a sua ajuda.

Desde as primeiras páginas do livro, Ben-Sirá propõe os seus conselhos sobre muitas situações concretas da vida, sendo a pobreza uma delas. Insiste que, na contrariedade, é

preciso ter confiança em Deus: «Não te perturbes no tempo do infortúnio. Conserva-te unido a Ele e não te separe, para teres bom êxito no teu momento derradeiro. Aceita tudo o que te acontecer e tem paciência nas vicissitudes da tua humilhação, porque no fogo se prova o ouro, e os eleitos de Deus no cadinho da humilhação. Nas doenças e na pobreza, confia n'Ele. Confia em Deus e Ele te salvará, endireita os teus caminhos e espera n'Ele. Vós que temeis o Senhor, esperai na sua misericórdia, e não vos afasteis, para não cairdes» (2, 2-7).

2. Página a página, descobrimos um precioso compêndio de sugestões sobre o modo de agir à luz duma relação íntima com Deus, criador e amante da criação, justo e providente para com todos os seus filhos. Mas, a constante referência a Deus não impede de olhar para o homem concreto; pelo contrário, as duas realidades estão intimamente conexas.

Demonstra-o claramente o texto donde se tirou o título desta Mensagem (cf. 7, 29-36). São inseparáveis a oração a Deus e a solidariedade com os pobres e os enfermos. Para celebrar um culto agradável ao Senhor, é preciso reconhecer

que toda a pessoa, mesmo a mais indigente e desprezada, traz gravada em si mesma a imagem de Deus. De tal consciência deriva o dom da bênção divina, atraída pela generosidade praticada para com os pobres. Por isso, o tempo que se deve dedicar à oração não pode tornar-se jamais um álibi para descuidar o próximo em dificuldade. É verdade o contrário: a bênção do Senhor desce sobre nós e a oração alcança o seu objetivo, quando são acompanhadas pelo serviço dos pobres.

3. Como permanece atual, também para nós, este ensinamento! Na realidade, a Palavra de Deus ultrapassa o espaço, o tempo, as religiões e as culturas. A generosidade que apoia o vulnerável, consola o aflito, mitiga os sofrimentos, devolve dignidade a quem dela está privado, é condição para uma vida plenamente humana. A opção de prestar atenção aos pobres, às suas muitas e variadas carências, não pode ser condicionada pelo tempo disponível ou por interesses privados, nem por projetos pastorais ou sociais desencarnados. Não se pode sufocar a força da graça de Deus pela tendência narcisista de se colocar sempre a si mesmo no primeiro lugar.

Manter o olhar voltado para o pobre é difícil, mas tão necessário para imprimir a justa direção à nossa vida pessoal e social. Não se trata de gastar muitas palavras, mas antes de comprometer concretamente a vida, impelidos pela caridade divina. Todos os anos, com o Dia Mundial dos Pobres, volto a esta realidade fundamental para a vida da Igreja, porque os pobres estão e sempre estarão conosco (cf. Jo 12, 8) para nos ajudar a acolher a companhia de Cristo na existência do dia a dia.

4. O encontro com uma pessoa em condições de pobreza não cessa de nos provocar e questionar. Como podemos contribuir para eliminar ou pelo menos aliviar a sua marginalização e o seu sofrimento? Como podemos ajudá-la na sua pobreza espiritual? A comunidade cristã é chamada a coenvolver-se nesta experiência de partilha, ciente de que não é lícito delegá-la a outros. E, para servir de apoio aos pobres, é fundamental viver pessoalmente a pobreza evangélica. Não podemos sentir-nos tranquilos, quando um membro da família humana é relegado para a retaguarda, reduzindo-se a uma sombra. O clamor silencioso de tantos pobres deve encontrar o

povo de Deus na vanguarda, sempre e em toda parte, para lhes dar voz, defendê-los e solidarizar-se com eles face a tanta hipocrisia e tantas promessas não cumpridas, e para os convidar a participar na vida da comunidade.

É verdade que a Igreja não tem soluções globais a propor, mas oferece, com a graça de Cristo, o seu testemunho e gestos de partilha. Além disso, sente-se obrigada a apresentar os pedidos de quantos não têm o necessário para viver. Lembrar a todos o grande valor do bem comum é, para o povo cristão, um compromisso vital, que se concretiza na tentativa de não esquecer nenhum daqueles cuja humanidade é violada nas suas necessidades fundamentais.

5. Estender a mão leva a descobrir, antes de tudo a quem o faz, que dentro de nós existe a capacidade de realizar gestos que dão sentido à vida. Quantas mãos estendidas se veem todos os dias! Infelizmente, sucede sempre com maior frequência que a pressa faz cair num turbilhão de indiferença, a tal ponto que se deixa de reconhecer todo o bem que se realiza diariamente no silêncio e com grande generosidade. Assim,

só quando acontecem factos que transtornam o curso da nossa vida é que os olhos se tornam capazes de vislumbrar a bondade dos santos «ao pé da porta», «daqueles que vivem perto de nós e são um reflexo da presença de Deus» (Francisco, Exort. ap. Gaudete et exsultate, 7), mas dos quais ninguém fala. As más notícias abundam de tal modo nas páginas dos jornais, nos sites da internet e nos visores da televisão, que faz pensar que o mal reine soberano. Mas não é assim. Certamente não faltam a malvadez e a violência, a prepotência e a corrupção, mas a vida está tecida por atos de respeito e generosidade que não só compensam o mal, mas impelem a ultrapassá-lo permanecendo cheios de esperança.

6. Estender a mão é um sinal: um sinal que apela imediatamente à proximidade, à solidariedade, ao amor. Nestes meses, em que o mundo inteiro foi dominado por um vírus que trouxe dor e morte, desconforto e perplexidade, pudemos ver tantas mãos estendidas! A mão estendida do médico que se preocupa de cada paciente, procurando encontrar o remédio certo. A mão estendida da enfermeira

e do enfermeiro que permanece, muito para além dos seus horários de trabalho, a cuidar dos doentes. A mão estendida de quem trabalha na administração e providencia os meios para salvar o maior número possível de vidas. A mão estendida do farmacêutico exposto a inúmeros pedidos num arriscado contacto com as pessoas. A mão estendida do sacerdote que, com o coração partido, continua a abençoar. A mão estendida do voluntário que socorre quem mora na rua e a quantos, embora possuindo um teto, não têm nada para comer. A mão estendida de homens e mulheres que trabalham para prestar serviços essenciais e segurança. E poderíamos enumerar ainda outras mãos estendidas, até compor uma ladainha de obras de bem. Todas estas mãos desafiaram o contágio e o medo, a fim de dar apoio e consolação.

7. Esta pandemia chegou de imprevisto e apanhou-nos impreparados, deixando uma grande sensação de desorientamento e impotência. Mas, a mão estendida ao pobre não chegou de imprevisto. Antes, dá testemunho de como nos preparamos para reconhecer o pobre a fim de o apoiar no

tempo da necessidade. Não nos improvisamos instrumentos de misericórdia. Requer-se um treino diário, que parte da consciência de quanto nós próprios, em primeiro lugar, precisamos duma mão estendida em nosso favor.

Este período que estamos a viver colocou em crise muitas certezas. Sentimo-nos mais pobres e mais vulneráveis, porque experimentamos a sensação da limitação e a restrição da liberdade. A perda do emprego, dos afetos mais queridos, como a falta das relações interpessoais habituais, abriu subitamente horizontes que já não estávamos acostumados a observar. As nossas riquezas espirituais e materiais foram postas em questão e descobrimo-nos amedrontados. Fechados no silêncio das nossas casas, descobrimos como é importante a simplicidade e o manter os olhos fixos no essencial. Amadureceu em nós a exigência duma nova fraternidade, capaz de ajuda recíproca e estima mútua. Este é um tempo favorável para «voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade para com os outros e o mundo (...). Vivemos já muito tempo na degradação moral, baldando-nos à ética, à bon-

dade, à fé, à honestidade (...). Uma tal destruição de todo o fundamento da vida social acaba por colocar-nos uns contra os outros na defesa dos próprios interesses, provoca o despertar de novas formas de violência e crueldade e impede o desenvolvimento duma verdadeira cultura do cuidado do meio ambiente» (Francisco, Carta enc. *Laudato si'*, 229). Enfim, as graves crises económicas, financeiras e políticas não cessarão enquanto permitirmos que permaneça em letargo a responsabilidade que cada um deve sentir para com o próximo e toda a pessoa.

8. «Estende a mão ao pobre» é, pois, um convite à responsabilidade, sob forma de empenho direto, de quem se sente parte do mesmo destino. É um encorajamento a assumir os pesos dos mais vulneráveis, como recorda São Paulo: «Pelo amor, fazei-vos servos uns dos outros. É que toda a Lei se cumpre plenamente nesta única palavra: ama o teu próximo como a ti mesmo. (...) Carregai as cargas uns dos outros» (Gal 5, 13-14; 6, 2). O Apóstolo ensina que a liberdade que nos foi dada com a morte e ressurreição de Jesus Cristo é, para cada um de nós, uma responsabilidade

para colocar-se ao serviço dos outros, sobretudo dos mais frágeis. Não se trata duma exortação facultativa, mas duma condição da autenticidade da fé que professamos.

E aqui volta o livro de Ben-Sirá em nossa ajuda: sugere ações concretas para apoiar os mais vulneráveis e usa também algumas imagens sugestivas. Primeiro, toma em consideração a debilidade de quantos estão tristes: «Não fujas dos que choram» (7, 34). O período da pandemia constrangeu-nos a um isolamento forçado, impedindo-nos até de poder consolar e estar junto de amigos e conhecidos atribulados com a perda dos seus entes queridos. E, depois, afirma o autor sagrado: «Não sejas preguiçoso em visitar um doente» (7, 35). Experimentamos a impossibilidade de estar junto de quem sofre e, ao mesmo tempo, tomamos consciência da fragilidade da nossa existência. Enfim, a Palavra de Deus nunca nos deixa tranquilos e continua a estimular-nos para o bem.

9. «Estende a mão ao pobre» faz ressaltar, por contraste, a atitude de quantos conservam as mãos nos bolsos e não se deixam comover pela pobreza, da qual frequentemente

são cúmplices também eles. A indiferença e o cinismo são o seu alimento diário. Que diferença relativamente às mãos generosas que acima descrevemos! Com efeito, existem mãos estendidas para premer rapidamente o teclado dum computador e deslocar somas de dinheiro duma parte do mundo para outra, decretando a riqueza de restritas oligarquias e a miséria de multidões ou a falência de nações inteiras. Há mãos estendidas a acumular dinheiro com a venda de armas que outras mãos, incluindo mãos de crianças, utilizarão para semear morte e pobreza. Existem mãos estendidas que, na sombra, trocam doses de morte para se enriquecer e viver no luxo e num efémero desregramento. Existem mãos estendidas que às escondidas trocam favores ilegais para um lucro fácil e corruto. E há também mãos estendidas que, numa hipócrita respeitabilidade, estabelecem leis que eles mesmos não observam.

Neste cenário, «os excluídos continuam a esperar. Para se poder apoiar um estilo de vida que exclui os outros ou mesmo entusiasmar-se com este ideal egoísta, desenvol-

veu-se uma globalização da indiferença. Quase sem nos dar conta, tornamo-nos incapazes de nos compadecer ao ouvir os clamores alheios, já não choramos à vista do drama dos outros, nem nos interessamos por cuidar deles, como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem, que não nos incumbe» (Francisco, Exort. ap Evangelii gaudium, 54). Não poderemos ser felizes enquanto estas mãos que semeiam morte não forem transformadas em instrumentos de justiça e paz para o mundo inteiro.

10. «Em todas as tuas obras, lembra-te do teu fim» (Sir 7, 36): tal é a frase com que Ben-Sirá conclui a sua reflexão. O texto presta-se a uma dupla interpretação. A primeira destaca que precisamos de ter sempre presente o fim da nossa existência. A lembrança do nosso destino comum pode ajudar a conduzir uma vida sob o signo da atenção a quem é mais pobre e não teve as mesmas possibilidades que nós. Mas existe também uma segunda interpretação, que evidencia principalmente a finalidade, o objetivo para o qual tende cada um. É a finalidade da nossa vida que exige um projeto a realizar e um caminho a

percorrer sem se cansar. Pois bem! O objetivo de cada ação nossa só pode ser o amor: tal é o objetivo para onde caminhamos, e nada deve distrair-nos dele. Este amor é partilha, dedicação e serviço, mas começa pela descoberta de que primeiro fomos nós amados e despertados para o amor. Esta finalidade aparece no momento em que a criança se cruza com o sorriso da mãe, sentindo-se amada pelo próprio facto de existir. De igual modo um sorriso que partilhamos com o pobre é fonte de amor e permite viver na alegria. Possa então a mão estendida enriquecer-se sempre com o sorriso de quem não faz pesar a sua presença nem a ajuda que presta, mas alegra-se apenas em viver o estilo dos discípulos de Cristo.

Neste caminho de encontro diário com os pobres, acompanha-nos a Mãe de Deus que é, mais do que qualquer outra, a Mãe dos pobres. A Virgem Maria conhece de perto as dificuldades e os sofrimentos de quantos estão marginalizados, porque Ela mesma Se viu a dar à luz o Filho de Deus num estábulo. Devido à ameaça de Herodes, fugiu, juntamente com José, seu esposo, e o Menino

Jesus, para outro país e, durante alguns anos, a Sagrada Família conheceu a condição de refugiados. Possa a oração à Mãe dos pobres acomunar estes seus filhos prediletos e

quantos os servem em nome de Cristo. E a oração transforme a mão estendida num abraço de partilha e reconhecida fraternidade.

Roma, em São João de Latrão, na Memória litúrgica de Santo António, 13 de junho de 2020.



Foto Papa Francisco com os pobres - imagem de arquivo - Vatican News



BEATA SAVINA PETRILLI - A VIVÊNCIA DE UMA VOCAÇÃO PROFÉTICA E EUCARÍSTICA

TEOGENES P. DE BRITO

A dimensão social da atualidade, cada vez mais vazia e líquida, imersa em um contexto de barulho e alienação, tem provocado em muitos a necessidade de voltar-se a si em busca da compreensão do próprio papel no mundo e, sobretudo, de um verdadeiro encontro com o Transcendente. Uma jovem italiana que ainda no século XIX assimilou – não obstante o pouco estudo – que a alma aspira a Deus e não encontra repouso fora Dele, tem muito a dizer à atual sociedade.

Savina Petrilli, fundadora da Congregação das Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena, encarnou em si o próprio Cristo, mas o fez por uma escolha sempre reafirmada e por



meio de um longo e árduo caminho de santificação. Inserida em um contexto social e histórico cujo papel feminino era elipsado e até suprimido, soube enfrentar corajosamente as adversidades e conquistar corações que se uniram ao seu ideal.



“Fomos concebidas e nascemos com a Virgem Maria”

Não obstante os diferentes contextos, o Senhor continua a suscitar uma juventude resoluta, que enfrenta medos e desafios por um sonho, para cooperar na salvação dos homens. Foi assim com Savina, que aos 22 anos manteve-se firme em seu propósito para transformar uma sociedade eclesial deteriorada pela humanidade de seus fiéis, que priorizavam as pompas e o status em detrimento dos pobres marginalizados.

Tendo seu coração atraído pelos mesmos ímãs que atraíram a concidadã Catarina de Sena – a saber: a Igreja, a Eucaristia, Jesus Crucificado e os Pobres – e seguido, a conselho do Papa Pio IX, os passos da Virgem senense, buscou o discernimento com Dom Enrico Bindi, seu arcebispo, das aspirações que lhe moviam a ofertar a sua vida em favor dos mais pobres e necessitados de cuidado.

E eis que em 7 de dezembro de 1873, véspera da Festa da Imaculada Conceição, Savina Petrilli inicia com mais três amigas o Instituto na casa dos pais e logo no mês seguinte acolhem a primeira criança assistida: Nazarena Cancogni. Nove meses depois, já são quatro as beneficiadas e se faz necessária a partida

da casa dos Petrilli. Assim, na véspera da Natividade de Maria, a pequena comunidade chega à sua primeira casa, sinal da Providência que as acompanharia para sempre.

“Pobre é aquele que sofre, que tem razão para chorar”

Ao fundar uma Congregação, numa época em que Institutos Religiosos tinham suas obras de caridade suprimidas ou agindo às escondidas, Savina compreendeu que o verdadeiro e profundo encontro com Deus, em sua interioridade, era o ponto de partida e chegada de sua missão apostólica. No silêncio, compreendeu a si mesma e aos seus anseios, mas também se encontrou plenamente com o Amor e Fim de sua vida. E, numa singular sensibilidade aos mistérios divinos, compreendeu como o Esposo de sua alma, o Cristo adorado na Eucaristia, encontra-se também sacramentado no pobre. Ao nutrir-se da Santa comunhão, imergia no divino anseio de inclinar-se sobre a miséria humana.

A partir desta rica interioridade, desenvolveu um olhar crítico sobre a realidade a sua volta, e redefiniu o conceito de pobreza, antecipando o que seria discutido no Concílio Vaticano II, quase



cem anos mais tarde. Intuiu que a miséria humana compreende não apenas aquela material, mas possui também sua dimensão moral e espiritual.

Seria equívoco afirmar que influenciou o agir dos Papas de seu tempo, como Catarina de Sena? Não, se recordarmos como em 1905, quando rogou insistentemente ao Papa Pio X que reconsiderasse a decisão da Sagrada Congregação – esta havia decretado às Ordens religiosas caritativas restringir seu campo de atuação – por não sentir como querer de Deus limitar a um só aspecto a assistência humana oferecida pelo Instituto, entendendo que era chamada a socorrer o sofrimento em qualquer forma que se apresentasse.

“Sem ser sacerdotes, devemos também ter em nós o espírito sacerdotal de Cristo”

O caráter profético de sua vocação teve ainda outras repercussões. A bem-aventurada Savina Petrilli perscrutou, ao longo de sua vida, o traço característico de Jesus ao qual cada Irmã dos Pobres é chamada a assemelhar-se: o espírito sacerdotal de Cristo.

Aprofundou a consciência de como Jesus foi adorador do Pai,

sendo em tudo obediente à Sua vontade, até ao ponto de oferecer-se como vítima em favor da redenção da humanidade.

Ultrapassando a sua época, alcançou a compreensão do sacerdócio comum dos fiéis, deixando

claramente escrito às suas Irmãs que o espírito carismático do Instituto consistia na adoração ao Pai com Cristo e na oferta da própria vida em oblação a Ele, dom que nos é conferido no Batismo e se consuma no mistério da Eucaristia.

“Os santos não se fazem com o pincel, mas com o cinzel”

Savina, uma mística do cotidiano. Nem o caráter enérgico nem a operosidade pelas tantas ocupações a ela atribuídas, com o florescimento das muitas casas da Congregação, fizeram-na arrefecer em seu caminho de progressiva assimilação a Cristo.

Savina reconheceu a importância de um trabalho de autoconhecimento, a fim de mergulhar na sua miséria humana e permitir que a graça divina agisse nela, santificando-a. E assim, aos 56 anos, encontra-se com o Padre Odilone Otten, de apenas 28 anos, que a conduziria à perfeição do amor, decidida como

estava a ter todas as “arestas” de sua alma lapidadas pelo doloroso trabalho do cinzel.

“Só se formos santas e verdadeiramente santas, poderemos ajudar na causa de Deus”. Disto foi testemunha primeira, abandonando-se inteiramente aos desígnios de Deus e à Sua misericórdia, chegando a fazer o voto de não negar nada voluntariamente a Jesus, nem mesmo o fim de sua Família Religiosa, se assim fosse do querer divino. E, de fato, Savina nos precedeu como aquela mãe amorosa que vai adiante para indicar aos filhos o caminho a seguir.

“Tudo é pouco por Jesus!”

Savina Petrilli parte para o encontro de seu “dono absoluto” em 18 de abril de 1923, quando sua obra de caridade já havia se estendido a tantas outras

localidades da Itália e ultrapassado fronteiras, chegando ao Brasil e à Argentina.

O Papa João Paulo II a declarou beata aos 24 de abril de 1988, reconhecendo a heroicidade de suas virtudes. Em outro momento, o Papa afirmou que “a rica herança carismática deixada pela Beata Savina Petrilli representa um providencial talento a fazer frutificar na Igreja e para o mundo”.

A memória de Madre Savina permanece viva em cada Irmã dos Pobres, que no seu modo de acolher o pobre e servi-lo como irmão, faz transparecer os suaves raios da beneficência divina.

E, em tempos de tanta agitação, reafirma o primado da escuta de Deus no silêncio e na contemplação antes de qualquer atividade caritativa, por mais admirável que seja, pois “Nada deve dar ao próximo quem não pode dar-lhe Deus”.



NOTA DA CRB NACIONAL DE REPÚDIO A TODA E QUALQUER TENTATIVA DE MANIPULAR A AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA NO BRASIL

IRMÃ MARIA INÊS VIEIRA RIBEIRO, MAD¹

"Fazei tudo o que Jesus disser" (Jo 2,5).

Com tristeza e apreensão a CRB Nacional, como boa parte da comunidade católica, fomos recentemente surpreendidos por matéria publicada em veículo de comunicação de circulação nacional, de 06/06/20, afirmando um possível apoio dos veículos de comunicação católicos, TVs e Rádios, ao governo do Presidente da República, em troca de concessão de verbas publicitárias e facilidade na obtenção ou renovação de outorgas.

A Comissão Episcopal de Comunicação da CNBB deixou claro em sua nota que as instituições de TVs e Rádios Católicas têm autonomia e Estatutos próprios.

A Igreja Católica, em plena sintonia com o Concílio Vaticano II, no Decreto Inter Mirifica (IM), sobre a comunicação social, tem plena consciência de que o uso das mídias está a serviço da Evangelização, da verdade, da defesa do direito à informação e da moralidade do uso dos meios (IM 3-5.13), cabendo aos Bispos,

¹ Presidente Nacional da Conferência dos Religiosos do Brasil.

em suas respectivas dioceses e na comunhão episcopal organizar e promover a comunicação (IM, 20).

Por conseguinte, a Igreja, como bem afirma categoricamente a nota da Comissão Episcopal da Comunicação, não aceita de forma alguma que o uso dos meios de comunicação sejam censurados e perseguidos, inclusive com ofensas contra jornalistas, manipulação dos fatos que ameaçam o exercício pleno da democracia e do Estado de Direito.

Reforçamos, em comunhão com a mensagem do Papa Francisco para o 54º Dia Mundial das Comunicações, a urgência de “tecer histórias verdadeiras capazes de renovar o mundo”.

Neste sentido, a Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB – em comunhão com a CNBB, SIGNIS e Rede Católica de Rádio, manifesta seu repúdio a toda e qualquer tentativa de manipular a Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, colocando-a ao lado de instrumentos antidemocráticos, inclusive maquiando os dados da pandemia que mata assustadoramente a população,

sobretudo nas comunidades das periferias, entre os povos indígenas e quilombolas. É com a compaixão de Jesus Cristo que vemos aterrorizados (as) as valas comuns nos cemitérios, a perda de milhares de brasileiros e a dor de numerosas famílias que não podem sequer enterrar seus entes queridos.

Somos solidários (as) com a dor daqueles que, como George Floyd, gritam “não posso respirar”. Que este grito suba aos céus e o Deus da vida faça renascer dos ossos de uma sociedade esgarçada, um novo céu e uma nova terra.

Pedimos as TVs e Rádios Católicas, sobretudo àquelas mantidas por congregações religiosas, que usem de sua liberdade e autonomia, na gestão de seus empreendimentos, da ética e compromisso com o Reino e nunca aceitem a corrupção para apoiar processos autoritários. Que vençam a verdade, a justiça e o amor, e caiam por terra “os poderosos de seus tronos e sejam exaltados os humildes e famintos” (cf. Lc 1,52).

Brasília, 11 de junho de 2020

AMEAÇAS E OPORTUNIDADES PARA A IGREJA NO BRASIL NOS PRÓXIMOS 5 ANOS

DOM WALMOR

O presidente da CNBB, Dom Walmor Oliveira de Azevedo, questionado sobre as ameaças e oportunidades da Igreja católica no Brasil, nos próximos 5 anos, responde sobre três ameaças e três oportunidades. Precisamos de muita oração, de discernimento e muita lucidez neste tempo novo.

Ameaças

1. Crescimento de segmentos conservadores e reacionários levando à estagnação e ao comprometimento do diálogo construtivo, com preponderância de obscurantismos e escolhas medíocres, com força de justificação das desigualdades existentes e neutralização magistral da doutrina social da Igreja.
2. Dificuldades para reverter situações com funcionamentos
3. Fragilizações nos processos de evangelização e serviços à defesa e promoção da vida. Perda de forças próprias e com comprometimento da, inegociável, credibilidade em razão de incongruências e incoerências no âmbito moral, seja no âmbito da gestão e suas nuances, como também no específico do testemunho, como bem pri-

meiro da pertença eclesial e da autenticidade do discipulado no seguimento de Jesus Cristo. Três ameaças profundamente desafiadoras que nós precisamos refletir para darmos uma resposta nova. Passo agora a compartilhar com seu coração, para debater, o que a nossa Igreja católica tem como oportunidades para os próximos 5 anos.

Oportunidades

1. Escuta de interpelações fortes vindas do impressionante volume de mudanças em curso na cultura mundial, com apelos humanitários, especialmente oriundos dos pobres da terra e das possibilidades tecnológicas, mediáticas, para efetivação de um novo modo de presença pública referindo-me também a biotecnologias, oportunizando adequações e novas respostas.
2. Usufruir mais decisivamente. A Igreja precisa do seu próprio tesouro doutrinal e de fé, particularmente como Igreja da palavra, ganhando esta centralidade, podendo fazer uma reviravolta religiosa na direção de não permitir ou reagir aos desdobramentos vários do cristianismo torpe, que está em amplo crescimento na sociedade brasileira, recuperando deste, do cristianismo, a sua

força como vetor determinante do sonho de um mundo novo, solidário e fraterno.

3. À luz da mistagogia evangélica, para dizer de uma espiritualidade profundamente contemplativa, com rica inspiração de tradições e experiências bimilenárias da nossa Igreja, conquistar novas feições e dinâmicas na ministerialidade da Igreja, com efetivo protagonismo dos cristãos leigos e leigas, com qualificação maior da vida consagrada, com sua profecia, e da vida sacerdotal, liberada de cristalizações que a desfiguram, com propriedade para arrastar pela força do testemunho. Compartilho isso para abriremos uma reflexão. É um longo caminho, mas é importante nos envolvermos nesta grande tarefa. Participe. É hora de contribuirmos para que a Igreja seja uma instituição em saída, hospitaleira, missionária e que ajude de fato a recompor o esgarçado tecido da nossa sociedade brasileira. É tarefa nossa como cidadãos e cidadãs civis, mas também como cidadãos do Reino, enquanto para ele caminhamos, o Reino definitivo.

Meu abraço e vamos continuar a pensar e refletir.

A ESPERANÇA COMO UM SINAL DE PROFECIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

DR^a.IR. LILIANE ALVES PEREIRA¹
MS. CRISTINA FREITAS RODRIGUES

A presença da Vida Religiosa no ambiente hospitalar precisa transcender a um mero fazer, a execução de planos, tarefas e

¹ Liliane Alves Pereira (Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã). Bacharel em enfermagem pelo Instituto Doctum de Educação e tecnologia, mestre em enfermagem- pela Universidade Federal do Rio Grande, FURG-RS, doutora em enfermagem, pela mesma instituição, especialista em Assessoria Bíblica DABAR CEBI/EST. Atua como professora dos cursos de ciências da saúde da Universidade Franciscana e Diretora do Hospital Casa de Saúde de Santa Maria, RS.

Cristina de Freitas Rodrigues graduada em enfermagem pelo Centro Universitário Franciscano. Mestre em Saúde Materno Infantil pela mesma instituição. Responsável Técnica do Hospital Casa de Saúde de Santa Maria, RS. Membro titular Conselho Municipal de Saúde de Santa Maria, Membro Comitê Regional do Programa de Revitalização dos Hospitais Filantrópicos do RGS, Membro do Comitê de Qualidade do Hospital Casa de Saúde.

trabalhos, eles são intrínsecos ao exercício profissional, mas não é tudo. Agora a exigência é o que podemos oferecer além, o diferencial que está sob nossa tutela como pessoas consagradas. Não seria nossa profecia ou nossa resistência ou nosso testemunho capaz de ser sinal de esperança onde a dor, o medo e o sofrimento assolam tanto os que têm a missão de cuidar como aqueles que buscam esse cuidado?

O testemunho precisa ser acompanhado de outros traços importantes do ser cristão, como nos diz São Paulo na carta aos Romanos 5,3b-6 “nós nos gloriamos nas tribulações, pois esta produz perseverança, que produz fidelidade comprovada

e a fidelidade produz esperança e a esperança não engana, pois ela provém do Espírito Santo que nos foi dado”.

Mas de que esperança falamos? Afinal, o que é ser sinal de esperança? A palavra esperança provem do latim spes, que significa ter confiança em algo positivo. A mesma raiz da palavra sperare (esperar), que para nós significa ter esperança (LAFER, 1996). Essa palavra nos remete a um estado de resistência ao inesperado, levando cada indivíduo a experimentar uma medida de força que, em outras circunstâncias, parecia-lhes improvável. Sob essa perspectiva, a esperança é testada à medida da nossa exposição.

Adentrar na etimologia da palavra esperança objetiva perceber como o conceito de esperança sofre inúmeras mudanças, buscando sempre se adequar ao tempo atual, exigindo de nós ressignificados, precisando, acima de tudo, ser uma resposta para a sociedade, sobre a égide da confiança ou do esperar confiante, que vai além dos nossos méritos. Exige movimento pessoal, abertura ao Espírito Santo, uma capacidade sempre crescente de esperar.

Nossa fundadora, Madre Madalena Damem (Fundadora das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã), aponta-nos caminhos de esperança quando seu percurso exige

confiança, recorda-nos de que Deus proverá, é d’Ele a promessa que jamais nos abandonará. Ela, com seu exemplo de vida, sinaliza-nos que quando não é possível vislumbrar horizontes vastos, o titubear cotidiano faz-nos recordar o retorno da primeira viagem de Madre Madalena Damem ao Bispo de Liege: “Queridas filhas não percam a coragem, antes confiem na ajuda de Deus, Ele Proverá” (Hoster, 1864).

Aqui reside um fato importante de uma esperança profética, aquele que supera a seleção de pessoas, realidades e coisas. A esperança profética faz-nos acreditar que somos todos irmãos e irmãs e não é possível admitir escolhas desumanas, infiéis que não respeitem a segurança dos mais frágeis, indefesos que entram nos hospitais em busca de alívio para sua dor e seu sofrimento.

A espiritualidade franciscana ensina-nos que para ver todos como irmãos e irmãs, é necessário a capacidade de esperar contra toda esperança, é preciso ser sensível para perceber em tudo o cuidado terno e amoroso de Deus Pai e que faz de todas as criaturas irmãos e irmãs, sobre a ótica do cuidado. Mas, o que a esperança tem a ver com o olhar fraternal de São Francisco de Assis e a confiança de Madre Madalena? O que isso aponta para os sinais de esperança na

missão da Saúde da Vida religiosa em tempos de pandemia?

O olhar fraternal de Francisco de Assis conduz o ser humano a perceber a sacralidade das coisas criadas e a capacidade que elas têm de revelar o rosto de Deus, um Deus Providente. Para Francisco de Assis, o mistério da criação não se fundamenta num passado mítico, mas alicerça na promessa de Deus, na confiança de que o Sumo Bem está sempre a nos (re)criar (HUBAULT, 2012). Essa consciência conduz o ser humano a um encontro sempre mais profundo consigo mesmo e com o seu criador e o coloca numa permanente esperança do que ainda há de vir, à medida em que alarga seu coração para o amor.

Somos seres em constante mudança, e o que nos coloca em condição de apontar caminhos de esperança é a nossa origem de seres desejantes, de pessoas criadas e recriadas sob o prisma do amor. Esse amor que nos faz confiar sempre que a missão da saúde é colaborar na obra da criação, é abraçar a condição de fragilidade do ser humano que vem a nós e fomentar nele a esperança de uma nova normatividade, de um novo tempo em que a potência da individualidade se estabelece a partir de uma nova norma (CANGUILHEN, 2009).

Em tempos de transformação e adversidades rápidas, surge um

sentimento denominado de resiliência na sociedade, que prevê adaptação à mudanças, tornando imperativo que cada ser humano identifique fatores de vulnerabilidade e de proteção para que resista a estas modificações (PEREIRA, 2001). Desta forma, é necessário que cada indivíduo reconheça sua dor, perceba seu sentido e a tolere, até que os conflitos encontrem soluções e se dissolvam na esperança de dias melhores.

E quando isso não for possível, ainda assim, é permitido a nós esperar, é nos imputado testemunhar um amor que é eterno e que nos faz abraçar a sacralidade que envolve o ser humano, mesmo em sua condição de finitude, é sinal profético acolher o final de uma vida com qualidade, com reverência, com amor.

O ambiente de saúde busca constantemente ser sinal de esperança, pois de outra forma sua missão se esvaziaria de sentido. É a esperança impetrada nas paredes, silenciada no barulho dos aparelhos e intensificada nas mãos de todos os profissionais e espelhada nos olhos dos pacientes que buscam o serviço é que faz com que sejamos capazes de retribuir com a fé de que buscamos fazer tudo para a maior glória de Deus (RV), e com amor como, mandato firme d'Aquele que nos escolheu e nos destinou para ir e dar fruto e fruto permanente (Jo 15,16).

Existe ainda um outro caminho de esperança que deve ser sinalizado por quem se compromete a cuidar do outro, é o respeito à diferença. O outro que nos confia sua vida tem experiências diferentes da nossa, e a interculturalidade torna-se um caminho necessário, é um clamor urgente, pois no ato de cuidar não pode haver sobreposição ou subjugação de uma cultura sobre a outra, de uma crença sobre a outra, no ato de cuidar não cabe fazer acepção de pessoa, antes ele se fundamenta sobre o respeito, de onde nasce a esperança de um novo tempo (GITTINS, 2015; PEREIRA, FLORES, MACHADO, 2019).

Assim, nosso sinal de esperança é, no contexto hospitalar e em meio a conflitos, ser presença carregada de sentidos para aqueles que nos são confiados dignificando o cuidado, sendo coerentes na assistência e humanizado nas relações interpessoais e interprofissionais para fazer valer o imperativo de Jesus Cristo para que todos tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10), sem perder de vista o legado de nossa fundadora Madre Madalena Damem “Deus é bom, Ele é muito bom, confia: Deus proverá”.

Referências

- Bíblia Sagrada, Edição Pastoral, 34ª impressão, São Paulo, Paulus, 1999.
- Canguilhem, G. O normal e o patológico. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- Hoster, IL. Sanct Franciscus Blütengärtlein. Heythusen, 1864.
- Pereira, A. M. S. Resiliência, personalidade, stress e estratégias de coping. Em J. Tavares (Org.) Resiliência e educação (pp.77-94). São Paulo; Cortez; 2001.
- Pereira, LA; Machado, EM; Flores AND. A interculturalidade e o conflito interpessoal: o agir bioético do enfermeiro. Simpósio de Ensino Pesquisa e extensão. 2019. UFN, Santa Maria RS.
- LAFER, M. de C. N. “Os mitos: comentários”: Os Trabalhos e os Dias. 3ª edição. São Paulo: Iluminuras, 1996, p53-94.

MENSAGEM DO PAPA PELA SEMANA NACIONAL DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA DO BRASIL

Roma, São João de Latrão, 5 de agosto de 2020

PAPA FRANCISCO

É com grande alegria que me uno em espírito às orações e iniciativas promovidas pela Conferência dos Religiosos do Brasil por ocasião da Semana da Vida Religiosa Consagrada, entre os dias 16 e 22 de agosto, que visa promover e renovar a missão de cada um de vocês na Terra da Santa Cruz. Neste sentido, convém recordar que a caminhada vocacional tem sua origem na experiência de saber-se amado por Deus: a própria vida e, sabendo da nossa pungente nostalgia de amor e felicidade, chama-nos à alegria, que se encontra somente no dom de si mesmo aos outros (cf. Mensagem para o 55º Dia Mundial de Oração pelas Vocações, 22/02/2018).



Por outro lado, diante dos desafios impostos pela sociedade atual, que vivemos uma mudança de época, é preciso estar vigilantes, a fim de se evitar a tentação de ter um olhar mundano, que nos impede ver a graça de Deus como protagonista da vida e nos leva a sair à procura de qualquer substituto (cf. Homilia no 24º Dia Mundial da Vida Consagrada, 1/2/2020). O melhor antídoto contra tal tentação é dar prioridade à oração em meio a todas as

nossas atividades, certos de que a pessoa mantém o olhar fixo em Jesus aprende a viver para servir, pois experimenta aquilo que disse o profeta Isaías: “Es precioso a meus olhos... Eu te amo” (43,4).

Por isso, para buscar uma maior promoção e renovação da vida e missão dos consagrados no Brasil, convido novamente a fazer aquela pergunta que tinha proposto na Carta Apostólica aos Consagrados, em 2014: “Jesus é verdadeiramente o primeiro e o único amor, como nos propusemos quando professamos os nossos votos? Só em caso afirmativo, poderemos – como é nosso dever – amar verdadeira e misericordiosamente a pessoa que encontramos no nosso caminho, porque teremos aprendido d’ Ele o que é o amor e como amar: saberemos amar, porque teremos o seu próprio coração”.

Queridos consagrados e consagradas do Brasil, desejando confirmar tais propósitos e pedindo a interceção de Nossa Senhora Aparecida para que essa Semana da Vida Religiosa Consagrada seja muito fecunda, envio a todos a Bênção Apostólica, pedindo que, por favor, não deixem de rezar por mim.





**CRB NACIONAL
CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL**

NOTA DA CRB NACIONAL SOBRE A CARTA AO POVO DE DEUS, DE BISPOS BRASILEIROS, SOBRE A ATUAL SITUAÇÃO DO PAÍS

IRMÃ MARIA INÊS VIEIRA RIBEIRO, MAD

“Se calarem a voz dos profetas, as pedras clamarão” (Lc 19,40).

Queridas(os) irmãs e irmãos:

A diretoria da CRB nacional manifesta publicamente seu apoio à “Carta ao povo de Deus”, assinada por 152 membros do episcopado brasileiro e publicada no final de julho.

Estamos em sintonia com os bispos que tomaram tal iniciativa “interpelados pela gravidade do momento em que vivemos, sensíveis ao Evangelho e à Doutrina Social da Igreja, como um serviço a todos os que desejam ver superada esta fase de tantas

incertezas e tanto sofrimento do povo”.

Convocamos a Vida Religiosa consagrada a conhecer, acolher, abraçar e divulgar esse importante documento, que também está disponível no site da CRB Nacional. Solicitamos as regionais que façam chegar às comunidades religiosas essa mensagem.

Convidamos as equipes de Governo das Províncias e dos Institutos a propagar a carta junto aos seus membros, aos leigos e leigas que partilham sua espiritualidade e missão e nos espaços onde atuam.

Sugerimos as(os) consagradas (os), enquanto pessoas e instituições, se pronunciem publicamente em apoio aos bispos, como já fizeram algumas congregações, um grupo significativo de padres, e organismos da Igreja e da sociedade brasileira.

“Despertemo-nos, portanto, do sono que nos imobiliza e nos faz meros espectadores

da realidade de milhares de mortes e da violência que nos assolam”. Sentimos hoje o apelo de Deus “a gritar aos ouvidos” do nosso povo (Jr 2,2) e como seguidoras(es) de Jesus, renovamos o empenho pela justiça, a paz e cuidado da natureza.

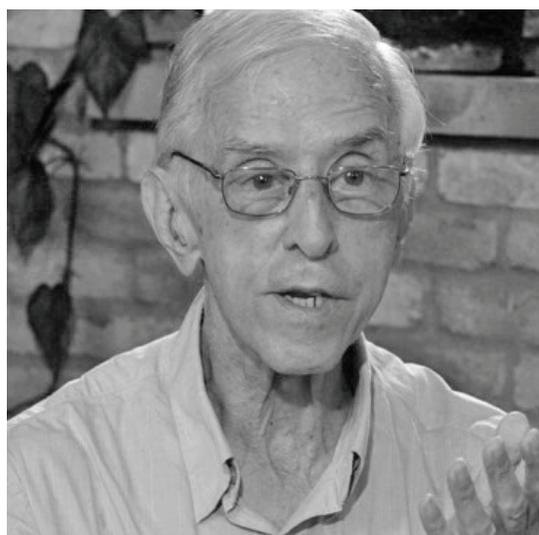
Que Maria, mulher forte e destemida, nos abençoe e nos confirme nesse caminho. Amém!



DOM CASALDÁLIGA: OS 3 "PS" DO PEDRO

Rio de Janeiro, 8 de agosto de 2020

PE. ALFREDO J. GONÇALVES, CS¹



Pastor

- Vindo do outro lado do mar, trouxe no corpo e na alma a marca da liberdade;
- manteve redobrada solicitude sociopastoral diante dos pobres e dos excluídos,
- usando a palavra e o bastão não para golpear as ovelhas perdidas e indefesas,
- mas para afugentar os lobos fortes, ferozes e famintos por trabalho humano;
- dedo em riste e língua afiada contra o latifúndio e as cercas, a tirania e a ditadura,
- na proteção dos povos indígenas, dos camponeses e das comunidades quilombolas.

1 Vice-presidente do SPM

- Homem de Deus, do tempo e dos oprimidos; do Xingu, das águas e da Amazônia,
- defensor da vida em todas as suas formas e da preservação do meio ambiente,
- sentinela sempre alerta à vida onde ela encontrava mais frágil e ameaçada.

Profeta

- Chegou com o sonho do Reino de Deus, da Pátria Grande, do novo céu e nova terra;
- e logo fez-se porta-voz da Teologia da Libertação e das Comunidades Eclesiais e Base,
- das Pastorais Sociais, da defesa dos Direitos Humanos e das organizações populares.
- Combatente intrépido do “bom combate” e companheiro de todos os caminhantes,
- percorreu rios e igarapés, veredas e estradas, visitando vilas, povoados e comunidades.
- “Discípulo missionário” do profeta itinerante de Nazaré, incansável na vinha do Mestre;
- nas terras devastada pela violência dos senhores, com seus capatazes, grileiros e jagunços,
- pôs-se decididamente ao lado de posseiros, migrantes e pequenos produtores,

- e como na palma da mão, possuía o mapa das comunidades ribeirinhas,
- sem medo das ameaças, armadilhas, artimanhas e armas dos fortes e poderosos.

Poeta

- Da Catalunha trouxe também a sensibilidade artística, com acentuada veia poética,
- olhar estético para as águas e os peixes, as estrelas, as flores e os frutos da Amazônia,
- mas também para as dores e sofrimentos dos povos que ali viviam e trabalhavam,
- nutrindo sonhos, lutas e esperanças na construção de uma “terra sem males”.
- Poeta da biodiversidade, de todos os povos e raças, das múltiplas e variadas culturas,
- interprete misterioso do divino e do humano, da terra e do céu, da selva e da cidade,
- formado que era na escola do silêncio e da escuta, do cotidiano e da Palavra,
- impregnado na sabedoria e no segredo de uma espiritualidade multicultural,
- aberta e transparente aos caminhos e valores de cada pessoa e suas descobertas.

- Trocando o velho continente pelas terras novas e viçosas das Américas,
- supera a "globalização da indiferença", como alerta o Papa Francisco,
- pela cultura da acolhida, do encontro, do diálogo e da solidariedade,
- deixando para traz qualquer tipo de preconceito, xenofobia ou discriminação;
- mestre e aluno, aluno e mestre - pronto sempre ao intercâmbio de saberes,
- aprendizado livre e recíproco que a todos e todas enriquece.
- Através do outro, pavimenta o caminho para o Totalmente Outro,
- através do diferente, descortina o horizonte para o Transcendente.

*Os pés descalços de um bispo santo.
Caminhou a luz da palavra de Deus.*



COMUNICAÇÕES DA PRESIDENTE

IR. MARIA INÊS VIEIRA RIBEIRO, MAD

Queridas irmãs e irmãos na
Vida Religiosa Consagrada

*“Fazei tudo o que Jesus vos disser”
(Jo 2,5)*

Com esperança e fé, dirijo-me a vocês para encaminhar atividades que a CRB Nacional está promovendo, para manter viva a comunicação entre nós e fortalecer os laços de comunhão.

Como é do conhecimento de todas/os este tempo de pandemia mexeu profundamente com toda a sociedade brasileira e, como estamos no mundo sem ser do mundo (Jo 15,19b), não podemos permanecer à margem dos fatos. Como São Paulo, dirigindo-se à comunidade de Corinto, hoje somos nós a receber esta exortação,

“Somos atribulados em toda parte, mas não esmagados; estamos em dificuldade, mas não desesperados; somos perseguidos, mas não

desamparados; derrubados, mas não destruídos; trazemos sempre em nosso corpo a agonia de Jesus, para que em nosso corpo também se manifeste a vida de Jesus; de fato, nós que vivemos estamos sempre expostos à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal. De modo que em nós trabalha a morte e em vocês a vida (2 Cor 4, 8-12).

Apresento a seguir os encaminhamentos:

Mensagem da Equipe Interdisciplinar

A Equipe interdisciplinar da CRB, depois de algumas reuniões on-line, manifestou numa breve reflexão intitulada **“Vida Religiosa Consagrada em Tempos de Pandemia: Desafios e Oportunidades”**, um belo texto

com o objetivo de fortalecer a nossa esperança e despertar maior empenho das Províncias, Comunidades e Regionais, na reflexão e ação conjunta, para vencermos os interditos deste tempo de pandemia que parece chegar ao fim.

Contudo, pedimos encarecidamente que mantenhamos os cuidados sanitários e o isolamento social, onde for possível. Esta mensagem é oferecida para assimilação, reflexão e ações que ajudem na superação das perdas e inseguranças. No mês de setembro e na última edição da Convergência enviaremos dois Momentos Orantes para ajudar ainda mais a rezar com esta mensagem. Divulgaremos também um vídeo sobre a mensagem para viabilizar ainda mais o conteúdo.

As Assembleias das Regionais, que acontecerão também de modo on-line, terão como conteúdo o aprofundamento desta questão: Como a Vida Religiosa Consagrada tem enfrentado este tempo, com ganhos e perdas?

Semana Nacional da Vida Consagrada

Já estamos divulgando, há alguns dias a I Semana Nacional da Vida Consagrada. Até agora, celebramos o Dia do/a Religioso/a, no terceiro domingo do mês de

agosto, festa da Assunção de Nossa Senhora. Considerando que, a data acabava sendo “engolida” pela Semana da Família, decidimos, em conjunto com a Comissão para os Ministérios Ordenados e Vida Consagrada da CNBB, fortalecer todas as Vocações, neste mês a elas dedicado, assim sendo: De 01 a 08 – Semana dos Presbíteros : 1º Domingo: Dia do Padre; de 09 a 15 – Semana da Família – 2º Domingo: Dia dos Pais; de 16 a 22 – Semana da Vida Consagrada – 3º Domingo: Dia da Vida Consagrada; De 23 a 30 – Semana das Vocações leigas: 4º Domingo: Dia do/a Catequista.

A CRB Nacional, bem como as Regionais, têm previsto um programa de dinamização desta Semana. Contamos com a participação todos os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, para que seja um momento de maior visibilidade da Vida Consagrada, sua identidade e missão, num momento orante pelas Vocações.

Pesquisa sobre a pandemia em nossos Institutos e Províncias

Há muitas estatísticas sendo divulgadas sobre os estragos causados pela pandemia, porém,

pouco ou quase nada sobre a VRC. É do nosso interesse conhecer e divulgar os dados também referentes à nossa real situação no Brasil. Para tanto, segue um link com um breve questionário para as/os Provinciais, com perguntas pertinentes a esta situação. Peço encarecidamente que respondam, para que possamos depois divulgar nas redes sociais da CRB e outros organismos.

III Seminário Nacional da VRC

É também do conhecimento de todos/as, que o nosso III Seminário Nacional da Vida Religiosa Consagrada foi adiado, devido à pandemia. Tivemos que interromper as inscrições que chegaram a 400. Novas inscrições serão abertas a partir de 1º de fevereiro, no site da CRB Nacional. Todas as inscrições, já realizadas, estão confirmadas. Em caso de cancelamento dos já inscritos, favor comunicar diretamente com a sede da CRB, pelo e-mail secretaria@crbnacional.org.br.

Como dependemos da estrutura da Assembleia da CNBB e do Encontro Nacional dos Presbíteros, iremos realizar o nosso Seminário de 12 a 15 de maio de 2021, na casa da Mãe Maria, em Aparecida, no Centro de Eventos Pe. Victor Coelho. Confiemos na intercessão de Nossa Senhora, para que até lá,

tenhamos maior serenidade e condições seguras, para realizar este evento.

Outros Encontros nacionais, para 2021, serão avaliados pela Diretoria Nacional e no tempo oportuno, iremos comunicar o novo calendário das atividades.

Projeto REIBA – Um Projeto Educacional para a Região Panamazônica

REIBA significa “Rede de Educação Intercultural Bilingue da Amazônia”. Trata-se de uma das decisões do Sínodo para a Amazônia, um projeto educacional com escolas primárias em Comunidades Indígenas, na Amazônia, com data prevista para 2021, em 07 países do território amazônico (Bolívia 1, Brasil 2, Colômbia 1, Equador 1, Guiana 1, Peru 1, Venezuela 1).

A REIBA irá acompanhar o processo de formação das Escolas, através de educadores voluntários, leigos/as ou religiosos/as que terão trabalho conjunto com a Comunidade nativa, as organizações de voluntários, instituições religiosas e a coordenação. O tempo mínimo previsto, para estar nas Comunidades, é de 02(dois) anos letivos.

Irmãs e Irmãos, esta missão nos toca a todas/os! Esperamos que

nossos(as) Gerais e Provinciais, que têm a missão junto a educação, se sensibilizem e disponibilizem pessoas para que o Projeto avance. Aquela/e que “for tocado pelo Espírito”, por favor, entre em contato comigo pelo e-mail acima, na carta.

Em comunhão de oração, no Espírito de Deus que anima nossa caminhada como consagrados/as, neste desafiante tempo e sempre, abraço a cada uma e a cada um em profunda unidade.

VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA EM TEMPOS DE PANDEMIA: DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Estimadas Religiosas e Religiosos:

Na última Assembleia Geral Eletiva, decidimos como VRC “...estar presente onde a vida está ameaçada, responder aos desafios de cada tempo, tecendo relações humanizadoras... ouvir o clamor dos pobres e da terra, para que o vinho novo do Reino anime a festa da vida” (Horizonte). Também nos comprometemos “a promover iniciativas comunitárias e articuladas que gerem consciência crítica, inclusão social e cuidado da Casa Comum” (Prioridade 2).

Ninguém poderia imaginar que poucos meses após a Assembleia estivéssemos vivendo a crise atual. Naquela ocasião, as crises econômica, política, ambiental e religiosa já estavam em curso. Contudo, com o advento da pandemia todas elas foram intensificadas e o seu lado perverso emergiu com força devastadora,

golpeando particularmente os mais pobres.

Diante dessa situação a VRC não pode calar. Como todas pessoas somos tocados (as) pela dor, fragilidade e impotência. Sentimos a necessidade de anunciar, denunciar e testemunhar a esperança do Reino. Estamos diante de um fenômeno complexo e desafiador que incide na vida de todos, mas principalmente dos mais pobres e excluídos. Não podemos ficar indiferentes, precisamos nos posicionar.

A globalização de um vírus

O que está acontecendo é trágico, inquietante, devastador e, por isso, requer um posicionamento. Estamos vivendo um tempo extraordinário, inesperado, que não tínhamos imaginado. Trata-se de uma situação que precisa

ser compreendida e assimilada, inclusive do ponto de vista espiritual. Há um acúmulo de crises: sanitária, econômica, política, ambiental e espiritual. Estamos diante de uma globalização causada por um vírus, situação pela qual ainda não tínhamos passado. As crises econômica, política e ambiental não são novas, mas foram aprofundados pela Covid-19. O sofrimento causado pelo desemprego e pela precariedade das condições de trabalho aumentou consideravelmente. Além disso, estamos diante de autoridades sem compaixão, que não pautam a sua ação pelo diálogo, que não sabem fazer luto quando é necessário, e criar consensos para enfrentar juntos aquilo que só pode ser encaminhado coletivamente. Tudo isso desorganiza ainda mais a sociedade e aumenta tensões e conflitos.

As violências perpetradas contra mulheres, pobres, negros, indígenas, homossexuais, crianças, jovens e idosos, infelizmente são um continuum histórico em nosso país. Com a pandemia essa pérfida “normalidade” foi substancialmente agravada. Se a necessidade de mudanças era imperiosa antes da Covid-19, agora ela se transformou num ingente clamor. Por isso, nosso desafio, como religiosas e religiosos é contribuir na construção de uma “nova normalidade”,

pautada pela inclusão social e pelo cuidado da Casa Comum.

Outra questão é a crise espiritual, dado que é considerada por alguns autores como “guerra de deuses”. Quando alguém diz, por exemplo, “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”, não está falando do Deus da fé cristã. É uma questão muito delicada porque está em jogo o testemunho do verdadeiro Deus, revelado por Jesus Cristo, exigência radical para os seguidores de Jesus, um testemunho que está em perigo na nossa sociedade brasileira quando o próprio Jesus e seu evangelho se tornam mal interpretados. O que faria Jesus se estivesse em nosso lugar neste momento? Po-demos recordar aqui Mateus depois das bem-aventuranças quando menciona o Cântico do Servo do Senhor (Is 52,13-53,12), mas na forma ativa de Jesus. É a assunção de um sofrimento ativo, solidário, que se sofre na ação e na missão. Trata-se de uma solidariedade que acolhe o clamor, o sofrimento, venha de onde vier, como vier e que revela também a nossa impotência. É um momento ímpar e urgente que nos compete assumir.

Provavelmente um dos momentos mais difíceis, do ponto de vista humano, criado pela pandemia é a questão do luto. Poder despedir-se de um ente

querido, rodeado de familiares, amigos e pela comunidade é fundamental na vida de qualquer pessoa. Mesmo que as razões sanitárias prescritas pelas autoridades sejam compreensíveis, fica muito difícil viver esse momento. Nenhum paliativo pode substituir a presença e a solidariedade. Mais do que qualquer resposta, fica o convite a refletir a partir da nossa condição de pessoas de fé, como viver, nestas condições, os delicados momentos de despedida de nossos entes queridos (as).

As tensões religiosas têm aumentado ultimamente. Constatamos divisões no âmbito da Igreja e da própria VRC. É uma realidade da qual não podemos mais eludir. A questão fundamental que precisamos colocar é: qual o profetismo que nos cabe neste momento como religiosas e religiosos? É um momento de discernimento, posicionamento e ação.

A sociedade acreditou por muito tempo que seria capaz de controlar a natureza por meio da tecnologia, mas o vírus nos colocou de joelhos. O que percebemos hoje, devido à globalização, que as conexões entre as vidas humanas são muito mais fortes do que imaginávamos. O bem-estar sanitário nosso também é o do vizinho. Uma consciência compartilhada de imunidade torna-se imprescindível. Mais

do que independência é interdependência, que requer um compromisso pessoal e comunitário voltado à proteção mútua.

Durante o período da pandemia também presenciamos lamentáveis acontecimentos contra os povos indígenas e os negros (as). O racismo outra vez mostrou seus tentáculos mais sórdidos, tanto em nosso país quanto em outras nações. Há uma “episteme” racista que precisa ser desconstruída. É imprescindível superar o negacionismo, romper com os pactos de silêncio e a falácia da democracia racial. A crise sanitária provocada pelo coronavírus também expôs a vulnerabilidade das populações indígenas, que veem os casos de mortes e infecções aumentarem, sem o devido acesso à assistência que as proteja do risco de extermínio. Por isso, é tão importante apoiar projetos como “A Amazônia precisa de você” e movimentos como “Vidas Negras Importam”. As novas gerações de negros e negras contam conosco para romper o silêncio que também perpassa a vida eclesial e religiosa.

Impactos na Vida Religiosa Consagrada

O período da pandemia possibilitou, entre outros aspectos, mais tempo para cuidar de si,

conviver, rezar calmamente, desfrutar as refeições e outros momentos comunitários. Relações humanas mais abertas favoreceram o diálogo, inclusive intergeracional. Contudo, onde as relações comunitárias já estavam tensas e difíceis, afloraram ainda mais as fragilidades emocionais. Isso pode ser visto, por exemplo, no aumento dos casos de depressão e no uso de medicamentos controlados.

A área da missão foi significativamente afetada pela Covid-19. Esse impacto vai desde a manutenção das comunidades, a viabilidade das obras, passando pelo nosso “modus operandi”, e a eficácia apostólica. A manutenção das comunidades que vivem basicamente do trabalho pastoral ou das paróquias tornou-se problemática. Não me nos preocupante é a situação das redes educacionais ou de saúde. Não se trata apenas de viabilidade econômica, mas também de como manter a coerência de valores e princípios, num período de ajustes.

Uma temática que ficou escancarada neste conjunto de crises é a falta de lideranças. Na sociedade civil, constatamos, atônitos, o descontrole do Governo Federal. Um governo incapaz de dialogar, unir a sociedade em busca de alternativas e gerar consensos para enfrentar uma situação complexa e preocupante. Pelo contrário,

o que vemos são planteamentos destemperados, que causam mais divisão, ódio e aumentam a dor e o sofrimento. Essa situação política provocada pelo Governo Federal não somente é constrangedora para o país, mas também tem consequências maléficas para o conjunto da sociedade, de modo particular para os pobres. No campo eclesial percebemos a ausência de posicionamentos claros, fortes e proféticos. Esse vazio é preocupante na medida em que a Igreja tem uma importante função na formação da cidadania comprometida com a transformação social.

Oportunidades e compromissos

Os conturbados tempos da Covid-19 também podem ser uma oportunidade, por paradoxal que isso possa parecer, para avançar no essencial da VRC. Como diria Santa Teresa de Ávila: “Não é tempo de nos ocupar de coisas de pouca importância”. Durante esses meses tivemos que ficar mais tempo em casa e trabalhar online. Sentimos que diversos modos de compreender elementos constitutivos ou importantes de nossa vida de consagradas (os) foram, podem ou devem ser reconfigurados. A título de exemplo, podemos

mencionar a vida comunitária, o uso do tempo, a espiritualidade, o espaço sagrado e as modalidades de presença. Quem sabe percebemos melhor agora as nossas limitações, fragilidades e a importância do cuidado. A cruz que acompanha nossas vidas emerge das mais variadas formas. Somos convidadas (os) a viver esse período desde o Mistério Pascal. Ou seja, assumir a cruz desde a perspectiva da res-surreição, diante de tantos sofrimentos e mortes que estamos acompanhando.

Em relação à espiritualidade, notamos certo esgotamento de ritos e da criatividade litúrgica. Contudo, há uma sede de algo mais profundo e autêntico. É necessário buscá-lo. Respostas prontas e modelos estereotipados já não satisfazem. É importante constituir novas narrativas configuradoras de sentido, que integrem mística-espiritualidade, profecia, relações humanizadoras, solidariedade compassiva, etc.

A pandemia é uma oportunidade para parar, refletir, rezar e dar uma resposta como VRC. A VRC está repleta de histórias e de testemunhos de superação. Situações difíceis, onde o barco parecia que, inevitavelmente, iria afundar, foram oportunidades para configurar novos horizontes de fidelidade ao Deus da vida,

que conduz tudo com suavidade e sabedoria. Dentro da perspectiva místico-profética que assumimos como religiosas (os), acreditamos que o Senhor nos conduzirá por novos caminhos onde o vinho novo do Reino anime a festa da vida. Não podemos abandonar tantos rostos de indígenas, negros, moradores de rua, crianças e idosos que o Senhor coloca em nossas vidas.

Ao considerar os desafios destacamos a questão da missão em suas mais diversas expressões. Diante deste contexto desafiador somos convocados a descortinar no-vos horizontes, estratégias e modalidades de presença. É uma oportunidade privilegia-da para repensar formas tradicionais de missão, por mais difícil e sofrido que possa parecer. Podemos, por exemplo, vislumbrar novas modalidades de educação, de saúde ou em relação às grandes obras que animamos? Quais são os possíveis caminhos de reconfiguração?

Na Carta Encíclica – Laudato Si, o Papa Francisco insiste na “relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está interligado” (LS 16). O quadro da pandemia mostra o quanto o desequilíbrio ambiental pode ser funesto, atingindo a todos, mas afetando principalmente os mais pobres. Por isso, é hora, e é agora, de inserir

em nossas agendas de missão o cuidado da Casa Comum.

Uma das prioridades deste triênio da CRB nos convida “a escutar a voz de Deus nos pequenos sinais de vida, que nos chama a anunciar, denunciar e testemunhar a esperança do Reino”. É maravilhoso perceber tantos gestos de solidariedade, presenças, iniciativas que a VRC está desenvolvendo, de modo particular com os mais pobres e vulneráveis. São gestos, muitas vezes simples, mas importantes. Além disso, não podemos deixar de mencionar iniciativas como “Amazônia precisa de você” e outras, que ultrapassam as fronteiras congregacionais. Intensificar e estender esse tipo de iniciativas fortalece o testemunho e a missão da VRC.

O contexto atual de pandemia requer de nós uma vida saudável, capacidade de transmitir esperança, ternura, paz, alegria e serenidade. Por isso, é importante não nos contaminar com o ritmo frenético e caótico das redes sociais que literalmente invadem tudo. Algo muito simples, mas importante, poderia ser, por exemplo, estabelecer um ou dois momentos diários para nos atualizar quanto às notícias e depois desconectar-nos. Provavelmente ganharíamos muito em qualidade de vida afetiva, espiritual, comunitária e apostólica.

As tecnologias digitais mostraram toda a sua relevância neste tempo de pandemia. Não se trata apenas de avançar no seu uso, mas de efetivamente apropriar-nos de sua linguagem e das possibilidades que nos podem proporcionar. São mais do que dispositivos de comunicação porque nos inserem em um novo horizonte cultural. Através delas podemos ser mais proativos, estabelecer pontes e marcar presença em espaços que de outro modo seria bastante difícil. Como religiosas e religiosos estamos realmente dispostas/os a apropriar-nos destas novas tecnologias e desta nova perspectiva cultural?

Como religiosas e religiosos somos chamados a ser na sociedade uma presença do Evangelho. Mais do que palavras, testemunho; mais do que proclamações, serviço. Quem sabe, a perspectiva poética de Dom Pedro Casaldáliga pode nos iluminar: “é tarde, mas é madrugada se insistirmos um pouco. Para fazer o futuro é todo o tempo que temos disponível”. Não podemos perder este Kairós para buscar novos horizontes, estabelecer novos itinerários, reconfigurar nossas vidas, reorganizar nossas instituições para que o sonho de Deus brilhe no rosto dos pobres e dos excluídos. Como ser Igreja “em saída” de discípulos missionários que “primeiriam”, que se envolvem, que acompanham, que

frutificam e festejam? (Evangelii Gaudium, 24)

Diante destes cenários sombrios e desafiadores é hora de somar forças, crescer na articulação institucional, sintonizar e apoiar as iniciativas da CRB, da CNBB, da ANEC e de outras instituições da Igreja e da sociedade. Como dizíamos no início, o que está acontecendo é trágico, inquietante, devastador. Unir forças é fundamental para configurar um horizonte de esperança no qual os valores do Reino possam constituir uma realidade tangível.

A CRB Nacional, com a colaboração da Equipe Interdisciplinar, durante os próximos meses pretende aprofundar essa reflexão, propor itinerários formativos e indicar perspectivas para a nossa vida e missão.

Inspirados em Maria

Convidamos as religiosas e religiosos, inspiradas/os em Maria, a colocar-se em silêncio orante, escutar e discernir a voz de Deus nestes tempos sombrios, desafiados e de oportunidades. Que a sua abertura e disponibilidade ao projeto do Reino nos ilumine para viver nossa mística profético-sapiencial onde a vida clama. Iluminadas/os por seu itinerário de fé, saibamos sair das zonas de conforto, incertezas e dúvidas, para assumir com renovado ardor o seguimento de Jesus Cristo.

Brasília/DF,
14 de julho de 2020.

Memória de São Camilo de Lellis

*Padroeiro dos enfermos, dos hospitais
e dos profissionais da saúde*



Foto: Equipe Interdisciplinar da CRB Nacional

Agradecimentos

47

Agradecemos de coração a presença da Irmã Clotilde Prates de Azevedo, da Congregação das Irmãs Apostolinas-IA, na animação das Juventudes e Novas Gerações da CRB Nacional.



Como Assessores/as e Presidência da CRB Nacional desejamos a todos e todas um Feliz e Santo Natal e um Ano de 2021 repleto de esperança!



PROMOVER RELAÇÕES HUMANIZADORAS DE TERNURA

RAFAEL LOPEZ VILLASEÑOR¹

Resumo

A reflexão deste texto tem como finalidade aprofundar a quarta prioridade do Plano de Ação Nacional, da Conferência dos Religiosos do Brasil, para o triênio de 2019 a 2022, que convida os religiosos e as religiosas a *tecer relações de ternura, de fraternidade/sororidade como expressão de uma nova forma de convivência como capaz de superar o individualismo e a dominação.*

¹ Padre. Provincial dos Missionários Xaverianos do Brasil Sul. Membro da equipe interdisciplinar da CRB nacional. Tem mestrado em Ciências da Religião e Doutorado em Ciências Sociais pela PUC-SP.

A seguir reflexionamos cada questão da prioridade que nos parece importante.

Palavras-chave: relações, sororidade, sinodalidade, subjetivismo

Introdução

A Vida Religiosa Consagrada vive inserida em uma época de grandes transformações, em que os desafios se multiplicam e os enigmas aumentam. Existem incertezas, medos e inseguranças, como o decréscimo das vocações,

o envelhecimento humano, as saídas de consagrados/as jovens e de média idade. As relações humanas na vida comunitária são fragilizadas por mágoas, competição, ironia e rigidez. Os vínculos comunitários são misteriosos, conflitantes, inseguros e ambivalentes. Ao mesmo tempo, existem muitos sinais de criatividade, de fraternidade/sororidade, de vitalidade e de solidariedade, que trazem esperança e paixão para Vida Consagrada. Nesta conjuntura, somos desafiados a promover relações humanizadoras de ternura, buscando a ressignificação da vida comunitária, para melhor responder aos desafios atuais, sendo sinais de vida e esperança.

Tecer relações de ternura e fraternidade/sororidade

As relações fraternas, muitas vezes, são fragilizadas por mágoas acumuladas, competição, ironia e rigidez. A comunidade ideal não existe, apenas a real, com pessoas humanas, imperfeitas, santas e pecadoras, a partir dessa realidade devemos tecer relações fraternas, tendo como finalidade a construção do Reino de Deus, sem criarmos idealismos comunitários, sem construir castelos de areia, que idealizem a comunidade como uma vida sem conflitos, sem incoerências, sem patologias.

Quando há conflitos na comunidade, o individualismo, a televisão e a inserção nas redes sociais parece ser o artefato mais comum para fugir da realidade, dos desafios comunitários, refugiando-se no mundo virtual, tentando evadir os problemas, camuflando-se no mundo ilusório, desligando-se da comunidade local. O uso das novas tecnologias tem muitos aspectos positivos, porém jamais pode ser uma maneira de fugir da vida comunitária.

Tecer relações humanizadoras de ternura e fraternas significa respeitar a singularidade e a individualidade, sem cair no individualismo, nem no subjetivismo, respeitando os ritmos, as procedências, as idades e as pessoas, desta maneira crescendo nas relações humanas e fraternas. Hoje em dia, a Vida Religiosa é intergeracional e intercultural, formada de religiosos de diversas gerações, com diversas idades, com diferentes culturas, proveniências e formações, por isso perante este desafio, deve existir sempre uma atenção fraterna para cada pessoa na construção dos laços comunitários.

Estamos cientes de que cada religioso tem características próprias e estabelece as regras em relação a si mesmo e aos demais. Mas também cada religioso está sujeito às mudanças vindas do interior e do exterior, como filhos do próprio tempo e

cultura. Além disso, cada pessoa é única na sua especificidade, na diferença cultural, econômica, social, entre outros aspectos. Nunca se tem em mãos todos os aspectos de cada indivíduo, nem de cada geração no conjunto para que seja bem compreendida por todos na vida comunitária.

Na época presente, na Vida Consagrada, há um aumento de religiosos da terceira idade e a diminuição da juventude. Portanto, há a necessidade de redesenhar o processo fraterno de acompanhamento, tanto dos idosos quanto dos jovens. É necessário garantir as condições necessárias para que cada religioso/a possa viver o sentido da consagração dentro da missão e da realidade social em que está inserido. Portanto, os sentimentos do presente momento, os valores, o sentido da vida social e comunitária são o resultado da elaboração da própria história passada, conforme as características humanas físicas, psíquicas e espirituais.

No processo das relações

É necessário garantir as condições necessárias para que cada religioso/a possa viver o sentido da consagração dentro da missão e da realidade social em que está inserido.

comunitárias, é preciso valorizar cada religioso/a como dom precioso e único a ser acolhido, escutado, acompanhado e nutrindo, levando em conta as características próprias. Precisamos reconhecer o valor de cada faixa etária, cultura e procedência de modo que todos sejamos capazes de dar testemunho do Deus da Vida no meio do povo, na construção do Reino de Deus.

As relações humanizadoras são uma construção em conjunto, dependem de cada consagrado em quem deve resplandecer o vigor, a doação e a alegria de quem optou por ser discípulo missionário de Jesus Cristo. Em outras palavras, o chamado não é um projeto acabado, mas a vocação é renovada sempre de acordo com as diversas conjunturas vividas. A formação na Vida Consagrada nunca termina, ela é permanente e continuada. Todas as fases da existência humana são processos, o que significa que viver bem a etapa anterior, possibilita a boa vivência da seguinte, resguardando da melhor maneira a qualidade humana e evangélica.

Caminhar na sinodalidade

O pontificado do Papa Francisco se caracteriza pelo trabalho de descentralização e pelo esforço de constituir e fortalecer a sinodalidade eclesial. Sem dúvida, uma

A formação na Vida Consagrada nunca termina, ela é permanente e continuada. Todas as fases da existência humana são processos, o que significa que viver bem a etapa anterior, possibilita a boa vivência da seguinte, resguardando da melhor maneira a qualidade humana e evangélica.

das grandes marcas de Francisco é a retomada de uma Igreja sinodal. Esta retomada traz à tona a eclesialidade do Concílio Vaticano II, que valorizou as Conferências Episcopais e a Sinodalidade como Igreja que caminha junto. O Papa vem construindo uma Igreja participativa na qual todos posamos compartilhar caminhando juntos, superando os tabus, os medos e as dificuldades, sendo o Evangelho a Boa Notícia para toda a Humanidade.

A palavra **Sinodalidade** é um substantivo que vem da palavra sínodo e do adjetivo sinodal. A palavra Sínodo é composta pela proposição “*sýn*”, junto, e pelo substantivo “*hodós*”, caminho, significando um caminho feito em conjunto. Entretanto, a Vida Consagrada também precisa ser sinodal, caminhar juntos, mexer com os contornos institucionalizados, que geram resistências e dificuldades na superação das

estruturas caducas do individualismo e do personalismo. Porém, sem qualquer sombra de dúvidas, o caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja e da Vida Consagrada no Terceiro Milênio.

Caminhar na sinodalidade significa conhecer a realidade que vivemos e discerni-la em comunidade, possibilitando a criação de novos caminhos e estruturas, que possam ser descentralizados, circulares, humanizadores e fraternos, superando as relações piramidais de dominação nas instituições. Sem o diálogo, a participação e o discernimento não pode existir sinodalidade, nem vida comunitária, mesmo que vivamos no mesmo teto, sentemos na mesma mesa, tenhamos horários e atividades em comum.

O estilo fraterno, como característica fundamental da vida comunitária e a escuta recíproca, faz com que a sinodalidade constitutiva se torne efetiva, criando processos mais fraternos e abertos, o que inclui que todos estejamos atentos às expectativas e às necessidades da realidade. Ao lado da sinodalidade informal, como parte da escuta recíproca e da corresponsabilidade missionária, é necessária também a prática mais formal, de maneira especial no serviço da autoridade.

Caminhar na sinodalidade significa conhecer a realidade que vivemos e discerni-la em comunidade, possibilitando a criação de novos caminhos e estruturas, que possam ser descentralizados, circulares, humanizadores e fraternos, superando as relações piramidais de dominação nas instituições.

O diálogo, a comunhão e a escuta são o caminho no processo sinodal da vida comunitária, mas também é indispensável a consulta formal e informal, desenvolvendo procedimentos decisórios. As características principais da sinodalidade são a corresponsabilidade, descentralização, circularidade e discernimento no serviço da autoridade. Em vez de rigorismos e atitudes que geram distanciamentos diante das crises da existência humana, devemos criar gestos de aproximação, misericórdia e perdão.

Uma Vida Religiosa sinodal é motivadora para superar constantemente toda atitude negativa que possa limitar a eficácia da nossa missão. Os caminhos da sinodalidade se fazem na constituição de uma espiritualidade sólida e exigente, onde não se permite qualquer obediência infantil a autoridade, mas posturas de maturidade e liberdade.

Assim sendo, o amor trinitário é o modelo de constituição dos caminhos da sinodalidade².

A sinodalidade é uma das dinâmicas de reforma das estruturas da Igreja e da Vida Religiosa, de maneira especial no caminho do paradigma da missão das nossas congregações. Porém, é um caminho desafiador a ser percorrido não apenas por nós religiosos, mas por toda a Igreja. Constitui a superação do individualismo, do personalismo e autoritarismo, promovendo relações humanizadoras circulares. Enfim, somos convidados a compartilharmos a fé, o compromisso apostólico, as esperanças, as alegrias, as preocupações, os desafios, os bens tanto espirituais como materiais.

Existe muitos desafios na constituição do processo sinodal, mas devem ser vencidos por meio do exercício do discernimento, tanto pessoal como comunitário. É necessário o treinamento para trilharmos novos caminhos de comunhão e participação, sendo perseverantes no enfrentamento das dificuldades, o que ajudará na criação de um novo ardor missionário, próprio da vida e da espiritualidade de comunhão, de participação, de colegialidade e de sinodalidade.

² Cf. NOBRE, José A. Os desafios da Sinodalidade retomados por Francisco. Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura - Ano XVI, n. 58. São Paulo: Paulinas p. 84-92. Disponível: www.ciberteologia.com.br. Acesso 20 de dezembro de 2020.

Os desafios da vida comunitária na atualidade

Formar comunidade é um processo desafiador, não significa apenas morar na mesma casa religiosa, nem ter os mesmos horários comunitários, é necessário também ter um projeto comunitário de vida com objetivos comuns, metas bem definidas, prioridades básicas que favoreçam a superação do individualismo e de possíveis fugas da comunidade. Viver em comunidade é um aprendizado cotidiano, um desafio, um ato de misericórdia cotidiano. Constitui superar limites e ir além dos interesses pessoais, olhar mais para o “nós” e menos para o “eu”, sabendo que a comunidade é o espaço privilegiado para criar relações misericordiosas de comunhão fraterna.

Criar relações humanizadoras e fraternas exige maturidade, capacidade de entrega e doação. Porém, as comunidades tornaram-se mais complexas em tempos das redes sociais, em um mundo globalizado, muitas vezes estabelecidas com base em novas lógicas de tempo e de espaço, dentro da rapidez dos processos de transmissão informacional, formando comunidades extraterritoriais ou virtuais, trazendo transformações na sociabilidade da Vida Consagrada.

Os conflitos comunitários fazem parte do ser humano, eles devem nos ajudar a amadurecer e a crescer na fraternidade/sororidade. Mas infelizmente, o indivíduo moderno insaciável por relacionar-se, ao mesmo tempo em que busca uma relação, e desta maneira repudia a solidão, não abre mão de sua liberdade, e para manter a liberdade permanece na relação, entretanto com uma outra configuração virtual. Deste modo, temos um novo modelo de relação social líquida online. Ainda, o indivíduo moderno busca o outro por medo da solidão, mas mantém o outro a uma distância que permita o exercício da liberdade. Diante da dúvida é que o outro e o eu se relacionam. Toda relação oscila “entre sonho e o pesadelo e não há como determinar quando um se transforma no outro”³.

As novas tecnologias nos levam para relações humanas contraditórias, cada vez mais flexíveis e líquidas, gerando níveis de insegurança e ambivalência. Os seres humanos estão dando mais importância aos relacionamentos pelas redes sociais do que as presenciais, que podem ser desmanchados a qualquer momento. E isso não ocorre apenas nas relações da sociedade e vínculos familiares, mas também na vida comunitária.

3 BAUMAN. Amor líquido, sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 2004.. p 8.

As redes sociais pautadas que são na relativização do tempo e do espaço, na mudança das concepções de esfera pública, na construção de novas realidades sociais, na estipulação de novas interações entre local e global, criam relações efetuadas a partir da simples inserção na rede, estabelecendo vínculos fundados em interesses comuns e criando no ciberespaço a busca efetiva por uma conexão social ambivalente. As novas tecnologias abrem novas possibilidades, novas ambivalências, novas maneiras de relacionamento, atuação, educação e evangelização entre os jovens. As barreiras geográficas e temporais são praticamente eliminadas, tudo corre muito rápido⁴.

As relações virtuais nunca podem substituir as relações presenciais comunitárias, como o “sentar-se à mesa”, ou olhar o rosto das pessoas e ter uma conversa face a face. “Neste tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a mística de viver juntos⁵”. Essas atitudes são fruto do líquido mundo moderno, pois construímos e sustentamos as referências comuns de nossas

4 Cf. VILLASENOR, Rafael L. Redes Sociais e novas fronteiras da Vida Religiosa Consagrada. In SUSSIN, Luiz. Vida Religiosa Consagrada em processo de transformação. São Paulo: Paulinas, CRB. 2015. p. 80-103.

5 FRANCISCO, Evangelii Gaudium, n. 87

identidades em movimento⁶.

O caminho de crescimento comunitário passa pela correção fraterna, mas é necessário o autocohecimento que evite a projeção dos defeitos, purifique o olhar, elimine as distorções e enganos e, ainda, permita a compreensão e a criatividade com os outros. Supõe ser corajoso, sem ter medo do conflito ou possíveis reações. Na correção fraterna é necessário, acima de tudo, a misericórdia com um bom nível da autoestima que permita “se expor”, aceite e pondere o que foi dito sem fazer um drama das pequenas ou grandes críticas. Mas ter o desejo de melhorar; de mudar, sabendo que os outros veem dimensões de minha vida que eu não posso ver, o que ajudará na superação do individualismo comunitário.

Na comunidade, a existência de conflitos e incompreensões são comuns, mas é necessário enfrentá-los. É na vida comunitária que somos chamados a crescer na misericórdia, na paciência e na caridade perfeita. Concordamos que não existe o modelo de comunidade perfeita sem conflitos e desafios; nela devem ser integradas as diferenças e dificuldades. Porém, criar um clima de confiança ajuda a formar um ambiente de liberdade e responsabilidade. Quando a

6 BAUMAN. A sociedade individualizada, vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 2008

comunidade construí uma atmosfera de respeito, tolerância, abertura, escuta e afeição incondicional, está possibilitando um clima de crescimento e de fraternidade/sororidade sadia, superando o individualismo comunitário e a fuga das novas fronteiras tecnológicas.

A comunidade precisa ser o lugar de formação permanente de educação à vida, de relacionamentos, ao senso de alteridade, à capacidade de aceitação do diferente e do pecador, a superação do egocentrismo infantil e do narcisismo da adolescência, aquilo que me faz pretender que os outros sejam perfeitos.

Compreendemos que a comunidade é um Dom e uma Graça de Deus para a Vida Religiosa, formada por mulheres e homens normais, que vivem juntos, não por vínculos de sangue e afinidades naturais, mas apenas porque existe o mesmo chamado

É na vida comunitária que somos chamados a crescer na misericórdia, na paciência e na caridade perfeita. Concordamos que não existe o modelo de comunidade perfeita sem conflitos e desafios; nela devem ser integradas as diferenças e dificuldades.

e a mesma vocação para servir ao Reino, desafiando as leis da convivência humana e os critérios eletivo-seletivos. Na vida comunitária religiosa, cada indivíduo é capaz de se relacionar com o semelhante apenas pelo fato de se consagrar a Deus, vivendo juntos com pessoas que não foram escolhidas por vínculos humanos para viver uma relação, uma fraterna mais tenaz, humanizadora e resistente, que qualquer diferença de caráter, raça, nacionalidade, idade, experiência e cultura.

A superação das relações de dominação

Até uns anos atrás, a obediência era totalmente hierárquica, tinha que ser pronta, generosa e cega, quem obedecia nunca errava; era o costume tradicional de entender voto de obediência, criando relações de poder e dominação. Consistia na submissão do religioso/a à vontade das ordens do superior/a de forma contida. Esta maneira era vista como virtude e como busca da vontade de Deus. Entendendo-se a autoridade como procedente, de Deus: *“Não há autoridade que não venha de Deus”* (Rm 13, 1), portanto, como legítima, renunciando aos próprios projetos, anseios e desejos.

Após o Concílio Vaticano II, o modelo piramidal e tradicional de viver o voto de obediência não deveria funcionar mais. Hoje a pessoa apresenta como foco o individualismo, o consumismo e o subjetivismo, com três categorias fundamentais que são a autonomia da consciência, a singularidade do indivíduo e a dignidade humana de cada pessoa. O individualismo acaba sendo incentivador do surgimento da autonomia do sujeito em que cada indivíduo tem a tarefa de se auto constituir como sujeito no exercício de sua liberdade⁷.

Na atualidade, o exercício da autoridade é visto como serviço, o que exigem a estima recíproca e o diálogo fraterno, tomando decisões participativas, este caminho é mais difícil e desafiador, entretanto mais de acordo com os princípios do Evangelho (Cf. Jo, 13,13-17). Inclusive, algumas Congregações passaram a usar outros termos no lugar de “Superior/a” como Animador/a ou Coordenador/a, criando a possibilidade de dar uma nova ressignificação ao serviço da autoridade, por meio de modelos mais participativos, circulares e menos piramidais ou hierárquicos.

7 Cf. ROCCA, Susana & ANDREATTA, Cleusa. A circularidade e os diversos modelos de exercer o poder. In SUSSIN, Luiz. Vida Religiosa Consagrada em processo de transformação. São Paulo: Paulinas, CRB. 2015. p. 226-242.

Não se pode exercer a autoridade ou o poder por satisfação pessoal, por vontade própria ou por mera capacidade. Sempre é necessário o rodízio no serviço da autoridade, fazendo uma revisão pessoal e comunitária ajudando a purificar a tentação de onipotência de quem centraliza tudo em si mesmo e não possibilita a participação dos outros e outras, tanto pela negligência de quem abre mão do que lhe compete e, quanto consequência, deixando à deriva outras decisões.

Contudo, não podemos esquecer que a Vida Religiosa está regulada por uma estrutura hierarquia dirigida pelo Direito Canônico, as Constituições, os Estatutos e Normas. Apesar disso, é necessário, na vida cotidiana, o crescimento no processo de partilha e de diálogo comunitário. Precisa-se de tempo, dedicação e disposição para realizar um processo de discernimento comunitário que permita ler os sinais dos tempos como sinais de Deus, na prática e missão da comunidade. Este desafio nem sempre é assumido de maneira comunitária, porque muitas vezes é mais cômodo que o “Superior/a” decida por todos/as, sem a participação necessária. O risco de uma decisão única, hierárquica e piramidal, é a falta de visões diferentes, o que pode ocasionar que nem sempre se tenha uma adesão total, nem se

tomem as melhores decisões, pelo fato de não estarem todos envolvidos no processo decisivo.

A/O religioso/a que é pedido ou escolhido/a para o serviço da autoridade tem a missão antes de tudo, ser sinal de unidade, participação e comunhão, incrementador/a da comunidade religiosa, criando relações circulares de igualdade e fraternidade/sororidade. Deste modo, fazendo da comunidade o lugar de participação e comunhão, de responsabilidade e conversão de perdão e festa, de misericórdia e discernimento.

Todavia, não podemos deixar de ponderar as patologias que podem ser criadas nas relações dominadoras, que desvirtuam a Vida Consagrada e que precisamos ser superadas. Entre muitas outras condutas patológicas, encontramos a pessoa: **utilitarista** que usa as pessoas para obter vantagens e as descarta quando não são úteis; **prepotente** que põe o seu poder acima de todos, fazendo tudo girar ao redor dele; **fundamentalista** que se acha senhor/a da verdade com o direito de submeter, julgar, condenar e dominar as consciências; **corrupta** que oferece e obtém vantagens e privilégios em benefício próprio; **vingativa** que procura no momento adequado para a retaliação e a revanche; **insubstituível** que não consegue

ver a realidade sem ela estar no domínio; **mediocre** que faz tudo de qualquer jeito, sem um projeto ou objetivo definido; **paternalista** que se comporta como protetor, sem deixar crescer os dons dos membros da comunidade; **sutil** é habilidosa, deixa entender que o grupo manda, mas ele controla tudo. Os casos patológicos induzem para os abusos, pelas quais as pessoas são expostas a situações desumanas e aéticas; impondo-se pela intimidação ou ameaça, criando situações insustentáveis; provocado remoções para desestabilizar; comprometendo a imagem do outro com boatos; inclusive, pressionando para obter favores sexuais; entre tantas atitudes patológicas⁸.

Ainda que nas últimas décadas tenham aparecido uma série de abusos de poder como o assédio moral, sexual, pedofilia, coerção... A Igreja foi afetada duramente por escândalos de abusos sexuais de menores cometidos por sacerdotes com efeitos devastadores. O desafio da Igreja e da Vida Consagrada é a superação das relações de dominação, de maneira especial, a luta contra a patologia dos abusos sexuais de criança e adolescentes. O Papa Francisco adotou tolerância zero no caso da pedofilia de maneira muito rígida e severa.

8 Cf. DAROS, Lauro. O perigo do poder no seio da Vida Religiosa Consagrada: Libido. Disponível: <http://crbnacional.org.br>. Acesso 17 de dezembro de 2019.

A orientação dada para ajudar em caso de abusos sexuais de menores, é de dar assistência e escutar as vítimas; cooperação com as autoridades civis; dar apoio para todos aos acusados; educar as pessoas para que todos possam agir imediatamente; inclusive, dar maior atenção à dimensão humana e espiritual na formação inicial no campo da afetividade e sexualidade dos futuros sacerdotes e religiosos.

Conclusão

Quando existem abusos de menores, é preciso combinar justiça e misericórdia, levando o criminoso a pagar pelo delito sem querer livrar-se de forma irresponsável do abusador; denunciar por escrito à autoridade eclesial, e em casos que o responsável

não tomar providências, pode, inclusive, responder por omissão; deve-se agir de maneira jurídica. Com relação à vítima, é importante a escuta respeitosa, sem abafar o caso. Infelizmente, quando acontece o abuso dentro do clero ou da Vida Religiosa, a vítima fica gravemente ferida porque o abusador é um “representante de Deus”. Os crimes de abusos causam danos físicos, psicológicos e espirituais prejudicando as pessoas e as instituições.

Infelizmente, continua o desafio de passar de um modelo piramidal e hierárquico na Vida Consagrada para um modelo mais circular e participativo, tecendo relações de fraternidade/sororidade. Esse processo depende muito de uma conversão profunda, além das opções tomadas por cada Congregação, comunidade e pessoa.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO COMUNITÁRIA

1. Como ocorrem as relações de fraternidade/sororidade e de ternura na nossa comunidade Religiosa?
2. Quais são os desafios e enigmas que encontramos na convivência comunitária?
3. O que estamos fazendo para superar o individualismo e as relações de dominação na nossa Congregação?

O PERDÃO NA VIDA DO RELIGIOSO IRMÃO

IRMÃO OTALÍVIO SARTURI¹

Resumo

O plano divino de salvação da humanidade se desenvolve numa história de aliança. A fonte desta realidade está na comunhão do Filho com o Pai, no dom do Espírito Santo.

¹ Religioso Marista. Mestre em Teologia Espiritual pelo Pontifício Instituto di Spiritualità de Roma. Lecionou Teologia Espiritual na Escola para Formadores em Florianópolis. Foi coordenador e professor de Teologia Espiritual e Bioética, do Curso de Ciências Religiosas, em Florianópolis. Autor de Colonização Italiana em Castelhana, O Lado Cômico da Vida Marista, Memórias da Vida Marista, Canções do Coração, Livres na Verdade e no Amor, A Nobre Arte de Perdoar, Viagens Sobre Cavalgadas e Águas do Rio Uruguai. Membro da equipe formadora, no Noviciado Marista de Cochabamba.

O religioso irmão encontra ali o significado de sua vocação. Assumindo a Vida Consagrada, como membro do povo e da missão da Igreja, vive o chamado a ser memória da aliança.

A fortaleza da Vida Consagrada está na experiência relacional e apaixonada por Jesus Cristo, que viveu o amor e o perdão.

O amor fraterno, que o religioso irmão busca viver, expressa-se por meio da acolhida, do diálogo, do respeito e, especialmente por intermédio do perdão.

O fio condutor do texto consiste em apresentar a dimensão

do perdão na vocação do irmão religioso, com destaque a Jesus Cristo, experiência de Deus amor e perdão e o essencial para a vivência do perdão.

Palavras Chave: Irmão, Jesus Cristo, Vida Consagrada, perdão.

Introdução

O ser humano encontra-se diante do mundo que, às vezes, pode dar a impressão de que a violência, o ódio, a vingança e a guerra são realidades normais da vida. No entanto, ele tem em si mesmo a capacidade de gerar paz, estabelecer laços de comunhão, abrir o seu próprio coração para perdoar.

Embora nem sempre seja fácil concretizá-lo, são tantas as pessoas que, sintonizadas com Deus, longe de manter ódio e desejo de vingança, vivem experiências significativas de misericórdia.

O religioso irmão, chamado a seguir Jesus Cristo, segundo o carisma da sua congregação, apesar dos desafios peculiares que a vida lhe apresenta, é convidado a viver o amor, a comunhão, a misericórdia no cotidiano da vida.

Sabe-se que o plano divino de salvação da humanidade se desdobra numa história de aliança. A fonte desta realidade está na

comunhão do Filho com o Pai, no dom do Espírito Santo. Essa comunhão é o modelo, fonte e meta da comunhão dos cristãos entre si. O religioso irmão encontra ali o significado profundo de sua própria vocação.²

João Paulo II assim se expressa: “Só no interior do mistério da Igreja como mistério de comunhão se revela a identidade dos fiéis leigos, a sua original dignidade. E só no interior dessa dignidade se podem definir a sua vocação e a sua missão na Igreja e no mundo”.³

O religioso irmão, assumindo a Vida Consagrada que “não constitui um estado intermediário entre o clerical e o laical” (LG 43),⁴ como membro do povo e da missão da Igreja, vive o chamado a ser memória da aliança, por meio da sua consagração a Deus numa vida fraterna, em comunidade, para a missão, tornando mais visível a comunhão que o Povo de Deus é chamado a encarnar.⁵

A fraternidade é a pérola que os religiosos irmãos cultivam com cuidado especial. Desta forma, são, para a comunidade eclesial,

2 Cf. Congregação para os Institutos de Vida Consagrada. *Identidade e Missão do Religioso Irmão na Igreja*, São Paulo: Paulinas, 2016, p. 12.

3 JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação Apostólica Christifideles Laici*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 23.

4 Cf. *Lumen Gentium* 43. *COMPÊNDIO do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 2000.

5 JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação Apostólica Christifideles Laici*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 12.

memória profética de sua origem e estímulo para retornar a Ele.⁶

O nome de “irmãos” designa o que estes religiosos assumem como missão fundamental de sua vida: “são chamados a ser irmãos de Cristo, profundamente unidos a Ele; irmãos entre si pelo amor mútuo e pela cooperação para servir ao bem da Igreja; irmão de todo homem e mulher pelo testemunho da caridade de Cristo para com todos; especialmente para com os mais necessitados; irmãos para fazer que reine na Igreja a fraternidade maior”.⁷

A fortaleza da Vida Consagrada está na experiência relacional e apaixonada por Jesus Cristo. Os fundadores e fundadoras, primeiros em cada instituição religiosa a consagrar suas vidas, foram homens e mulheres que viveram intensa experiência espiritual. Essa foi a realidade profunda que lhes dava força, coragem, fé e luz para viverem uma vida alternativa. Espiritualidade supõe entrega, comunhão, amor a Deus e espírito de reconciliação com o próximo.⁸

6 Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. *Identidade e Missão do Religioso Irmão na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 22.

7 Cf. JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação Apostólica pós-sinodal Vita Consecrata*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1996, p. 93.

8 Cf. SUSIN, Luiz Carlos (org.). *Vida religiosa consagrada em processo de transformação*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 42. Do artigo “Do porto seguro a um tempo de provação, da incerteza à esperança pascal, de Luiz Augusto de Matos.

O nome de “irmãos” designa o que estes religiosos assumem como missão fundamental de sua vida: “são chamados a ser irmãos de Cristo, profundamente unidos a Ele; irmãos entre si pelo amor mútuo e pela cooperação para servir ao bem da Igreja; irmão de todo homem e mulher pelo testemunho da caridade de Cristo para com todos; especialmente para com os mais necessitados; irmãos para fazer que reine na Igreja a fraternidade maior”

O amor fraterno concretiza-se em diversos serviços, capazes de ajudar os cegos a verem, os coxos a andarem, os prisioneiros a se libertarem; expressa-se por meio da acolhida, do diálogo, do respeito e, especialmente por intermédio do perdão.

Quem já não experimentou o que significa ser perdoado por alguém! Diante de uma experiência sincera de perdão, o peso da culpa é aliviado; o medo de não ser acolhido é abrandado; o sentimento de dúvida é suavizado, dando espaço para a confiança; o olhar, antes tenso e carregado, passa a transparecer alegria.

O fio condutor deste texto consistirá em apresentar a dimensão

do perdão na vocação do irmão religioso, onde serão desenvolvidos os seguintes aspectos: esclarecimentos sobre o perdão; a necessidade de perdoar-se; Jesus Cristo, plenitude do amor e do perdão; experiência de Deus amor e perdão; lutas humanas, lutas espirituais e o fator essencial para a vivência do perdão.

Esclarecimentos

Quem já não ouviu a exclamação “Deus me perdoe!”. Essa expressão, quando revela medo, culpa, vergonha e insatisfação, é verbalizada com um sentido distante do verdadeiro significado da reconciliação.

Na condição de criaturas humanas, cometemos erros que atingem os outros ou a nós mesmos; para vivermos bem, necessitamos nos perdoar e ser perdoados. No entanto, estamos sujeitos a confundir a necessidade de perdão, quando se trata de culpa moral ou ética, com sentimentos enganosos de vergonha, também chamada de falsa culpa, ou ainda de culpa psicológica, considerada por psicólogos a causa preeminente de distúrbios emocionais de nossa época.⁹

A postura humilde é a saída para se perdoar, tanto para aquele que cometeu um erro que

prejudicou a alguém, como para aquele que, diante de equívocos ou pequenos fracassos, sente-se culpado ou com vergonha. “A humildade significa aceitar com honestidade tanto a força quanto a fraqueza, o que é fato e o que é ilusão”.¹⁰ Ela se torna uma aliada para admitirmos, quando objetivamente prejudicamos a alguém, ou quando fomos apenas tomados por culpa psicológica, isto é, quando pairam em nós sentimentos de termos prejudicado a alguém, mas não temos nenhuma responsabilidade e, portanto, não há motivos objetivos para nos sentirmos culpados.

Outros autores também colocam a humildade como aliada do perdão. Anselm Grün acredita que para se entender melhor e se dispor a perdoar é fundamental admitir as próprias fraquezas, realidade inerente à natureza humana. Isso supõe humildade, dispor-se a descer do pedestal da imagem pessoal idealizada, curvar-se à própria realidade. A palavra humildade vem do termo latino humilitas e significa que nós devemos aceitar nossa própria natureza terrena, isto é, a quantidade de húmus que existe em nós.¹¹

A palavra perdão é a tradução da palavra grega *aphiemi*, às vezes derivada do verbo *aphiemi*,

9 Cf. MADOTT, Bertha. *Depressão e Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 111.

10 Cf. *Ibid*, p. 110.

11 Cf. GRÜN, Anselm. *Perdoa a ti mesmo*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 41.

que significa soltar, liberar. A palavra latina *dimittere* tem o significado semelhante: mandar embora, dispensar, soltar. A palavra perdão refere-se à culpa e significa uma ativa remissão e libertação dela, enquanto a palavra reconciliar, muito semelhante a perdoar, significa restaurar, restabelecer a paz, apaziguar, aquietar, possibilitar um encontro.¹²

Fica claro que um primeiro significado de perdoar consiste em “abandonar ou soltar o ressentimento”. Somos capazes de nos libertar do sentimento de culpa psicológica, ou seja, de determinada falsa culpa, deixando de nos acusar, que provoca mal-estar, e, até mesmo enfermidades, restituindo assim o valor e a dignidade de sermos pessoas com inegáveis potencialidades, mas sujeitas a fraquezas.¹³

Luis González esclarece outros aspectos, relacionados à realidade do perdão.¹⁴ Primeiramente, alguns consideram que perdoar significa esquecer. A verdade não é essa, porque pode-se recordar o mal sofrido por alguém, mas sem manter a carga de mal-estar, de ódio, desejo de vingança e sofrimento.

Em segundo lugar, perdoar não significa deixar que o mal tenha

12 Cf. *Ibid*, p. 9.

13 Cf. GONZÁLEZ, Luis. *Salud al Perdonar*. México: Duruelo, 2010, p. 61.

14 Cf. *Ibid*, p. 61.

continuidade. Talvez se encontrem motivos religiosos, sociais ou de compaixão para perdoar aquele que tem o hábito de roubar. Isso não significa que não se faça nada para impedir que ele continue praticando as suas ações.

José Pagola salienta que amar o injusto e violento não significa considerar adequada sua atuação injusta e violenta. Condenar de modo taxativo a injustiça e a crueldade não nos deve levar a cultivar ódio em relação a quem as pratica.¹⁵

Além disso, segundo González, perdoar não é condicional. O perdão, por ser uma meta, depende da decisão e do próprio esforço pessoal para concretizá-lo. Se alguém a sujeita a condições, especialmente aquelas que o agressor deve cumprir, o alívio e a libertação, oportunizados pelo perdão, não serão possíveis.

Finalmente, o ato de perdoar não consiste num mero sentimento como, por exemplo, considerar que você se sentirá logo em paz com o outro. O processo de perdoar supõe uma decisão livre e genuína, nem sempre garantida a partir de um aparente alívio emocional.

Quando alguém é vítima de uma ofensa ou de uma injustiça, geralmente reage com

15 Cf. PAGOLA, José. Lucas: *O Caminho Aberto Por Jesus*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 80.

indignação, revolta, abatimento. No entanto, a pessoa tem capacidade para digerir os sentimentos, que podem se manifestar em forma de vingança, segundo o modelo do olho por olho, dente por dente (cf. Ex 21, 24); virando as costas para a pessoa, ou seja, passar a reagir de modo semelhante ao ofensor; em forma de negação, considerando que essas realidades são normais; ou ainda, buscando simplesmente esquecer, como se não tivesse acontecido nada e não tivesse ficado algum tipo de ferida.

Por incrível que pareça, pode-se reagir a uma ofensa com amor (cf. 1Cor 13, 4-8). Agir com amor possibilita perdoar e, tal postura não significa negar as atitudes violentas ou permanecer indiferente ao mal.

Quem consegue perdoar vive experiência espiritual autêntica, porque se encontra sintonizado com o seu eu profundo, isto é, com a sua essência. Assim consegue não apenas superar o eu falso, mascarado e de aparência, mas também reconciliar-se.

Perdão a si mesmo

Não há dúvida de que perdando a mim mesmo, ajuda-me a perdoar aqueles que me “ofenderam”. No entanto, há pessoas que não conseguem efetivá-lo no

cotidiano da vida. Algumas remoem a própria culpa, outras se recriminam por ter agido de modo equivocado ou por ter fracassado.

Meu compromisso não é de evitar todos os erros e nem de ficar me punindo quando eles surgem. Em vez de me considerar um herói, sou convidado a brincar com as fragilidades pessoais. Quando aceito que sou imperfeito, sou capaz de dar risadas da minha estupidez, não me impacientar com os erros dos outros; serei capaz de abraçar mais e cobrar menos, encorajar mais e punir menos.

Reconhecer os próprios erros e pedir desculpas aos outros é um ato solene de sabedoria. Perdoar-me revela que tenho a capacidade de reconhecer que sou um ser humano em construção, sujeito a falhas, revelando capacidade de seguir o pedido do Papa Francisco: “por favor, não maltratem os limites das pessoas”.¹⁶

Irmão Pedro Bulegon, religioso marista, faleceu em 1997 em decorrência de um câncer, com apenas 38 anos. As palavras, expressas nos últimos dias de sua vida, quando se encontrava na Residência São José, em Florianópolis, revelam a sua marcante experiência de reconciliação consigo mesmo e a capacidade de responsabilizar-se

¹⁶ Cf. FRANCISCO, Papa. *A força da vocação*. Madrid: Paulinas, 2019, p. 70.

Reconhecer os próprios erros e pedir desculpas aos outros é um ato solene de sabedoria. Perdoar-me revela que tenho a capacidade de reconhecer que sou um ser humano em construção, sujeito a falhas, revelando capacidade de seguir o pedido do Papa Francisco: “por favor, não maltratem os limites das pessoas”.

pelas facetas boas e piores que aconteceram em sua vida:¹⁷

Nesta velha agenda, escrevo algo, pois não sei o que poderá acontecer daqui a pouco. Não creio que esteja preparado para partir, nem tampouco tenho coragem. Mas a vida é uma realidade que não temos como reger e nem fugir dela. Não estou revoltado com nada. Sinto-me responsável por muitas coisas boas e não tão boas que aconteceram em minha vida.

Deus! Tenho-o como amigo, como mãe de misericórdia, e Maria como minha terna e querida mãe, figura que vejo tão parecida com minha mãe terrena! Como amo minhas duas Marias! Graças a esta confiança que sempre tive, que sempre recebi das mulheres, é que aprendi a amar ao Pai como mãe, mais amigo, mais misericordioso do que justo juiz.

Os Irmãos Maristas! Que bom foi ter vivido estes anos na Congregação Marista! Admiro muito os que

¹⁷ Cf. BALDIN, Agostinho. *Vidas ofertadas: Irmãos Maristas*. Curitiba: Vicentina, 2000, p. 61.

conseguem ser fiéis aos princípios do Pai Champagnat!

Como custa a mim e, quem sabe, a outros companheiros, me convencer de que é preciso amar antes para depois educar. Ai sim o educar seria na gratuidade, sem esperar resultados matemáticos.

Meu trabalho, que paixão! Foi com este trabalho que não medi esforços para levar com garra e honestidade. Jamais me queixarei do peso que perdi, dos cabelos que coloriram minha cabeça. Foi com este ambiente que sonhei, que sorri e que chorei.

Quem se reconcilia consigo mesmo e com as pessoas que lhe estiveram próximas, como é o caso de Irmão Pedro Bulegon, consegue identificar os aspectos positivos da própria vida e, talvez, dessas mesmas pessoas, descobrindo que habitualmente, no quadro geral da história, eles superaram os negativos.¹⁸

Uma primeira condição para perdoar a si mesmo, segundo Anselm Grün, consiste em conhecer a própria realidade, ser capaz de se aproximar dos adversários internos e familiarizar-se com eles.¹⁹

Outro passo do processo de perdoar, segundo Luis Gonzáles,

¹⁸ Cf. CENCINI, Amedeo. *A Árvore da Vida*. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 245.

¹⁹ Cf. GRÜN, Anselm. *Perdoa a ti mesmo*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 26.

consiste em tomar consciência dos sentimentos, tais como, decepção, culpa, rancor, ódio, desejo de vingança.²⁰

Existem experiências em que nos sentimos maltratados e ofendidos, que permanecem perdidas entre as sombras do esquecimento. Basta surgir algum insucesso que remova as capas protetoras da nossa experiência para que as feridas do ser se revelem.

Depois de ter reconhecido a própria história e identificado os sentimentos que se manifestam em mim, sou convidado a perdoar-me.²¹

Uma das grandes tarefas do ser humano consiste em transformar as próprias feridas em pérolas, embora não aconteça num piscar de olhos. Isto será possível quando reconhecer e aceitar as próprias feridas e deixar de responsabilizar os outros por elas.²²

Pode ocorrer de termos sido educados – e a própria sociedade reforça – com a ideia de nos empenhar para ser pessoas perfeitas, exaltando as luzes, as realizações e os sucessos pessoais, desconsiderando as sombras, as fraquezas e as feridas, realidades inerentes à nossa condição humana.

20 Cf. GONZÁLEZ, Luis. *Salud al Perdonar*. México: Duruelo, 2010, p. 13.

21 Cf. GRÜN, Anselm. *Perdoa a ti mesmo*. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 37.

22 Cf. *Ibid*, p. 38.

Na verdade, a vida do religioso irmão e das demais pessoas é constituída por luzes e sombras, claridades e escuridões, perfumes e maus odores; ambas as realidades, queiramos ou não, invariavelmente, fazem parte da vida.

Quando alguém reconhece que os defeitos e as sombras são inerentes à sua vida e igualmente daqueles com os quais convive, encontra-se em condições de perdoar a si mesmo e aos demais.

Jesus Cristo, plenitude do amor e do perdão

Conforme afirma o Papa Francisco, “Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai. [...] Na ‘plenitude do tempo’ (Gl 4,4), quando tudo estava pronto seguindo o seu plano de salvação, mandou o seu Filho, nascido da Virgem Maria, para nos revelar o seu amor”.²³

Continua dizendo que a “Misericórdia é o ato supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração

23 FRANCISCO, Papa. *Misericordiae Vultus*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 3.

à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado”.²⁴

Jesus Cristo, nas parábolas dedicadas à misericórdia, revela a natureza de Deus como a de um Pai que nunca se dá por vencido enquanto não tiver dissolvido o pecado e superada a recusa, com compaixão e misericórdia.²⁵

Essa realidade se expressa especialmente na parábola da ovelha extraviada, da moeda perdida e a do pai em relação aos seus dois filhos (cf. Lc 15,1-32).

Ele, que viveu o amor e o perdão plenamente, teve membros da sua comunidade apostólica que apresentavam dificuldades de relacionamentos com os demais. Alguns brigavam entre si, outros disputavam espaço, no intuito de ser mais do que o outro, e outros agiam com violência, sendo capazes até mesmo de negar e trair.

Judas, que cuidava do dinheiro, tornou-se o traidor de Jesus. O evangelho de João o chama de “ladrão” (Jo 12, 4-6).

Tiago e João eram generosos, mas queriam ter mais poder que os outros. Por serem violentos, Jesus os apelidou de “filhos do trovão” (Mc 3, 17).

²⁴ Ibid, p. 4

²⁵ Cf. Ibid, p. 13.

Pedro, uma pessoa generosa e entusiasta, além de negar por três vezes a Jesus, puxou da espada e feriu a orelha do servo do sumo sacerdote. Jesus lhe diz: “Guarda a tua espada na bainha” (Jo 18, 11).

Jesus Cristo, em tais circunstâncias, em vez de projetar os seus sentimentos nos outros, em forma de discriminação, condenação e violência, entende-os e os perdoa, sem deixar de ser autêntico e franco para com eles.

Quando os escribas e fariseus lhe trouxeram uma mulher apanhada em adultério, Jesus lhes diz: “Quem de vós não tiver pecado, atire a primeira pedra”. No final da cena, com ternura e firmeza, disse a ela: “Eu não te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais” (Jo 8, 1-11).

No alto da cruz, já extenuado, diante das palavras do ladrão arrependido, que estava pregado na cruz ao seu lado, diz: “Em verdade te digo: hoje estarás comigo no paraíso” (Lc 23, 43). Diante dos soldados que o torturaram, crucificaram e levaram injustamente à morte suplica ao Pai, dizendo: “Pai, perdoa-lhes! Eles não sabem o que fazem” (Lc, 23, 34).

Percebe-se nos vários fatos mencionados que a misericórdia é o atributo essencial e central de Deus; Jesus Cristo é o rosto humano da misericórdia do Pai; a

justiça é a misericórdia de Deus, que vai além da justiça.²⁶

Jesus Cristo não responde ao mal com o mal. Embora não entre no jogo de quem agride a dignidade humana, acolhe-os e aposta na recuperação deles.

Ele não aceitou nenhuma forma de violência. Pelo contrário, quis eliminá-la pela raiz. A não violência é um dos traços essenciais da atuação e da mensagem de Jesus Cristo. No relato de Lucas, reage energicamente e repreende seus discípulos porque desejam que “o fogo do céu” destrua os odiados samaritanos (cf. Lc 9, 54-56).

Para Jesus Cristo, acolher o reino de Deus significa precisamente eliminar toda forma de violência entre os povos. Sua mensagem é clara: “Deus é um Pai que está próximo. Só quer uma vida mais digna e feliz para todos. Mudai vossa maneira de pensar e de agir e crede nesta Boa Notícia”.²⁷

Jesus não age segundo a lei do olho por olho e dente por dente, que incentiva a amar o próximo e odiar o inimigo. Enfatiza a necessidade não apenas de amar os inimigos, mas, acima de tudo, de orar por aqueles que nos perseguem (cf. Mt 5, 38-48).

26 Cf. CODINA, Víctor. *Sueños de un Viejo Teólogo: una Iglesia en camino*. Bilbao: Mensajero, 2017, p. 160.

27 Cf. PAGOLA, José. *Lucas: O Caminho Aberto Por Jesus*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 169.

José Pagola esclarece: “Quando Jesus fala do amor ao inimigo não está pensando em um sentimento de afeto e carinho por ele, menos ainda numa entrega apaixonada, mas numa relação radicalmente positiva por sua pessoa”.²⁸

O evangelista Lucas, na parábola do pai misericordioso, revela claramente a relação positiva que o pai tem com o filho que se encontrava perdido na vida (cf. Lc 15, 11-32). O filho, reconhecendo seus equívocos, retorna à casa do pai. O olhar misericordioso do pai e o seu abraço acolhedor foram a porta aberta que possibilita o regresso do filho à vida.

Pessoas que cultivaram a capacidade de perdoar

Conforme vimos, Jesus Cristo é o exemplo pleno de vivência da misericórdia e do perdão, em particular para o religioso irmão. São tantos os exemplos de pessoas – como é o caso do Irmão Marista Pedro Bulegon, já relatado – que, ao longo da vida, deram provas concretas de que é possível seguir o exemplo do Mestre.

Estêvão, considerado o primeiro mártir da Igreja Católica, depois de ser apedrejado, mantendo-se com coração misericordioso, foi capaz de dizer:

28 Cf. *Ibid*, p. 80.

“Senhor, não os condene por este pecado” (At 7, 60).

O Papa João Paulo II, no ano de 1981, sofreu atentado na Praça de São Pedro, no Vaticano. Seu algoz, Mehmet Ali Agca, foi detido e colocado na prisão. Dois anos depois, tocado intensamente pelo amor divino, o Papa o visitou na cadeia de Ancona; conversou separadamente com ele e o perdoou.

Outro caso marcante de vivência de perdão foi vivido pela ruandesa Immaculée Ilibagiza, no final do século passado, história relata por ela, na obra *Sobrevivi para Contar*.

Ela, durante o genocídio que se abateu sobre Ruanda, onde milhares de pessoas foram assassinadas, passou noventa e um dias, com mais sete pessoas, num banheiro do tamanho de um armário (1,20m x 1,0m). Nesse período, muitos dos seus familiares e amigos foram assassinados. Conforme ela mesma descreve, “foi uma lição pela qual, em meio a assassinatos em massa, aprendi a amar os que me odiavam e perseguiam e como perdoar àqueles que executaram a minha família”.²⁹

Immaculée, nesse ambiente, onde se encontrava submetida ao silêncio, ao medo e ao desespero, pouco a pouco, no encontro e

diálogo silencioso que estabeleceu com Deus, conseguiu superar o ódio, a revolta, o desejo de vingança, para chegar ao perdão autêntico.

À medida que estabelece encontro profundo com Deus consegue rezar para perdoar. Ocupava de 12 a 13 horas do seu dia rezando ave-marias e pais-nossos. Com o passar dos dias, em clima sempre mais profundo de oração, conseguiu encontrar um cantinho dentro do seu coração. Para lá se retirava. Era seu jardim secreto, onde falava com Deus e meditava suas palavras.³⁰

A partir da experiência de encontro com Deus, vivenciada enquanto se manteve escondida no pequeno banheiro, além do desejo de perdoar surgido dentro dela, sente também a vontade de levar esperança às crianças e jovens vítimas da guerra e ajudá-los a não abraçar o ódio que os privara dos pais e do amor de uma família.³¹

Immaculée Ilibagiza atualmente além de coordenar a Fundação Ilibagiza, com o objetivo de atender sobreviventes de guerras e genocídios, é convidada para proferir palestras em vários países.

29 Cf. ILIBAGIZA, Immaculée. *Sobrevivi para Contar*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008, p. 16.

30 Cf. *Ibid*, p. 107.

31 Cf. *Ibid*, p. 173.

Experiência de Deus amor e perdão

As pessoas, tidas como santas, são aquelas capazes de viver experiências fortes da presença de Deus em suas vidas. Aproximam-se dele, são cativadas pelo seu jeito de ser e se sentem impulsionadas a viver a experiência de amor e perdão.

O religioso irmão, por vocação, é convidado a viver a experiência de Deus bondoso e misericordioso, que ama gratuitamente a todos. Busca manter-se focado no amor e no perdão; mantém consciência do amor e da misericórdia divina e que a vida digna obtida é fruto do empenho pessoal e da própria ação divina.

Deus, ao chamar alguém à vida de Irmão, deseja-o livre, íntegro e feliz, capaz de amar e de viver relações fraternas, fortalecidas pelo perdão.

A experiência do perdão permite-o buscar a vivência do “bem em si mesmo” e não tanto a busca do “bem para si”. O ato de perdoar ampara-se no desejar o bem objetivo do outro – independentemente da sua classe social, da crença a que pertence, do status que desfruta – e não tanto no simples desejo de “sentir-se bem”, realidade que está sujeita a mudanças.

Quem se deixa mover pelo mundo dos sentimentos, – como por

exemplo, a raiva, a mágoa e pelo desejo de “sentir-se bem” encontrará dificuldades para perdoar de verdade, porque se encontra fundamentado numa realidade quase que impossível de ser controlada.

O religioso irmão, quando consegue viver autêntica experiência de Deus, amor e perdão genuínos, encontra-se mais livre e em melhores condições para a vivência do perdão. O ato de perdoar a alguém não o diminui, apenas o coloca em sintonia com os sonhos divinos em relação aos seus filhos: verdade, amor, liberdade, felicidade, dignidade, equilíbrio. O encontro que estabelece com Deus e com a sua verdade pessoal suaviza o orgulho, aproximam-no da humildade e fortalecem a sua vivência do amor e do perdão.

Jesus Cristo, que vive intensamente o amor e o perdão, no alto da cruz, é a confirmação da liberdade plena. Sua liberdade e

O religioso irmão, por vocação, é convidado a viver a experiência de Deus bondoso e misericordioso, que ama gratuitamente a todos. Busca manter-se focado no amor e no perdão; mantém consciência do amor e da misericórdia divina e que a vida digna obtida é fruto do empenho pessoal e da própria ação divina.

equilíbrio pessoal lhe permitem agir com profunda compreensão, ternura e misericórdia, em relação aos demais, sem revidar à violência, sem suavizar a responsabilidade que compete a cada um.

Esse seu jeito de ser o levou a agir com imparcialidade diante da mulher adúltera e dos seus acusadores. Escuta, escreve na areia, deixando claro que todos carregavam consigo algum pecado, e perdoa à mulher, sem deixar de lhe pedir para não pecar mais (cf. Mt 8,1-11).

O religioso irmão, diante de alguma dificuldade de relacionamento com alguém, na condição de ser humano, pode ser tentado a condená-lo e se manter indiferente a ele, postura que não resolve o problema; mas pode permitir que brotem do seu próprio interior sentimentos de acolhida, de justiça, de misericórdia e de disposição, sem deixar de ser franco com a pessoa.

Conforme se pode ver, a experiência de Deus, ou seja, o estar sintonizado com os desejos divinos, não apenas habilita o religioso irmão ao perdão, mas também fortalece a sua capacidade para resistir aos vendavais da vida. Ela, de modo semelhante ao alimento que sacia e a bússola que orienta, possibilita-o avistar luzes até mesmo nas situações mais duras da própria vida.

Passagem das lutas humanas para as lutas espirituais

Supõe-se que o religioso irmão aprecie o perdão e já tenha realizado a experiência de perdoar a alguém; mas, provavelmente, já sentiu na pele o quanto é difícil reconciliar-se com a pessoa que o prejudicou.

Diante de alguém que lhe causou algum tipo de mal, pode adotar basicamente três posturas: fechar-se, vingar-se ou reconciliar-se.

Fechando-se ou vingando-se contra o ofensor, o ônus a ser pago tende a ser muito caro. Poderão surgir, além de culpas desnecessárias e provocações que reforçam ainda mais a violência, ou ainda, doenças psicossomáticas.

Embora a melhor saída consista em reconciliar-se, o percurso do caminho da leveza, da consciência limpa, gerando mais serenidade, nem sempre é fácil, por diversos motivos. Um deles tem a ver com as lutas humanas, também chamadas lutas psicológicas.

A luta humana ou psicológica realiza-se entre atores humanos; um deles externo, que pode ser alguém, uma circunstância, um acontecimento, e outro interno

à própria pessoa. Essas lutas se manifestam em forma de divisões interiores; pode-se dar na falta de serenidade em relação à realidade pessoal, ou na luta contra uma determinada pessoa, por meio de ciúmes e invejas, fofocas e fechamentos, ódios e vinganças, ou ainda, revoltando-se contra algum acontecimento.³²

Se o religioso irmão se encontra envolvido em algum tipo de luta humana ou psicológica não se encontra em condições de fazer experiência de perdão. As lutas de cunho humano fortalecem o próprio orgulho, move-o a se considerar inocente, vítima dos outros, pouco responsável pela situação existente e inclinado a apontar e a condenar os demais.

Se ele se encontra envolvido numa luta espiritual, caracterizada pelo encontro e pelo confronto entre pessoas livres e Deus, dispõe de boas condições para fazer a experiência do perdão.³³

Isso será possível porque, embora não esteja isento dos desafios que a vida oferece, em vez de consumir energias para se proteger, condenar os outros, permite que o seu coração seja tocado por Deus. Reconhece as próprias potencialidades e fragilidades. De bem com sua

condição de cidadão simples e humilde, capaz de transpirar liberdade, embora tenha suas debilidades, consegue canalizar suficientemente suas energias para perceber as riquezas do outro, amá-lo e perdoá-lo.

Conforme se observa, o religioso irmão pode se portar diante da vida lutando contra os demais, contra os acontecimentos e contra as realidades pessoais não aceitas. Essa forma de viver não permite reconciliar-se com alguém, porque, nesse estilo de entender a vida, perdoar adquire conotação de rebaixamento e perda.

Outra maneira bem diferente de ele viver consiste em lutar, mas de outro modo e por outros motivos. Trata-se da luta espiritual. Nessa situação, as energias pessoais não serão mais consumidas tanto em se defender e superar a outra pessoa, mas essencialmente em responder aos anseios divinos em relação ao ser humano. Neste caso, o outro será visto como companheiro de caminhada que, igualmente está sujeito a vulnerabilidades. Numa postura assim, o ódio, a vingança e as lutas contra o outro perdem forças, possibilitando concentrar energias na vivência do amor e do perdão.

O apóstolo Paulo é exemplo típico de alguém que foi capaz de superar as lutas humanas,

32 Cf. IMODA, Franco. *Psicologia e Mistério: o desenvolvimento humano*. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 559-563.

33 Cf. *Ibid*, p. 559.

conseguindo canalizar as suas energias para a luta espiritual.³⁴ Ele, cheio de zelo por Deus, fiel, instruído, prendeu e lançou na prisão homens e mulheres. Em determinado momento de sua vida, sente-se tocado e chamado por Deus para anunciar a incalculável riqueza de Cristo: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (At 22, 7). Paulo pergunta: “Quem és tu, Senhor?” (At 22,8). “Senhor, que queres de mim?”. Ouve a resposta: “Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem tu estás perseguindo” (At 22, 8); e o envia junto aos pagãos.

São visíveis dois momentos na impressionante experiência vivida por Paulo. No primeiro, ele segue sua ordem interior para combater e destruir os valores divinos e aniquilar a vida de muitos. Trava uma luta humana, arremessando suas forças interiores contra a realidade dos valores divinos e humanos para destruir. Nesse primeiro movimento, percebe-se um Paulo voltado para si mesmo, propenso a defender interesses de um determinado grupo e de si mesmo.

Numa segunda fase de sua vida, depara-se com Cristo e faz experiência do divino, que o convida a uma nova dinâmica de vida. Deixa-se cativar pela

riqueza da sua proposta e, gradativamente, a ela adere. Suas energias, por exemplo, a agressividade e a necessidade de realização, não são mais direcionadas para um fim em si mesmo, isto é, para alcançar desejos meramente pessoais. Seu endereço e foco agora se concentram em Deus. Por isso é capaz de afirmar: “Eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim” (Gl 2, 20a).

Fator essencial para a vivência do perdão

O religioso irmão, conforme se salientou, é convidado a fundamentar a sua vida em Jesus Cristo (cf. 1 Cor 3,11), segundo seu modo peculiar de ser e de acordo com um determinado carisma congregacional. Uma das dimensões pertinentes à sua vocação é a vivência do perdão.

Um modo peculiar de fundamentar a vida em Jesus Cristo e, a exemplo dele, viver o perdão, está no cultivo da espiritualidade. Ele, cativado pela experiência relacional e apaixonada com Deus, procura viver o perdão, embora, na condição de ser humano, nem sempre consiga concretizá-lo.

Fundamentado na experiência de sentir-se amado por Deus é

³⁴ Cf. SARTURI, Otalivio. *Livres na Verdade e no Amor*. São Paulo: Nelpa, 2014, p. 143.

chamado a seguir o “jeito de viver” de Jesus Cristo. E a vivência do amor divino expressa-se no perdão a si mesmo e na misericórdia em relação ao próximo.

O cultivo da vida espiritual é fundamental para o religioso irmão viver o perdão e a misericórdia. A experiência frequente de encontro com o coração misericordioso do Filho de Deus motiva-o a viver com paixão a rotina do dia a dia e lhe oferece condições para agir com misericórdia e firmeza, especialmente diante dos desafios e deslizes que a vida oferece.

A profundidade e a consistência da vivência espiritual, capazes de gerar perdão e fraternidade, depende do nível pessoal de liberdade interior (cf. Gl 5,1.13).

A liberdade interior, caracterizada pela boa capacidade de desenvolver lutas espirituais e não tanto pelas lutas humanas, possibilita-o a inspirar-se na postura de Jesus Cristo. Assim, ao invés do individualismo que fundamenta a vida na realização de desejos pessoais, coloca-se na realidade do outro e com ele estabelece fraternidade; ao invés da indiferença em relação às situações injustas, empenha-se para que a dignidade do ser humano prevaleça; ao invés do rancor e da vingança, coloca-se na realidade do outro e estabelece relações de paz e perdão com ele.

O religioso irmão, quando movido por um coração livre, encontra-se em boas condições de cultivar experiência espiritual genuína e consistente, possibilitando-lhe assim viver o perdão e a misericórdia, mesmo em situações que, humanamente, parecem inconcebíveis.

Para finalizar

A Vida Consagrada é uma história de graça na Igreja e para o mundo: “um dom de Deus Pai à sua Igreja através do Espírito, que orienta o olhar dos fiéis para o mistério do Reino de Deus, que já atua na história”.³⁵

A vida dos irmãos religiosos é uma história de salvação a seus contemporâneos e entre eles. “O que é próprio dos irmãos é o preocupar-se em ser um dom de Deus Pai para aqueles aos quais eles são enviados. Eles são transmissores do amor que passa do Pai ao Filho e do Filho a seus irmãos: ‘como o Pai me ama, assim eu os amo. Permaneçam no meu amor’ (Jo 15,9)”.³⁶

O perdão enobrece e diviniza a vocação do irmão religioso. Quando decide dedicar a vida

35 Cf. JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1996, p. 17.

36 Cf. CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA. *Identidade e Missão do Religioso Irmão na Igreja*, São Paulo: Paulinas, 2016, p. 62.

ao seguimento de Jesus Cristo e ao bem dos seus irmãos e irmãs, necessita ter bem presente o fio condutor da história. O fio que tece sua vida é a experiência de se sentir enviado como sinal da ternura de Deus e do amor fraterno de Cristo; é o fio que dá unidade a todas as suas ações e acontecimentos para constituí-los em história da salvação.³⁷

Maria, a mulher que conheceu a profundidade do mistério de Deus feito homem, é inspiração e fortaleza da sua vocação. Nela, tudo foi plasmado pela presença da misericórdia feita carne. Ela, pelo fato de ter participado intimamente no mistério do seu amor, entrou no santuário da misericórdia divina.³⁸ “Como uma verdadeira mãe, caminha conosco, luta conosco e nos aproxima incessantemente do amor de Deus”.³⁹

O seu cântico de louvor, na casa de Isabel, foi dedicado à misericórdia que se estende de geração em geração (cf. Lc 1,50).

Ao pé da cruz, Maria, juntamente com João, é testemunha das palavras de perdão que saem da boca de Jesus Cristo. O perdão supremo, oferecido a quem o crucificou, mostra-nos até onde a

misericórdia de Deus pode chegar. Maria atesta que a misericórdia de Deus não conhece limites e destina-se a todos.⁴⁰

Referências

- BALDIN, Agostinho. *Vidas ofertadas: Irmãos Maristas*. Curitiba: Vicentina, 2000.
- CENCINI, Amedeo. *A Árvore da Vida*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CNBB. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Canção Nova, 2008.
- CODINA, Víctor. *Sueños de un Viejo Teólogo: una Iglesia en camino*. Bilbao: Mensajero, 2017.
- COMPÊNDIO do Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 2000.
- CONGREGAÇÃO para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. *Identidade e Missão do Religioso Irmão na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- FRANCISCO, Papa. *A força da vocação*. Madrid: Paulinas, 2019.
- FRANCISCO, Papa. *Misericordiae Vultus*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2013.
- GONZÁLEZ, Luis. *Salud al Perdonar*. México: Duruelo, 2010.
- GRÜN, Anselm. *Perdoa a ti mesmo*. Petrópolis: Vozes, 2005.

37 Cf. *Ibid*, p. 72.

38 Cf. FRANCISCO. *Misericordiae Vultus*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 38.

39 Cf. FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Paulus, 2013, p. 159.

40 Cf. FRANCISCO. *Misericordiae Vultus*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 38.

ILIBAGIZA, Immaculée. *Sobrevivi para Contar*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

IMODA, Franco. *Psicologia e Mistério: o desenvolvimento humano*. São Paulo: Paulinas, 1996.

JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação Apostólica Christifideles Laici*. São Paulo: Paulinas, 2009.

JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação Apostólica pós-sinodal Vita Consecrata*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1996.

MADOTT, Bertha. *Depressão e Espiritualidade*. São Paulo: Paulinas, 2003.

PAGOLA, José. *Lucas: O Caminho Aberto Por Jesus*. Petrópolis: Vozes, 2013.

SARTURI, Otalivio. *Livres na Verdade e no Amor*. São Paulo: Nelpa, 2014.

SUSIN, Luiz C. (org.). *Vida Religiosa Consagrada em processo de transformação*. São Paulo: CRB; Paulinas, 2015.



RELIGIOSOS LA SALLE - FOTO DE ARQUIVO



V SEMINÁRIO DE RELIGIOSOS IRMÃOS OFM - FOTO DE ARQUIVO

O VOTO DE OBEDIÊNCIA: REFLEXÕES A PARTIR DO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO

FREI VANILDO LUIZ ZUGNO¹

Resumo

O voto de obediência para por um processo de mudança tanto teológico quanto na prática. Os ventos da modernidade criam novas formas de entender as relações e a inserção das pessoas na construção da ação evangelizadora e da própria vida social. A pessoa consagrada é chamada a ter, hoje, uma atitude ainda mais integrada de sair da auto-referencialidade para o serviço responsável e profético, sem temer as incongruências

inerentes do subjetivismo e do individualismo. Obedecer em comunhão, ou seja, de forma sinodal, é um passo importante para sair da mesmice e até de uma má compreensão da obediência ativa.

Palavras-chave: obediência, sinodal, auto-referência.

Uma temática sensível

O voto de obediência toca um dos temas mais caros à sociedade moderna: a busca por liberdade. Pode-se dizer que todas as transformações sociais

1 Frade Menor Capuchinho na Província do Rio Grande do Sul. Doutor em Teologia (EST – São Leopoldo, RS). Professor na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana (ESTEF, Porto Alegre).

acontecidas nos últimos séculos trouxeram, em seu, bojo esta demanda por autonomia, pela possibilidade de ter iniciativa própria, por organizar a própria vida conforme os sonhos e não de acordo com a ordem de outrem. A Revolução burguesa, em seu ideário liberal, estabeleceu a liberdade das amarras do feudalismo, principalmente a vinculação da pessoa à terra e seu senhor como condição primeira para que a igualdade e a fraternidade fossem possíveis. Na sociedade capitalista, a livre iniciativa é vista como o motor de toda transformação social. O comunismo de Marx, por sua vez, sonhava com o “reino da liberdade” no qual o trabalho não fosse mais uma imposição da necessidade de sobrevivência ou da dominação por outra pessoa. Ser livre, na concepção marxista, é trabalhar sem nenhum constrangimento externo, apenas como uma expressão da subjetividade criadora.

A Igreja teve muita dificuldade em dialogar com esta dimensão da modernidade. Ancorada no princípio da autoridade de Deus que exige obediência incondicional, ela via na afirmação e na busca da liberdade um atentado contra a ordem divina das coisas e, por consequência, à ordem social e eclesial. Isso porque, na concepção pré-moderna, tanto a autoridade civil como a

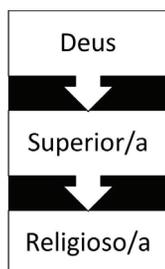
eclesiástica tem seus fundamentos e emanam de Deus. Buscar a liberdade afrontando a autoridade, civil ou eclesiástica, era um atentado contra Deus que os havia constituído nesta condição. Dentro desta lógica, o ateísmo é visto como fonte da anarquia social e, por outro lado, as revoluções sociais são vistas como caminho para a negação de Deus. Por isso, a Igreja, na intenção de defender a autoridade de Deus, sempre se posicionava contra toda reivindicação libertária.

No interior da Igreja, contestar uma autoridade era visto como a forma mais grave de heresia, a fonte de todas as heresias, o maior perigo para a Igreja. Roma locuta, causa finita, foi usada muitas vezes neste sentido: a autoridade não pode ser contestada, apenas obedecida. Autoridade que de Roma se estendia pelos diversos degraus do escalão hierárquico – Cardeais Episcopos, Cardeais Presbíteros, Cardeais Diáconos, Arcebispos, Bispos, Monsenhores, Cônegos, Párocos, Vigários, Capelães, Coroinhas... - cada um tendo em sua própria cabeça uma imaginária Roma que lhe dava autoridade para estabelecer a sua vontade como definitiva a todos os que lhe eram considerados “inferiores”.

A Vida Religiosa Consagrada (VRC) pré-conciliar, ao

compreender-se e ser compreendida como “estado de perfeição”, elevava tal noção de obediência a seu nível máximo. A perfeita obediência era a entrega absoluta da própria vontade nas mãos do superior ou da superiora que recebia a autoridade de Deus. E, do mesmo modo que na Igreja, tal representação obedecia às diferentes escalas hierárquicas, desde o Ministro Geral até o superior local. Cada um, no seu devido escalão, por meio de suas decisões, emanava para seus súditos a vontade divina. Para as religiosas mulheres, a situação era ainda mais complexa pois, além da autoridade interna à congregação, havia a submissão a uma autoridade externa clerical masculina.

Graficamente, podemos assim representar a relação obedencial no modelo pré-Vaticano II:



O Concílio Vaticano II estabeleceu as pazes com o mundo moderno e, nele, com a busca por liberdade como um valor fundamental para qualquer ser humano. O Concílio também redefiniu a compreensão de Igreja.

Ela não mais se define como uma sociedade hierárquica mas como Povo de Deus. A VRC passa de “estado de perfeição” a testemunho profético da presença do Reino de Deus neste mundo (LG 44). Todas as mudanças estruturais exigiram uma redefinição do voto de obediência.

Estabelecendo novas bases

Ao estabelecer os princípios para a renovação da VRC, a Perfecta Caritatis desloca o voto de obediência da relação vertical súdito-superior e o reposiciona numa rede de relações com vários polos que configuram complexas relações.

A relação primeira e fundante de todas as outras é a que se estabelece entre o/a consagrado/ e Deus: “Pela profissão da obediência, os religiosos oferecem a plena oblação da própria vontade como sacrifício de si mesmos a Deus, e por ele se unem mais constante e seguramente à vontade divina salvífica” (PC 14). O modelo de obediência é Jesus Cristo, que veio ao mundo para fazer a vontade do Pai (Jo 5, 30b) tomando a forma de escravo (Fl 2, 7) ou seja, daquele que não tem vontade própria, mas faz a vontade de seu senhor.

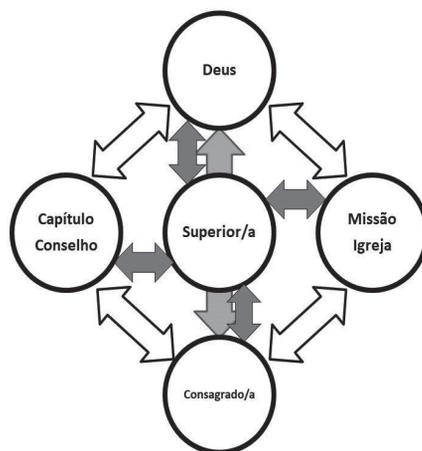
Nesta relação, sob a moção do Espírito Santo, os superiores

são estabelecidos como “vigários de Deus”. O detalhe é que sua função vicária não é a de intermediar a relação entre o/a religioso/a e Deus, mas a de levar os irmãos/irmãs a fazerem o mesmo que Jesus Cristo fez: “serviu os irmãos e deu a sua vida para a redenção de muitos” (PC 14). Isso fazendo, os/as religiosos/as “unem-se mais estreitamente ao serviço da Igreja e procuram chegar à medida da idade plena de Cristo” (PC 14). Nesta configuração, estabelece-se um segundo polo e uma segunda relação: aqueles e aquelas que precisam do serviço do/da religioso/a para alcançar a salvação. Da obediência a Deus, nasce a obediência àqueles e àqueles que precisam da presença do consagrado/a. O papel do/da superior/a não é dizer o que Deus quer do consagrado/a, mas velar para que o irmão/ã seja obediente à missão que o Pai lhe confiou. Desse modo, na obediência, além de escutar a voz de Deus, é necessário estar atento às vozes que clamam desde a humanidade e desde a criação e a elas obedecer, porque nelas também pode estar o chamado de Deus. A missão de “servir a todos os irmãos em Cristo” é realizada no espaço eclesial em que o religioso/a vive.

No final do parágrafo, o decreto introduz uma outra instância obediencial: “Os Capítulos e os

Conselhos cumpram fielmente a sua função no governo, e, cada um a seu modo, expressem a participação e a solicitude de todos os membros no bem da comunidade inteira”. A vontade de Deus à qual o/a consagrado/a deve estar atento/a e pronto/a, passa também pelas instâncias comunitárias.

Graficamente, poderíamos assim representar esse conjunto de polos e relações:



Dentro dessa complexa teia de relações, o objetivo último da obediência não é que o/a religioso/a submeta a sua vontade a do/a superior/a. A devida obediência ao superior/a é apenas uma mediação para a “edificação do Corpo de Cristo segundo o desígnio de Deus”. Quando assim vivida a obediência “longe de diminuir a dignidade da pessoa humana, leva-a à maturidade, aumentando a liberdade dos filhos de Deus” (PC 14).

O papel do/a superior/a é o de mediador da liberdade de cada religioso/a diante de Deus. Tarefa nada fácil, pois o/a superior/a “deverá dar contas das almas que lhes foram confiadas”. Mais do que mandar, os/as superiores/as devem estar “dóceis à vontade de Deus no cumprimento do seu cargo” e, ao mesmo tempo, exercer “a autoridade em espírito de serviço a favor de seus irmãos, de tal maneira que sejam a expressão da caridade com que Deus os ama” (PC 14).

Nesta compreensão, o papel do/a superior/a não deixa de ser ativo. Pelo contrário, deve ser permanentemente provocador no sentido de convocar cada religioso/a a comprometer-se no projeto de Deus. E a obediência, vivida no espírito de liberdade, deixa de ser uma obediência passiva para ser uma “obediência ativa e responsável no desempenho das funções e na aceitação das empresas” (PC 14).

João Paulo II, na Exortação Apostólica Pós-Sinodal Vita Consecrata, ao abordar o voto de obediência, reafirma que a “cultura da liberdade é um valor autêntico, ligado intimamente ao respeito da pessoa humana” (VC 91). A verdadeira liberdade, segundo ele, precisa fundamentar-se em dois pilares. Primeiro, seguindo o comportamento do Filho, o/a religioso/a é verdadeiramente

livre quando se mantém atento e fiel à vontade do Pai (PC 92). Em segundo lugar, quando a comunidade religiosa “é o lugar privilegiado para discernir e acolher a vontade de Deus e caminhar juntos em união de mente e coração” (PC 92). Desse modo, “na fraternidade animada pelo Espírito Santo, cada qual estabelece com outro um diálogo precioso para descobrir a vontade do Pai, e todos reconhecem em quem preside a expressão da paternidade divina e o exercício da autoridade recebida de Deus ao serviço do discernimento e da comunhão” (PC 92). Conformar-se assim, na sequência do Vaticano II, um modelo trinitário de obediência.

O papel do/a superior/a é o de mediador da liberdade de cada religioso/a diante de Deus. Tarefa nada fácil, pois o/a superior/a “deverá dar contas das almas que lhes foram confiadas”. Mais do que mandar, os/as superiores/as devem estar “dóceis à vontade de Deus no cumprimento do seu cargo” e, ao mesmo tempo, exercer “a autoridade em espírito de serviço a favor de seus irmãos, de tal maneira que sejam a expressão da caridade com que Deus os ama” (PC 14).

Uma obediência para uma Igreja em saída

A preocupação que guia o itinerário e o magistério do Papa Francisco é eminentemente pastoral. Mais do que preservar o depósito das verdades da fé, ele quer que a alegria do Evangelho chegue a todas as pessoas, principalmente àqueles e àquelas que, no mundo de hoje, sofrem a dor da pobreza e do esquecimento.

O Papa Francisco não elaborou, até o momento, nenhum texto específico sobre a VRC. Por isso, é no conjunto de sua obra e nas esparsas mensagens direcionadas aos religiosos e religiosas que buscamos elementos para tentar compreender o que seria a obediência vivida na perspectiva de uma Igreja em saída.

a) superar a auto-referencialidade

Um primeiro elemento a ser elencado – fundamental na estrutura da obediência – é a decisão de sair de si mesmo e colocar a própria vontade no querer de Deus. Citando o Papa Bento XVI, o Papa Francisco lembra que “ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte

e, desta forma, o rumo decisivo” (EG 7). Através do encontro com Jesus Cristo “somos resgatados da nossa consciência isolada e da auto-referencialidade” e “permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro” (EG 7).

A auto-referencialidade como o principal obstáculo para a obediência e, nela, a realização da nossa humanidade, é novamente abordada na *Evangelii Gaudium* quando o Papa fala das tentações dos agentes de pastoral. Entre elas, elenca o “mundanismo espiritual” que consiste em “buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal” (EG 93). A tentação do mundanismo espiritual se apresenta, na realidade da Igreja, de duas formas: o gnosticismo e o pelagianismo. Por caminhos e com expressões diferentes, ambos têm sua raiz no fechamento da pessoa sobre si mesma. Na “fé fechada no subjetivismo” que caracteriza o gnosticismo, “a pessoa fica enclausurada na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos”. Já o neopelagianismo, é o modo “auto-referencial e prometeico de quem, no fundo, só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico próprio do passado” (EG 94).

Em ambas as formas, “este obscuro mundanismo manifesta-se em muitas atitudes, aparentemente opostas, mas com a mesma pretensão de ‘dominar o espaço da Igreja’” (EG 95). A luta pelo poder, para decidir quem comanda, torna-se o único objetivo de quem vive centrado em si mesmo e é incapaz de escutar a voz de Deus.

Na Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, o Papa dedica um capítulo inteiro (35-62) aos “dois inimigos sutis da santidade”, o gnosticismo e o pelagianismo. Depois de analisar detidamente cada uma das versões modernas destes dois inimigos da santidade, ele afirma que para encontrar o caminho da santidade, a “primeira coisa é pertencer a Deus”. Ele explica essa afirmação de um modo que, cremos, indica o sentido primordial da obediência na VRC:

Trata-se de nos oferecermos a Ele que nos antecipa, de Lhe oferecermos as nossas capacidades, o nosso esforço, a nossa luta contra o mal e a nossa criatividade, para que o seu dom gratuito cresça e se desenvolva em nós: “por isso, vos exorto, irmãos, pela misericórdia de Deus, a que ofereçais os vossos corpos como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus” (Rm 12, 1). Aliás, a Igreja sempre ensinou que só a caridade torna possível o crescimento na vida da graça, porque, “se não tiver amor, nada sou” (1 Cor 13, 2). (GE 56).

Na última frase desta afirmação, o Papa chama a atenção para a outra face nefasta da auto-referencialidade: ela torna incapaz de praticar a caridade. Além de fechar a pessoa à voz de Deus, ela também fecha os ouvidos do crente à voz do irmão que sofre. Com efeito, abertura à voz de Deus e abertura à voz do irmão que sofre são os dois lados da mesma disponibilidade à obediência:

Jesus abre uma brecha que permite vislumbrar dois rostos: o do Pai e o do irmão. Não nos dá mais duas fórmulas ou dois preceitos; entregamos dois rostos, ou melhor, um só: o de Deus que se reflete em muitos, porque em cada irmão, especialmente no mais pequeno, frágil, inerme e necessitado, está presente a própria imagem de Deus. De fato, será com os descartados desta humanidade vulnerável que, no fim dos tempos, o Senhor plasmará a sua última obra de arte. Pois, o que é que resta? O que é que tem valor na vida? Quais são as riquezas que não desaparecem? Seguramente duas: o Senhor e o próximo. Estas duas riquezas não desaparecem. (GE 61)

Na missa de encerramento do Sínodo para a Pan-Amazônia, o Papa Francisco, de forma forte e clara, lançou uma exortação na mesma direção e que serve como parâmetro para construir uma teologia do voto de obediência. Ele não usa aqui a expressão auto-referencialidade, usa outra que nos parece ainda mais forte: “a religião do eu”.

a “religião do eu” continua, hipócrita com os seus ritos e as suas “orações”: muitos dos seus praticantes são católicos, confessam-se católicos, mas esqueceram-se de ser cristãos e humanos, esqueceram-se do verdadeiro culto a Deus, que passa sempre pelo amor ao próximo. Até mesmo cristãos que rezam e vão à Missa ao domingo são seguidores desta “religião do eu”. Podemos olhar para dentro de nós e ver se alguém, para nós, é inferior, descartável... mesmo só em palavras. Rezemos pedindo a graça de não nos considerarmos superiores, não nos julgarmos íntegros, nem nos tornarmos cínicos e vilipendiadores. (2019).

Escutar a Deus e escutar o irmão pobre e sofredor: é o início da verdadeira obediência capaz de superar o gnosticismo e o pelagianismo.

b) o serviço ao outro como caminho para a felicidade

Escutar a voz do outro é o primeiro passo para a superação da autorreferencialidade. Na sua sequência, está o segundo passo: pôr-se a serviço do outro. O próprio Jesus, no episódio das bodas de Caná, é o modelo de escuta que se transforma em serviço. Diante da necessidade assinalada por Maria – a falta de vinho para que a festa fosse completa – Jesus não se contenta em escutar. Ele se põe a agir e chama

aos que estão ao seu redor para, com Ele, encontrar a solução para a necessidade que aflige o casal (FRANCISCO, 2019).

Para o/a religioso/a, colocar-se a serviço do outro é fazer seu caminho quenótico do Filho de Deus que, para a nossa salvação, assumiu a condição humana:

Jesus não veio para fazer a sua vontade, mas a vontade do Pai; e isso – disse Ele – era o seu “alimento” (cf. Jo 4, 34). De igual modo, quem segue Jesus, abraça a via da obediência, imitando a “condescendência” do Senhor, abaixando-se e assumindo a vontade do Pai até ao aniquilamento e à humilhação de si mesmo (cf. Flp 2, 7-8). Para um religioso, progredir significa abaixar-se no serviço, isto é, fazer o mesmo caminho de Jesus, que “não considerou como uma usurpação ser igual a Deus” (Flp 2, 6). Abaixar-se, fazendo-se servo; abaixar-se para servir. (FRANCISCO, 2015).

Tal rebaixamento não leva à negação da liberdade. Pelo contrário, leva à realização pessoal e à alegria evangélica do/a religioso/a como “consequência do caminho de abaixamento com Jesus” (FRANCISCO, 2015).

Citando o Documento de Aparecida, o Papa lembra que “de fato, os que mais desfrutam da vida são os que deixam a segurança da margem e se apaixonam pela missão de comunicar a vida aos demais” e que “a vida se alcança e amadurece à medida

que é entregue para dar vida aos outros” (EG 10). Na VRC, tal realização é consequência do voto de obediência pelo qual o/a religioso/a coloca sua vida nas mãos de Deus para servir aos que precisam de vida.

Assim como todo evangelizador, o/a religioso/a que vive o voto de obediência, na perspectiva quenótica, “não deveria ter constantemente uma cara de funeral” (EG 10). Pelo contrário, será sempre uma pessoa que irradia a alegria de estar na “dinâmica do êxodo e do dom, de sair de si mesmo, de caminhar e de semear sempre de novo, sempre mais além” (EG 21).

c) entre a observância e a profecia

Na homilia por ocasião do XVIII Dia Mundial da Vida Religiosa, o Papa Francisco chamou a atenção para uma relação muitas vezes tensa, para não dizer difícil, na prática da obediência na VRC. Trata-se da relação entre a observância da lei e o chamado à profecia. Comentando o episódio do Evangelho de Lucas na qual Maria e José levam o menino Jesus ao Templo para ser apresentando e, na entrada do Templo, encontram os anciãos Simeão e Ana, o Papa traça um paralelo entre os dois casais. De um lado, os jovens José e Maria que vão ao Templo para cumprir o que estava prescrito pela

Lei. Do outro, estão os anciãos Simeão e Ana que irrompem com cânticos proféticos que desestabilizam tanto os que estão no Templo como a José e Maria que vinham apresentar o menino.

Tradicionalmente, a lei é, em todas as sociedades e em todas as religiões, uma instituição conservadora. Ela busca manter a estabilidade e a identidade de uma sociedade. Na VRC, os questionamentos que trazem a instabilidade e o risco, tanto para as instituições como para os indivíduos que dela fazem parte, podem ter duas origens. Uma, a das transformações do mundo e da Igreja que questionam o modo como se viveu e ainda se vive a VRC; outra, a dos/as religiosos/as que, no interior da própria instituição, levantam suas vozes e, com seu exemplo, apontam para novas possibilidades de viver a consagração. Há uma profecia que vem de fora e uma profecia que vem de dentro. Em ambos os casos, elas são vistas como desestabilizadoras e, muitas vezes caladas com o uso da lei.

No comentário, o Papa assinala que tanto o casal jovem, José e Maria, que são movidos pelo desejo de cumprir a Lei, como o casal de idosos, Joaquim e Ana, que é movido pela esperança profética, são movidos pelo Espírito Santo. Conclui o Papa, então, que entre a observância e a profecia,

quando vistas sob a perspectiva da ação do Espírito Santo, não há oposição, porque todo carisma religioso, na sua origem, nasce do sopro divino que inspirou fundadores e fundadoras. Para além das Constituições, dos Regulamentos, das tradições, há a profecia do Espírito que iniciou no passado um movimento de transformação que perdura até hoje. É falso, então, tentar calar o Espírito que sopra hoje com o argumento da obediência à lei e à autoridade.

Assim expressa o Papa esta tensão obediencial entre observância e profecia:

Na vida consagrada vivemos o encontro entre os jovens e os anciãos, entre observância e profecia. Não as vejamos como se fossem duas realidades opostas entre si! Pelo contrário, permitamos que o Espírito Santo anime ambas, e o sinal disto é a alegria: o júbilo de observarmos, de caminharmos numa regra de vida; e a alegria de sermos orientados pelo Espírito Santo, nunca rígidos, jamais fechados, mas sempre abertos à voz de Deus que fala, que abre, que conduz e que nos convida a caminhar rumo ao horizonte. (FRANCISCO, 2014).

Na relação dinâmica entre observância e profecia, a obediência deixa de ser uma forma de anular a criatividade e a iniciativa dos/as religiosos/as e gera as condições para uma vivência criativa e renovadora da

obediência. Com efeito, a obediência não apaga a liberdade. Pelo contrário, dá-lhe suporte na medida em que estabelece pontos de referências claros para os novos caminhos a abrir.

Mais do que para o/a religioso/a, na relação entre observância e profecia, o peso recai sobre o/a superior/a que tem a responsabilidade de discernir entre o verdadeiro espírito profético. Por um lado, ele “deve aceitar a liberdade incondicional da Palavra, que é eficaz a seu modo e sob formas tão variadas que muitas vezes nos escapam, superando as nossas previsões e quebrando os nossos esquemas” (EG 22). Por outro, precisa estar atento/a para que o/a irmão/a não se deixe levar pelos ventos da novidade que chegam e logo passam sem deixar nada de consistente. Cabe a ele, na função de mandar, ser obediente à voz de Deus e à voz da realidade. Nisso, como dizia a Perfecta Caritatis, está jogando a salvação do/a irmão/ e de si mesmo.

d) itinerante e missionária

Estar com Jesus é pôr-se sempre de novo a caminho. Ele não tinha lugar fixo onde repousar a cabeça (Mt 8,20). Diante da proposta de Pedro para construir uma tenda no alto do monte, Jesus os convida a descer e peregrinar em busca dos que ainda precisam da Boa Nova (Mt 17,9).

A intimidade com Jesus, buscada por toda pessoa consagrada, é uma “intimidade itinerante e a comunhão [com Jesus] reveste essencialmente a forma de comunhão missionário” (EG 23). Um religioso que vive a obediência que tem seu fundamento no encontro e na escuta atenta do chamado de Deus, não pode apegar-se a lugares, pessoas, coisas, cargos... Deve imitar a Jesus e estar sempre disposto a partir para novas realidades, novos encontros, ao desapego constante, a novos serviços.

Agarrar-se à estabilidade e às seguranças que ela propicia é, no dizer do Papa Francisco, um “relativismo prático” muito mais perigoso do que o relativismo doutrinal, pois “tem a ver com as opções mais profundas e sinceras que determinam uma forma de vida concreta” (EG 80), no nosso caso, a VRC.

O relativismo prático que nasce da negação da itinerância consiste em “agir como se Deus não existisse, decidir como se os pobres não existissem, sonhar como se os outros não existissem, trabalhar como se aqueles que não receberam o anúncio não existissem” (EG 80). Isso pode acontecer com qualquer agente de pastoral. Mas é muito mais perigoso para os/as religiosos/as e religiosas que puseram suas vidas totalmente a serviço

do Reino e que são tentados a “cair num estilo de vida que os leva a agarrarem-se a seguranças econômicas ou a espaços de poder e de glória humana que se buscam por qualquer meio, em vez de dar a vida pelos outros na missão” (EG 80).

O único antídoto para tal veneno é a obediência à voz de Deus e à voz dos pobres e que não se apague em nós o entusiasmo missionário (EG 80).

Por uma obediência sinodal

Entre as muitas mudanças introduzidas pelo Papa Francisco na Igreja, ganha destaque a da forma de governar. Podemos, sem dúvidas, afirmar que ele fez uma brusca transição, por isso, nem sempre compreendida e até rejeitada, de uma forma monárquica a uma forma sinodal do exercício do poder.

O primeiro exemplo dessa proposta foi a efetivação, pelo Papa Francisco, já no início de seu pontificado, do Conselho de Cardeais para “ajudar no governo da Igreja Universal” (FRANCISCO, 2013). Na sequência, vieram os vários sínodos que, mais do que eventos, tornaram-se caminhos de escuta das muitas vozes que representam a policromia da catolicidade romana. Para o Papa Francisco, tão importante quanto a Assembleia Sinodal, é o caminho percorrido

para chegar até ela. Caminho que nem sempre necessita terminar com uma intervenção magisterial, mas que permanece aberto para que toda a comunidade eclesial continue a identificar, nas diferentes realidades em que lhe cabe viver, qual é a vontade de Deus (AL 1-4). O Sínodo sobre a família foi, com certeza, tanto em seu processo como em suas duas assembleias, um tenso exercício da escuta, da autoridade e da obediência que não foi compreendido por muitos. Com efeito, houve aqueles que não entendendo o novo modo de exercício da autoridade, lançaram dúvidas não apenas sobre a autoridade da Assembleia Sinodal, mas sobre a autoridade do próprio Papa Francisco (MÜLLER, 2018). De fato, para quem está acostumada à mentalidade monárquica, é difícil compreender e reconhecer a forma sinodal do exercício do poder.

Com a Constituição Apostólica *Episcopalis Communio*, o Papa Francisco aprofunda e consolida a prática Sinodal instaurada pelo Vaticano II. A sustentação teológica para tal mudança é buscada nos documentos do Vaticano II e na compreensão nele expressa da relação entre a autoridade dos bispos e a obediência dos fiéis:

O Bispo é, simultaneamente, mestre e discípulo. É mestre quando, dotado duma assistência especial do Espírito Santo, anuncia aos fiéis a Palavra de verdade em nome de

Cristo cabeça e pastor. Mas é também discípulo, quando ele, sabendo que o Espírito é concedido a cada batizado, se coloca à escuta da voz de Cristo que fala através de todo o Povo de Deus, tornando-o “infalível in credendo”. Com efeito, “a totalidade dos fiéis, que receberam a unção do Santo (cf. 1 Jo 2, 20.27), não pode enganar-se na fé; e esta sua propriedade peculiar manifesta-se por meio do sentir sobrenatural da fé do Povo todo, quando este ‘desde os Bispos até ao último dos leigos fiéis’, manifesta consenso universal em matéria de fé e costumes” (LG 12). (EC 5).

Na *Evangelii Gaudium*, o Papa, de uma forma figurativa muito interessante, havia destacado os três modos de o bispo relacionar-se com o seu rebanho:

...às vezes pôr-se-á à frente para indicar a estrada e sustentar a esperança do povo, outras vezes manter-se-á simplesmente no meio de todos com a sua proximidade simples e misericordiosa e, em certas circunstâncias, deverá caminhar atrás do povo, para ajudar aqueles que se atrasaram e sobretudo porque o próprio rebanho possui o olfato para encontrar novas estradas. (EG 31. Grifos nossos).

Muitas vezes, como afirma o Papa, o bispo exerce sua autoridade quando anda no meio e se deixa guiar pelo povo. Para que essa condução do bispo pelo povo se torne efetiva, ele “deverá estimular e procurar o amadurecimento dos organismos de participação propostos pelo Código

de Direito Canônico e de outras formas de diálogo pastoral, com o desejo de ouvir a todos, e não apenas alguns sempre prontos a lisonjeá-lo.

Nas disposições concretas para as futuras assembleias sinodais, a *Episcopalis Communio* prevê a possibilidade de o Papa delegar à Assembleia a aprovação do Documento Final sem que para isso necessite da posterior aprovação papal, tornando-se o documento aprovado pelos padres sinodais, ipso facto, Magistério ordinário do sucessor de Pedro (Art. 18,§2).

O Sínodo para a Pan-Amazônia foi o primeiro a ser realizado dentro das novas regras sinodais. Foi uma consulta ampla como nunca antes outra realizada. Milhares de pessoas e instituições, em todas as realidades da vasta Amazônia, foram ouvidas e puderam dar sua contribuição. E, como não podia deixar de ser, o processo refletiu no Documento Final. Entre as cinco conversões propostas, a quinta é o chamado à conversão sinodal de toda a Igreja.

Fazendo memória da prática da Igreja primitiva e os documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (AMAZÔNIA..., 87), a Assembleia afirma que “a sinodalidade é uma dimensão constitutiva da Igreja” e que, para torná-la concreta,

“é necessário fortalecer uma cultura de diálogo, de escuta recíproca, de discernimento espiritual, de consenso e comunhão para encontrar espaços e caminhos de decisão conjunta e responder aos desafios pastorais” (AMAZÔNIA..., 88).

Para os padres sinodais, “a vida consagrada, os leigos e entre eles as mulheres, são os protagonistas antigos e sempre novos que nos chamam a esta conversão” (AMAZÔNIA..., 86).

Na Exortação Apostólica Pós-Sinodal, “Querida Amazônia,” o Papa ratifica (QA 2) e expressa seu desejo “que toda a Igreja se deixe enriquecer e interpelar por este trabalho, que os pastores, os consagrados, as consagradas e os fiéis-leigos da Amazônia se empenhem na sua aplicação e que, de alguma forma, possa inspirar todas as pessoas de boa vontade” (QA 4).

Para os religiosos/as que buscam viver o voto de obediência no espírito da Igreja, em saída missionária, a consciência da sinodalidade que se fundamenta no único batismo que todos/as recebemos e nos mesmos votos que todos/as professamos, é um desafio que merece ser concretizado em instâncias sinodais de discernimento e decisão que nos conduzam a vivenciar a palavra de Deus que se faz ouvir nas diferentes realidades que nos cabe viver.

Situações sociais e eclesiais novas exigem a reelaboração de velhos conceitos e de velhas práticas. Tais mudanças nem sempre são fáceis, e, são especialmente difíceis quando se dão dentro de mudanças que não são pontuais, mas estruturais. No caso da Igreja e, nela da VRC, estamos ainda vivendo o tenso “conflito de interpretações” do Concílio Vaticano II (CODINA, 2012). Diante do conflito, alguns, na insegurança por ele gerado, buscam a segurança da volta ao passado da obediência cega que coloca toda a responsabilidade nos ombros do/a superior/a. Outros/as, num sentido oposto, mas igualmente equivocado, assumem indiscriminadamente o conceito moderno de liberdade e deixam-se levar pela “cultura onde cada um pretende ser portador duma verdade subjetiva própria” que dificulta ao religioso/a “inserir-se num projeto comum que vai além dos benefícios e desejos pessoais” (EG 61).

Com o Papa Francisco, cremos que é necessário retomar a Eclesiologia do Vaticano II e, nela, a Teologia da Vida Religiosa e inseri-la na proposta de uma Igreja em saída missionária para colocar-se a serviço dos empobrecidos e esquecidos da sociedade. Só assim o/a religioso/a obedecerá a Deus, a quem realmente interessa obedecer.

Os/as superiores/as e a comunidade com suas instâncias sinodais são chamados a ser instrumentos par que essa obediência seja cada vez mais fiel ao chamado inicial para a consagração e possa conduzir a cada pessoa que fez essa opção de vida à verdadeira liberdade que é a de colocar-se integralmente nas mãos de Deus para, assim como Jesus Cristo, fazer a Sua vontade.

Referências

- AMAZÔNIA: Novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. Documento Final. Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-Amazônica. Roma, 26 de outubro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20191026_sinodo-amazonia_po.html Acesso em: 24 de abril de 2020.
- CODINA, Victor. El Vaticano II en medio del conflicto de interpretaciones. Pistis e práxis. Curitiba, v. 4, n. 2, p. 504-515, julho/dezembro 2012.
- FRANCISCO, Papa. *Amoris Laetitia*. Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre o Amor na Família. São Paulo, Paulinas, 2016.
- FRANCISCO, Papa. *Episcopalis Communio*. Constituição

Apostólica sobre o Sínodo dos Bispos. Roma, 15 de setembro de 2018. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco_costituzione-ap_20180915_episcopalis-communio.html Acesso em: 24 de abril de 2020.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Gaudete et Exsultate*. Exortação Apostólica sobre a santidade no mundo atual. São Paulo, Paulinas, 2018.

FRANCISCO, Papa. Homilia do Papa Francisco. Festa da Apresentação do Senhor. XIX Dia Mundial da Vida Consagrada. Roma, 02 de fevereiro de 2015. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/consecrated_life/documents/papa-francesco_20150202_omelia-vita-consacrata.html Acesso em 23 de abril de 2020.

FRANCISCO, Papa. Homilia do Papa Francisco. Festa da Apresentação do Senhor. XVIII Dia Mundial da Vida Consagrada. Roma, 02 de fevereiro de 2014. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/consecrated_life/documents/papa-francesco_20140202_omelia-vita-consacrata.html Acesso em 24 de abril de 2020.

[vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140202_omelia-vita-consacrata.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2014/documents/papa-francesco_20140202_omelia-vita-consacrata.html) Acesso em 24 de abril de 2020.

FRANCISCO, Papa. Homilia do Papa Francisco. Festa da Apresentação do Senhor. XXIII Dia Mundial da Vida Consagrada. Roma, 02 de fevereiro de 2019. Disponível em: www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/consecrated_life/documents/papa-francesco_20190202_omelia-vita-consacrata.html Acesso em: 23 de abril de 2020.

FRANCISCO, Papa. Homilia do Papa Francisco. Santa Missa na conclusão do Sínodo dos Bispos. Roma, 27 de novembro de 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2019/documents/papa-francesco_20191027_omelia-sinodovescovi-conclusionone.html Acesso em: 20 de abril de 2020.

FRANCISCO, Papa. *Querida Amazônia*. Exortação Apostólica Pós-Sinodal. São Paulo, Paulinas, 2020.

FRANCISCO, Papa. Quirógrafo do Papa Francisco para a instituição de um conselho de Cardeais para ajudar o Santo Padre no governo da Igreja

Universal e para a revisão da Constituição Apostólica “Pastor Bonus” sobre a Cúria Romana. Roma, 28 de setembro de 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2013/documents/papa-francesco_20130928_chirografo-consiglio-cardinali.html Acesso em: 05 de março de 2020.

JOÃO PAULO II. Vita Consecrata. Exortação Apostólica Pós-sinodal sobre a Vida Consagrada e sua missão na Igreja e no mundo. São Paulo, Paulinas, 1986.

Lumen Gentium. Constituição Dogmática sobre a Igreja. Roma, 21 de novembro de 1964. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_

[const_19641121_lumen-gentium_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html) Acesso em: 22 de abril de 2020.

MÜLLER, Gerard. ‘Amoris Laetitia’, as ‘dubia’ e o Vaticano - temas de longa entrevista do Cardeal Müller. IHU On-Line. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/572239-amoris-laetitia-as-dubia-e-o-vaticano-temas-de-longa-entrevista-do-cardeal-mueller> Acesso em: 17 de dezembro de 2018.

Perfecta Caritatis. Decreto sobre a conveniente renovação da Vida Religiosa. Vaticano, 28 de outubro de 1965. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_perfectae-caritatis_po.html Acesso em: 22 de abril de 2020.

UM TEMPO PARA SE VIVER PLENAMENTE E NÃO ENTRE PARÊNTESES

Reflexão pastoral em tempo de pandemia

JOÃO DOS SANTOS BARBOSA NETO, SDB¹

Resumo

A pandemia colocou o mundo de joelhos. Uma inesperada doença invisível surpreendeu até os cientistas mais atentos. De repente, as igrejas tiveram que ser fechadas, as missas passaram a ser on-line; as comunidades mantiveram a distância obrigatória; as ruas desertas; os grandes centros da

modernidade fechados. Tudo mudou, mas a esperança cristã não passou. Ainda temos muitos motivos para continuar fortalecidos na fé. É com esta intenção que o artigo do padre João Neto nos ajuda a refletir.

Palavras-chave: pandemia, COVID-19, esperança.

Uma dura realidade que se impõe como prova

A realidade sofrida e desolada pelo Covid-19 se impõe a todos nós e se faz companheira

¹ Salesiano Sacerdote. Licenciado em Filosofia (UCDB/MS); Bacharel em Teologia (UPS/ITÁLIA); Pós-graduado *latu senso* em Counseling (IATES/PR); Pós-graduado *latu senso* em Psicopedagogia (UCDB/Portal Educação); Mestre em Teologia Pastoral (UPS/ITÁLIA); Doutorando em Teologia Pastoral (UPS/ITÁLIA). E-mail: joaoneto@missaosaesiana.org.br.

indesejada de nossos dias. Ao redor de nós, existe um vazio, não temos ninguém na assembléia, um triste silêncio penitencial, quase de cemitério, envolveu as nossas comunidades.

A sensação de abandono toca a pele de muitas pessoas diante do terrível pesadelo que esta pandemia coloca pesadamente sobre nossos ombros. Atônitos e impotentes observamos o anjo da morte andando em derredor, destruindo famílias e levando consigo milhares de pessoas.

O medo aflige nossa alma com a angústia do que poderia acontecer aos nossos entes queridos em situações difíceis e distantes de nós; é doloroso ouvir o lamento e o choro das famílias e dos jovens pobres, que por estarem à margem da sociedade, são os que mais sofrem; é terrificante saber que podemos ser contagiados e não sermos socorridos a tempo, ou de não termos lugar nas UTIs devido à superlotação e ao colapso do sistema sanitário. E se antes pensávamos ser fortes e indestrutíveis, de repente nos encontramos frágeis, indefesos, construídos da matéria mais delicada e vulneráveis diante deste terrível drama.

A nossa sociedade, que se via poderosa, que se vangloriava de sua cientificidade e de sua tecnologia, teve o seu apagão e aparentemente encontra-se perdida. Com todos os meios de

A sensação de abandono toca a pele de muitas pessoas diante do terrível pesadelo que esta pandemia coloca pesadamente sobre nossos ombros. Atônitos e impotentes observamos o anjo da morte andando em derredor, destruindo famílias e levando consigo milhares de pessoas.

comunicação que possuímos, podemos compreender quase tudo e mesmo assim não podemos sair de nossas casas.

A ação renovadora e criativa do Espírito Santo que rompe a escuridão

Deus não apaga a dor, não elimina magicamente o sofrimento: as ambulâncias continuam a percorrer as ruas das cidades em todo o mundo. Deus continua a se importar conosco, embora nos pareça que Ele esteja distraído, insensível e impenetrável, mas o badalar dos sinos das Igrejas nos alertam: Ele está conosco e não se esquece de nós.

O Senhor não fica olhando para nós e passivamente assiste ao nosso sofrimento, mas ao contrário, Ele está fazendo a verdade

em nós. Deus faz do silêncio de nossas cidades amedrontadas a sua pegada em nosso deserto interior, na direção de nosso coração, lugar privilegiado de comunhão, de experiência e de encontro com Ele.

Neste contexto doloroso e banhado pelas lágrimas de tantas pessoas, é necessário ressignificar o silêncio como o local de inspiração e de comunicação com Deus. Ele fez do silêncio a sua morada, por isso, silenciando o nosso ser, é possível escutar, estabelecer um diálogo íntimo e profundo no qual Ele possa nos abraçar, envolver-nos em seu amor e encher-nos de sua paz.

As determinações ditadas pelo governo, como o lockdown², a quarentena³, o isolamento social⁴ e o distanciamento⁵, atingiram em cheio toda a sociedade e consequentemente a vida da comunidade eclesial com o fechamento das Igrejas, dos oratórios, dos centros sociais, juvenis e catequéticos. Responsavelmente, essas medidas foram respeitadas e acolhidas neste combate para a preservação da vida contra o Covid-19, entretanto, é inegável

- 2 Bloqueio total, em que só é permitido sair para atividades essenciais.
- 3 Restrição para quem pode ter sido exposto ao vírus, mas não tem sintomas.
- 4 Separação de quem está doente de pessoas não infectadas.
- 5 Medidas para diminuir a interação e o contato entre as pessoas de uma comunidade.

Neste contexto doloroso e banhado pelas lágrimas de tantas pessoas, é necessário ressignificar o silêncio como o local de inspiração e de comunicação com Deus. Ele fez do silêncio a sua morada, por isso, silenciando o nosso ser, é possível escutar, estabelecer um diálogo íntimo e profundo no qual Ele possa nos abraçar, envolver-nos em seu amor e encher-nos de sua paz.

que esse ato causou tristeza à comunidade cristã, que enquanto assembleia celebrante, foi impedida de reunir-se para celebrar a Paixão e a gloriosa Ressurreição do Senhor.

As portas fechadas das Igrejas não impediram a ação vivificante do Espírito Santo, que fez germinar de modo renovado no coração dos pastores um aspecto importantíssimo de seus ministérios: a oração e a intercessão pelo povo que foi a eles confiado. O sacerdote, o religioso e a religiosa sempre tão solícitos, disponíveis e incansáveis em atender o Povo de Deus nos mais diferentes serviços. Animações e pastorais reencontraram na oração e no silêncio o modo

mais específico e indelegável de se solidarizarem e de manifestarem compaixão pelas dores, mortes e graves consequências econômicas-sociais que este vírus está causando.

A ação dinâmica do Espírito Santo purifica os corações, acende neles um fogo novo, recorda e aprofunda os ensinamentos de Jesus Cristo, e faz reflorescer as prioridades das escolhas fundamentais professadas. Ele cria um ambiente fecundo para ouvir o Senhor que fala diretamente ao coração neste momento de pandemia, infundindo esperança, transformando a situação de tribulação em ocasião de amadurecimento, revelando novas formas de servir, pois através do Espírito Santo age o próprio Cristo princípio de comunhão com Deus e entre os homens⁶.

O Espírito Santo acompanha e favorece o discernimento em um período no qual não é nem contra a fé e nem contra Cristo, mas contra o ser humano. Abrir-se à força criativa do Espírito Santo, diante de tanta desolação, é permitir que Ele se torne mestre de vida, iluminando as decisões que nos fazem capazes de compaixão, de solidariedade e de gestos de amor.

⁶ Cf. Y. Congar, *Ecco la Chiesa che amo!*, Brescia, Queriniana, 1969, 54.

Aspectos para uma re-significação e fecunda pastoral

Este não é um tempo para ser vivido como uma pausa extraordinária, mas ao contrário, é um tempo para ser vivido intensamente como sinal de vida e de esperança. E mesmo se o mundo insistisse em um futuro alicerçado no medo e na incerteza, a fé cristã, que é fundada na certeza da Boa Notícia da vitória de Cristo, dá a convicção de que este vírus será derrotado.

Torna-se urgente repartir, acolher a novidade suscitada pelo Espírito e com audácia e criatividade inovar a ação pastoral para que a comunidade continue a reunir-se, partilhar a Palavra, nutrir a fé e crescer na vida espiritual. Isso exige a assimilação desafiadora do pátio virtual (telefônico e/ou digital) como recurso e ambiente de evangelização neste momento de exceção.

Expressão de zelo de tantos sacerdotes para preencher o vazio do jejum eucarístico e encurtar as distâncias impostas, foi o multiplicar de celebrações eucarísticas on-line, às vezes, intercaladas com a Liturgia das Horas ou com o Ofício Divino das Comunidades. Apesar de toda a boa vontade e reta intenção, nessa modalidade, os fiéis que assistem à Santa Missa,

não são protagonistas da ação litúrgica, e entre outras coisas, tendem a separar a epíclese de consagração do pão e do vinho (“Isto é o meu corpo [...] o meu sangue [...]”: súplica ao Espírito Santo para a transubstanciação das espécies), da epíclese sobre os comungantes (onde se súplica a transformação da assembleia em Corpo Eclesial de Cristo)⁷.

A existência de inúmeros pedidos para a realização de Santas Missas, on-line, é um importante indicador que revela a sinceridade e profundidade da vida espiritual das comunidades eclesiais. Entretanto, é importante compreender que a ação pastoral é maior que a liturgia eucarística, por isso, é necessário acolher a honestidade destes desejos de Eucaristia e, guiados pelo Espírito Santo, encontrar e propor itinerários e instrumentos que permitam que a Palavra visite os corações e convide-os à fé⁸.

O agir da Igreja deve pautar-se no acompanhamento dos agentes pastorais e das famílias

7 Cf. S. Noceti, *Com/partecipare*, in V. Berti et al. (Edd.), *Dalle finestre di casa: sguardi sapienziali in tempo di pandemia*, Brescia, Queriniana, 2020, 37–43: 40.

8 Cf. Mario Antonelli, *Il vero desiderio dell’Eucaristia scatena l’immaginazione*. Disponível em: «https://www.chiesadimilano.it/news/chiesa-diocesi/il-vero-desiderio-delleucaristia-scatena-limmaginazione-318132.html?fbclid=IwAR02f6iBU3KbewHfQrQtulcRrx9C8O2Kg t l nOPBow-OMgIqmhaI879_Q7 GA». Acesso em: 04/05/2020.

de modo contínuo e progressivo, reconhecendo nas casas e nas famílias um verdadeiro lugar eclesial, experimentando-a como igreja doméstica e valorizando o sacerdócio batismal⁹. A Eucaristia é sempre *culmen et fons*, mas neste tempo é fundamental recordar que o batismo conforma o catecúmeno a Cristo; que o Senhor é presente naqueles que estão reunidos em seu nome; que Ele é presente na Palavra a qual, quando escutada, faz nascer a fé que nos gera e nos regenera; enfim, Ele faz sua morada naqueles que observam o seus mandamentos e partilham de seus sentimentos¹⁰.

As enormes desigualdades sociais e econômicas dos membros das comunidades escancaradas nesta pandemia, e a impossibilidade da presença física dos pastores e/ou dos agentes pastorais, podem limitar, mas não podem parar a pastoral da Igreja. Deste modo, convém ressaltar a valorização da programação católica nas rádios, na televisão e nas diversas iniciativas de envio de mensagens e reflexões da Palavra em grupo de mensagens de texto ou posts nas redes sociais.

9 Cf. S. Noceti, *Com/partecipare*, 41.

10 Cf. Francesco Cosentino, *La vita e il culto*. Disponível em: «http://www.settimananeWS.it/teologia/la-vita-culto-o/?fbclid=IwAR 0JDHj 4ZFDS6 MI dwDif Uw85L9 l uuuQWi3hPJEj9h_i565_e vwB3HaaJFlg». Acesso em: 05/05/2020.

Com esforço e empenho, é fundamental dar continuidade na formação e fortalecer os agentes pastorais da comunidade. Por meio de ligações, grupos de mensagens ou vídeo-conferência, é importante que os pastores escutem as experiências destes agentes, partilhem a vida concreta neste período e acolham sugestões e propostas. Onde for possível, a realização de vídeo-conferência é um bom meio para fazer reuniões, programar atividades, tirar dúvidas e partilhar inspirações.

Conclusão

Em conjunto com o pastor, todos os agentes são chamados a valorizarem ao máximo a família como igreja doméstica, fazendo com que elas se sintam cuidadas e acompanhadas. Utilizando os meios já citados e abertos a criatividade geradora de vida do Espírito Santo, podem ser oferecidos às famílias, de modo organizado (por exemplo de forma temática semanal, ou a partir do tempo litúrgico, ou a partir festa do padroeiro...), subsídios de oração para a animação do dia; vídeos com testemunhos; terços meditados; músicas religiosas; textos bíblicos e tantas outras iniciativas que permitam a eles viverem momentos de oração em família.

Também, a catequese pode adquirir uma nova modalidade na qual os agentes pastorais entram em contato com os pais dos catequizando, passam a eles de forma semanal um texto bíblico com pistas de meditação para serem aplicados aos seus filhos. Onde for possível, seja estimulado o encontro e formação dos grupos (de missionários, de jovens, de animadores, de liturgia...) por vídeo-conferência, além de incentivar a realização dos grupos de oração (cenáculo, terço, lectio divina...).

É importante promover e estimular grupos de voluntários tanto para a arrecadação e distribuição de alimentos para famílias carentes, quanto no cuidado e zelo com os doentes e anciãos (por exemplo, pessoas disponíveis em fazer compras...). Deste modo, a comunidade eclesial, guiada pelo Espírito Santo, poderá continuar de modo criativo o seu peregrinar terreno, testemunhando a presença misericordiosa de Deus, sendo portadora de sua graça e alimentando a confiança e a fé de toda a humanidade¹¹.

11 Cf. D. Libanori, *La fede al tempo di Covid-19*, in «La civiltà cattolica» 171 (2020) 4076, 163–176: 174.

Pontos para reflexão pessoal e comunitária

- Como vivi ou estou vivendo, pessoal e/ou comunitariamente a dimensão espiritual? De que modo pode-se testemunhar o amadurecimento e o aprofundamento no diálogo com Deus?
- É possível identificar expressões concretas de zelo pastoral realizado pessoalmente e/ou comunitariamente em favor das comunidades, das pastorais, dos grupos e das famílias ao longo desta pandemia? De que forma gestos de solidariedade e de compaixão foram ou estão sendo manifestados?
- Fomos ou estamos sendo dóceis à inspiração criativa e corajosa do Espírito Santo? É possível nomear algumas iniciativas que permitiram fazer com que a comunidade (famílias, agentes, grupos...) crescesse no amor recíproco, em sua dimensão comunitária-familiar e eclesial?
- À luz da esperança, este tempo está sendo acolhido como um justo tempo de decisão: tempo de decidir o que conta e o que passa, de separar o que é necessário daquilo que não é? As escolhas pessoais e/ou comunitárias revelam solidariedade com a atual situação de crise e de dificuldades de sobrevivência das famílias que nos rodeiam?

ESPIRITUALIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA: APRENDIZADO E RENOVAÇÃO

IR. HELENA T. RECH, STS¹

Resumo

Um aprendizado deste tempo da grande travessia da pandemia é a consciência de não saber muito. É tudo tão novo, inesperado, que causa certa impotência diante daquilo que imaginávamos que já tínhamos total domínio. O vírus foi globalizando-se, fechando

agendas, causando pânico e escancarando as mazelas sociais, políticas, econômicas, religiosas e ambientais. Neste artigo, apresento a questão como travessia e pandemia na casa comum na qual vivemos e fomos convocadas a nos isolar; compreender que tudo está interligado e que nada e nem ninguém foi poupado; faz-se necessário encontrar o Oásis que está dentro de nós e que nos ajuda na experiência da Trindade; levando-nos a uma espiritualidade do cotidiano, uma constante e real necessidade.

Palavras-chave: espiritualidade, travessia, deserto.

1 Religiosa da Congregação das Servas da SSma. Trindade, reside atualmente em São Paulo. É Teóloga, com Mestrado e Doutorado em Espiritualidade pela PUC/RJ. Foi Geral duas vezes, Conselheira Geral e Formadora, Membro do Conselho Editorial da Convergência (9 anos), fez parte da Diretoria da CRB Nacional e Regional SP, Coordenou a Equipe que criou o PROFOLIDER, foi coordenadora e Assessora do mesmo por alguns anos. Assessora cursos, Retiros, Capítulos, tem livros e vários artigos publicados em diversas revistas.

Introdução

Acolhi com alegria o convite da Revista Convergência para escrever este artigo. Em primeiro lugar, por ter participado do Conselho Editorial da revista por um longo tempo, segundo, pelo tema proposto. Faz parte de minha reflexão e oração diária o tema Pandemia. Terceiro, estou escrevendo, desde março, pequenos artigos para o site congregacional, sobre Pandemia e Espiritualidade. Compartilho com simplicidade o que tenho gestado, contemplado durante esse momento. Tempo de grande aprendizado, desafios, descobertas, escuta de mim e de tantas pessoas. Tempo de ressignificar a vida, as relações, a comunicação, com amor, criatividade e espiritualidade, a vida em comunidade ou em família.

Tempo de Pandemia ou de Travessia?

Esta foi a primeira pergunta que me fiz, retornando de Fortaleza em março, após o retiro que orientei no CERNE. Iniciava-se o tempo de quarentena e a frase mais usada era “fica em casa”. No final de março e início de abril, as notícias eram terríveis. O medo foi se alastrando e parecia que todos morreríamos. Comentava-se

ser a Terceira Guerra mundial sem armas de fogo, sem bombas terríveis. A guerra do “Corona Vírus”, não vencida com armas nucleares, nem com exércitos. Nossa arma para vencê-la é o amor, o cuidado com a vida humana e do planeta, a solidariedade, investimento na ciência e na saúde, infra estrutura hospitalar, nos agentes de saúde e humanidade. Tempo de mudar nosso jeito de viver, pensar, se relacionar, conviver, se olhar, consumir... ressignificar a vida, o saber, o isolamento e o sofrimento. Tempo de grandes “travessias” pessoais, comunitária, sociais.

A grande travessia da pandemia é não entender tudo, mas nos sentir impotentes e frágeis. Aqui se esconde a grande sabedoria de quem aprendeu a ler a vida com o olhar de Deus e da espiritualidade: simplesmente contemplar a vida, as pessoas, as ruas vazias, as lojas fechadas, usar máscaras, estar em casa. Isso é para mim, para você, tempo de renascer e reaprender a VIVER. Redescobrir o belo da vida, o lado lúdico de cada um, também nossos vazios interiores... olhar para o céu e ver que ele é mais azul; o pôr de sol encantador vai se despedindo no horizonte, num bailado de corres fascinante. Este é o mais belo presente do universo para nós. Como se isso não bastasse, uma chuva de meteoros aconteceu

nas primeiras semanas de quarentena. Reportagens mostraram que durante o isolamento, a natureza é mais feliz, as águas dos oceanos e rios estão mais límpidas e transparentes, o ar que respiramos e o ambiente físico tem menos poluição.

O mais interessante é que na “travessia/epidemia”, a verdadeira sabedoria do isolamento social nos ajudou a entender que os voos cancelados, as viagens interrompidas, as escolas, universidades, academias e parques fechados, apontou que a grande viagem a fazer é para dentro de nós mesmos. Na interioridade de nosso coração há um lindo “jardim secreto”, às vezes, pouco cuidado e visitado. Aí podemos passear e conversar, com amigos/as, descansar, sonhar. Em nosso coração existe um “santuário” onde posso estar com Deus Trindade a qualquer hora, sem sair de casa, sem buscar um templo ou igreja, hoje fechados. Deus entra em nosso espaço vital. O “mistério de Deus” sempre nos supera.

Em todas as línguas, a palavra mais falada é “CASA”. Sim. “casa” = moradia, “Casa Comum”, o Planeta. Casa sou eu, é você. Somos todos nós, casa habitada pela Trindade, pela vida, pelas pessoas, por sentimentos de todos os tipos: amor, egoísmo, ódio, gratuidade, solidariedade,

abertura, alegria, medo, sonho. Será que este, não é o tempo de nos “habitar” de verdade? Estar conosco, visitar nosso “jardim secreto”, contemplar nosso interior? Escutar-nos de verdade!

Estar conosco, no silêncio interior, é vida, é saúde, é sabedoria, é espiritualidade. Avaliar quem somos e que travessias necessitamos fazer. Deixar o que nos mantém doentes, rancorosos, fechados, amargos, quem sabe expulsar outros vírus como: egoísmo, orgulho, autossuficiência, consumismo?

Que tempo fecundo é esse que vivemos!... Estamos “abrigados” em nossas casas. Tão raro esta oportunidade de estarmos juntos, gastar tempo, olhar no olho e conversar. Iniciamos a grande travessia! de acolhida, cuidado, descobertas, convivência, desacelerar o ritmo, curtir,

O mais interessante é que na “travessia/epidemia”, a verdadeira sabedoria do isolamento social nos ajudou a entender que os voos cancelados, as viagens interrompidas, as escolas, universidades, academias e parques fechados, apontou que a grande viagem a fazer é para dentro de nós mesmos.

descansar. Simplesmente viver em “nossa casa”, estar conosco mesmos, qualificar e significar este tempo precioso e singular. Quem sabe único? Grande aprendizado para todos.

Tudo está ligado, interligado, transligado

Por mais incrível que pareça, vivemos num tempo onde uma pandemia nos colocou a todos, sem distinção, no mesmo “lugar”, numa interdependência relacional: tudo está ligado, interligado, trans ligado.

O Covid-19 não fez distinção de classes sociais, etnias, religiões, países, Estados, política, partidos, culturas, mansões ou casebres, palácios ou templos chegou e se alastrou no mundo todo, rapidamente. Olhar por essa perspectiva pode nos apavorar, dar medo, impactar, desanimar ou pensar que não somos parte deste contexto. Outra alternativa é buscar uma saída conjunta, porque estamos todos ligados e interligados nesta “Casa Comum”, nossa “mãe terra”, nosso lindo planeta.

Buscar um caminho da integração das relações nos levará a conscientizar-nos de que somos parte do todo: do planeta, do universo, uns dos outros e que, com todos os seres vivos, formamos a

grande “Comunidade de Vida”. Essa consciência Ecológica é início de uma jornada muito longa. Assim como a árvore gigante que nasce de uma semente minúscula, a experiência seminal da contemplação da natureza e de todos os seres vivos interdependentes, torna-nos gradativamente seres ecológicos, mais sensíveis e interligados.

A linha divisória entre o mundo interior e o mundo exterior começa a diminuir à medida que nos aprofundamos e vivenciamos a Eco espiritualidade, reconhecendo-nos enquanto seres viventes, conscientes de que somos húmus=terra que anda, pensa, ama, que canta, sofre, chora. Em outras palavras, na unidade de um fluxo integrador e da consciência de “ser parte”, começa o novo nas diferentes relações.

A narrativa da criação no livro do Gênesis descreve que à medida que Deus criava, concluía que “tudo era bom” (Gn 1,10.12.18.21.25). O texto descreve a beleza do ato criador. O Deus Criador que sai do seu silêncio e se derrama, dá tudo de si, de sua beleza e bondade, seu amor e carinho como presente.

E nós? estamos “no princípio criador” onde tudo é bom e belo? ou “no fim” com nostalgia de tudo o que era bom e belo? Talvez na “crise”, onde precisamos recriar o belo, o amor, a ética, as

novas relações de pertencimento, a capacidade de encantar-se, de contemplar e compartilhar, de humanizar-se e ser h́umus pronto para ser modelado.

Alguns sintomas da crise atual afeta todos os seres vivos; poluico do ar, da água e todos os efeitos dos agrotóxicos; poluico dos mares, envenenamento da água e os problemas dos diversos lixos; envenenamento da terra, a “revoluico verde” e seus impasses; plantas transgênicas; destruico das florestas, queimadas e desertificaco. E o que dizer da degradação da vida humana e dos povos nativos?

O debate sobre a pandemia, Covid-19, não pode ser são político, econmico, nem são tecnológico ou científico, deve ser também socioambiental, das “Espiritualidades” e religiões. Precisamos compreender e ressignificar o “criado”, a natureza, o universo e como nos comportar e nos comprometer com a VIDA em toda sua biodiversidade, convite ou desafio deste tempo de pandemia.

Da Carta da Terra, podemos extrair e aplicar a Eco-espiritualidade este texto: “reconhecer que todos os seres são interligados e cada forma de vida tem valor, independentemente do uso humano”². Somos seres inter-dependentes uns dos outros, como os fios de

uma grande teia de aranha. Se um fio se rompe, toda a teia sofre o impacto. Na teia, todos os fios são importantes e nenhum pode ser sem o outro. Todos estão interligados e transligados e formam uma única engenharia da teia.

Ressignificar a Espiritualidade tendo em vista os desafios pelos quais passa a vida humana e a mãe-terra neste tempo de crise e pandemia. Isso exige um compromisso tico, profético, social, político, nascido não somente da indignaco, mas de uma profunda experiência do Deus da vida, com todos e tudo que “vive e respira” sobre a face da terra.

A Espiritualidade  dom do Espírito. Ele cava em nosso interior a sede de Deus, suscita desejos profundos, provoca-nos a viver com tica, sensibilidade e cuidado; mergulha-nos na fonte do amor Trinitário e nos torna todos interconectados. Talvez você esteja se perguntando: o que tudo isso tem a ver com a pandemia e o Covid-19?

A vida e a autoconsciência da vida são interligadas. A Espiritualidade  a tomada de consciência da importância e do significado mais profundo da vida do planeta, do sentido da Casa Comum, da importância da Eco espiritualidade para a “VIDA” integral. Sair do “centro”, do antropocentrismo para uma consciência de pertenca e “pericorese”.

² Carta da Terra, Princípios, p.17, item a,

³ No vocabulário da ecologia o termo “holismo”, que vem do grego, significa totalidade.

Parece que o ser humano pós-modernos perdeu a direção da própria interioridade, da casa interior, da intimidade consigo. Quem sabe perdeu “a chave”, esqueceu a “senha” que abre o coração; perdeu-se no caminho encantador e sedutor que a pós-modernidade lhe oferece. Tantas pessoas já não sabem responder perguntas existenciais como, quem sou eu? O que busco? Para onde vou? O que desejo?

Nunca o ser humano esteve tão “conectado” e tão solitário! Muitos não conseguem mais encontrar o eixo gravitacional de sua vida, outros vivem e “era do vazio” ou a “era do gelo”, da cultura “líquida”, onde relações, valores, amor, ética, cuidado, se reduzem ao narcísico consumismo, à superficialidade e descartabilidade.

Em que a Espiritualidade pode nos ajudar neste tempo precioso e desafiador da pandemia?

1. Reaprender a estar conosco, conectar-nos com nossa interioridade, nosso manancial interior;
2. Valorizar o dom da cooperação e não a lei da competição. Cuidar dos mais fracos, integrar o que está desintegrado e o que está perdido;
3. Ressacralizar as “casas”: o planeta, a natureza, o corpo como morada da Trindade, o coração como morada da alma;

4. Crescer em generosidade, no amor, acolher o diferente, abrir espaços para o novo e para a vivência da mística do cuidado, criar redes de solidariedade, pois a Espiritualidade é o profundo do humano, é o que une e reúne; é o dom mais precioso que a Trindade colocou em nosso coração;

5. Assumir um estilo de vida mais simples e despojado, como a natureza. Pois, “a sobriedade corta o mal pela raiz.” (expressão de J.B. Líbanio)

Encontrar “Oásis” no Deserto

“Ouvem-se gritos e pranto amargo em Ramá: é Raquel que chora inconsolável por seus filhos que já não existem mais” (Jr 31,15).

No tempo da pandemia, ouviram-se muitos “gritos” de quem se sentiu como Raquel, “inconsoláveis” com tantas perdas: pessoas da família, vizinhos, amigos, emprego, saúde, sustentabilidade. Deserto, secura, solidão, desolação, noite escura – expressões mais forte da Espiritualidade profunda vivenciada por místicos de ontem e de hoje. É na “noite escura” que um grito ressoa: “No meio da noite ouviu-se um grito: o noivo está chegando. Saí ao seu encontro”. (Mt 25,6). É no “choro

inconsolável” que a ternura de Deus e o consolo chega para Raquel: “...segure os soluços e enxugue as lágrimas, porque há uma recompensa para sua dor, existe uma esperança para seu futuro...” (Jr 31, 16-17).

A Espiritualidade nos humaniza e dá sentido aos nossos choros, apontando o oásis em nossos “desertos”. Aqui se encontra a chave de nossa própria interioridade. Nas “noites escuras”, se estivermos conectados interiormente, ouviremos o mais belo convite: “o noivo está chegando! Saia ao seu encontro!” Em nossas desolações, choros inconsoláveis, Ele está perto, cuida da nossa dor, enxuga nossas lágrimas e nos consola: “segure o soluço porque existe uma esperança para seu futuro”.

Se não construirmos “condomínios fechados”, com “guardas” em nosso interior, e deixarmos as portas abertas, Ele chega! As pessoas se aproximam. Conseguimos ver horizontes, e teremos coragem de construir um novo futuro, abrir espaços de novas relações de vida e amor na mística do cuidado.

A “chave” da Vida ou da Morte está em nossas mãos (cf. Dt 30, 15.19). Oásis se encontram dentro de nós. O Noivo chega no meio da noite. Ele enxuga as lágrimas.

A Experiência Espiritual de Deus Trindade é a chave da

No tempo da pandemia, ouviram-se muitos “gritos” de quem se sentiu como Raquel, “inconsoláveis” com tantas perdas: pessoas da família, vizinhos, amigos, emprego, saúde, sustentabilidade. Deserto, secura, solidão, desolação, noite escura – expressões mais forte da Espiritualidade profunda vivenciada por místicos de ontem e de hoje. É na “noite escura” que um grito ressoa.

vida, é nossa vitalidade, é o dinamismo da missão, é fonte de criatividade, é espaço de relações humanas e humanizadoras... saúde da alma e do corpo.

Cultivar a própria “interioridade” por meio da espiritualidade é dom de Deus, opção pessoal e arte é buscar no campo da vida o “Tesouro escondido” (cf Mt 13, 44), desenterrá-lo e deixá-lo luzir na escuridão da pandemia e tantas vidas no deserto.

Quando usamos a expressão interioridade, não significa fechamento, mas espaço aberto e profundo onde percebo e vejo a vida, a missão, o mundo, os desafios, crises, desolações e a própria consagração, com o olhar de Deus. Igualmente, “intimidade” não é intimismo. A intimidade

com Deus e comigo não anula quem sou, mas abre me para espaços novos, caminhos de vida contínua busca de conversão e integração.

Espiritualidade do Cotidiano: Um Aprendizado

Refletir e escrever sobre Espiritualidade e pandemia, que afeta o mundo todo e todo mundo, é um assunto em aberto e com muitas possibilidades. A Espiritualidade é vida e brota da vida cotidiana em todo seu dinamismo do “humano-divina” que se “tocam” e interpenetram numa eterna dança pericorética. Tudo o que sabemos, descobrimos e vivenciamos sobre pandemia é tão incerto e desafiador. Cada dia, em cada instante, surgem novos desafios, novas descobertas a única certeza é: nossa interioridade e o mundo são habitado por Deus Uno e Trino. Nele, encontra-se coragem, ousadia de recommear, de nos doar e de amar. Por isso, não vou escrever uma conclusão, deixo algumas pistas que podem ajudar ou esclarecer o cotidiano.

Espiritualidade do cotidiano: o humano e divino se tocam

Estas são duas dimensões profundas da Espiritualidade

do cotidiano. No cotidiano simples da vida, o “humano e divino” tocam-se, encontram-se, interpenetram-se sempre “conectados”. Porém não me refiro à internet ou às redes sociais, celulares, WhatsApp, Face-book ou outros. Refiro-me à conexão interior com a Trindade de ternura que nos habita; conexão com a comunidade de vida. Criar um “espaço interior”, estar sintonizada/o consigo e integrar-se com a realidade externa.

Cultura da “civilização do espetáculo”

Não posso e não devo “deixar a vida me levar”, como alguém canta. Nossa civilização trivializou e banalizou a intimidade, o silêncio, as oportunidades de estar consigo. Resgatar e cultivar a verdadeiro sentido da interioridade e intimidade, é o caminho da Espiritualidade. Caso contrário, perderemos nosso eixo vital ou a conexão com nosso “mestre interior”. Seremos como “caniços agitados pelos ventos”. Parece que o ser humano da pós modernidade, além do Covid-19, sofre também de uma “atrofia interior” na qual a vida deixou de ser vivida para ser representada. Disfarçamo-nos de fortes, mas somos vulneráveis; aprasentam-nos resistentes, mas estamos quebrados por dentro; manifestamos coragem quando temos medo do cononavírus,

além do medo de outros “vírus” que bloqueiam o fluir da vida; usamos lindos adornos para esconder o desgosto, as feridas, os fracassos, as mágoas, os choros interiores e intolerâncias. Viver uma verdadeira Espiritualidade no cotidiano é ser pobre e esva-ziar-se, aprender descer ao “manancial interior”.

Viver nossa verdade sem adornos

A Espiritualidade e o “silêncio” são a fonte de uma grande força interior. Proporciona-nos olhar para nós e saber quem somos com transparência e verdade; aceitar nossa fragilidade, incertezas, reconhecer nossos dons e limites; descobrir as fendas por onde a vida se esvai, para ver e recriar a vida em Deus; confiar no Deus que “me vê e conhece” melhor do que eu, para sair do ego que me aprisiona; buscar Deus onde Ele quer ser buscado e amado, sem “adornos” falsos e frágeis, AMAR! AMAR! AMAR! Amar sem medo, simplesmente amar com simplicidade. Amar é decisão, não é sentimento. Amor é serviço de jardinagem: plantar, regar, aguardar o crescimento, cuidar haverá pragas, seca, excesso de chuva, até tempestades e a possibilidade de outros colherem o que você plantou. Amar é vida. E vida sem amor não tem sentido. A inteligência sem amor nos faz orgulhosos. A

justiça sem amor nos faz implacáveis. O trabalho sem amor nos faz escravos. A beleza sem amor nos faz redículos. A amizade sem amor, foi-nos possessivos. O trabalho sem amor, faz-nos escravos. Espiritualidade sem amor não existe, pois Deus é AMOR. Nunca tive a curiosidade de saber quantas vezes a palavra Amor aparece na Bíblia. Com certeza, muitas vezes. Jesus viveu o amor plenamente e falou dele milhares de vezes. O amor ao Pai e ao Reino era sua paixão, sua vida. Em Jo, 15,12, Ele nos deixa seu testamento: “Amem-se uns aos outros como eu vos amei”. Espiritualidade: amar o Pai e os irmãos como Jesus. Deixar-se amar pelo Pai, como Ele amou seu Filho. Provar como Deus é bom: deixar a Santa Ruah modelar em nós os sentimento de Jesus e o amor terno e misericordioso do Pai. O amor é o mais lindo tesouro espiritual. O silêncio é a pérola preciosa da vida espiritual, tão pouco cultivado entre nós. Escreve um autor: “ser profundamente amado por alguém, lhe dá coragem. Amar alguém profundamente lhe dá forças”. Deixe-se amar por Deus e ame profundamente Deus. Os “véus” que cobriam o verdadeiro rosto da mulher do “cântaro vazio” foram levados pelo vento. Deixou-se tocar, soube escutar, não teve medo de pedir “outra água” para matar a

sede que sentia em seu interior. Abriu-se um “manancial “ em seu interior... não precisou mais de véus nem de balde, nem do templos. A adoração passa pelo coração. Ele saciou todos os seus desejos.” Água viva murmura dentro de mim e me diz: venha para o Pai”. (S. Inácio de Antioquia) este é o mais belo aprendizado espiritual.

Uma palavra final

- Para viver uma Espiritualidade no cotidiano, deste tempo, é preciso ser pobre e esvaziar-se;
- Ser em todos os momento uma discipula e um discípulo aprendiz (o pobre nos ensina,

o povo nos ensina, o sofrimento, a crise nos ensinam)

- No cotidiano cultivar um olhar contemplativo, ver além do visto pelos olhos, ver com o coração;
- Sem oração diária pessoal e comunitária, a liturgia, os sacramentos, não existe Espiritualidade;
- A Palavra de Deus é fonte inspiradora e alimento da Espiritualidade;
- Um PPV, acompanhamento espiritual, partilha de vida são meios que ajudam a experiência espiritual;
- Intimidade e amizade com Jesus para discernir no cotidiano “as vozes” interiores.

Para refletir em comunidade:

- Que aspectos deste texto lhe ajudam na vivencia Espiritual no tempo de Pandemia e isolamento?
- Ainda existem “Oásis”, na sua vida e na comunidade? Nas “noites escuras”, como perceber as chegadas do “Amado”?
- Qual o “aprendizado” mais significativo para você e sua comunidade durante a quarentena? Que desafios? O que mudou?
- O que ressignificar na vida e na Espiritualidade após o Covid-19?

CAMINHAR COM DETERMINAÇÃO E UM OLHAR PARA O FUTURO

Uma investigação sobre o contexto formativo na Vida Religiosa

FREI VAGNER SANAGIOTTO¹

Resumo

Queremos que essa pesquisa seja uma oportunidade de, com os pés no presente, direcionar o nosso olhar para o futuro. Sabemos que os presbíteros e religiosos de amanhã são formados nas comunidades formativas de hoje. Podemos nos perguntar: quais são as características que emergem dos contextos formativos à Vida Religiosa

Consagrada? Quais são as pistas formativas que podemos elencar? Embora tenhamos que lidar com questões complexas do contexto formativo, focaremos nos aspectos que indicam caminhos de esperança.

Palavras-chave: formação, Vida Religiosa, formadores (as).

Introdução

A atual sociedade, plural e globalizada, está há algum tempo experimentando um esvaziamento gradual de sentido.

1 Frade carmelita (Comissariado Geral do Paraná), psicólogo, doutorando em Psicologia (Pontifícia Universidade Salesiana – Roma/Itália). E-mail: vsanagiotto@yahoo.com.br. Agradeço o importante contributo de Ir. Marizete Salete Wansoski (assessora CRB-PR) e Frei Ivani Pinheiro Ribeiro, O.Carm. ao desenvolvimento dessa pesquisa.

A era da liquidez² confrontou a metodologia usada dentro dos nossos ambientes eclesiais, principalmente o formativo, fazendo com que as Congregações religiosas devessem reorganizar a metodologia para formar os religiosos(as) do futuro. O desafio de estabelecer diálogo entre a tradição carismática fundante da Congregação e a novidade exigente da atualidade³, impulsionou não somente a reelaborar métodos e conteúdos formativos, mas questionou as áreas em que a formação deve insistir em cada etapa formativa.

A Vida Consagrada interage e se expressa nas situações histórico-culturais de cada época e, seguindo a dinâmica da reciprocidade, influencia e se deixa influenciar⁴. Portanto, o atual contexto sociocultural desafia os projetos de formação inicial e permanente a encontrar recursos inovadores para continuar sendo um sinal evangélico de profecia para a comunidade cristã e para o mundo⁵. Isso põe em causa a ação dos formadores e das formadoras

que devem, com discernimento e prudência, usar estratégias adequadas de formação sem esvaziar os conteúdos e significados consolidados da fé cristã e do carisma fundante da Congregação.

Queremos que essa pesquisa seja uma oportunidade de, com os pés no presente, direcionar o nosso olhar para o futuro. Sabemos que os presbíteros e religiosos de amanhã são formados nas comunidades formativas de hoje. Podemos nos perguntar: quais são as características que emergem dos contextos formativos à Vida Religiosa? Quais são as pistas formativas que podemos elencar? Embora tenhamos que lidar com questões complexas do contexto formativo, focaremos nos aspectos que indicam caminhos de esperança.

Aspectos introdutórios da pesquisa: o olhar para o futuro

A formação à Vida Consagrada e Presbiteral é um assunto muito pesquisado, mas não deve ser considerado esgotado. Em termos gerais, temos a firme convicção de que o presente e o futuro de nossa missão dependem da formação que recebemos ou oferecemos aos nossos formandos. De fato, a formação é a chave que abre as portas para uma vida e uma missão significativas nas nossas

2 BAUMAN, Zygmunt, *Modernidade líquida*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

3 PAOLO VI, *Perfectae caritatis: decreto sul rinnovamento della vita religiosa*, in: *Enchiridion Vaticanum*, Bologna: EDB, 1981, v. 1, p. 384-413, n. 2.

4 FRANCISCO, Papa, *Carta Apostólica às pessoas Consagradas - para a proclamação do ano da Vida Consagrada*, São Paulo: Paulus, 2015.

5 GIOVANNI PAOLO II, *Exortação apostólica pós-sinodal Vita Consecrata*, São Paulo: Paulinas, 1996.

Congregações. Sem contextos formativos adequados que correspondam às necessidades atuais, o risco de nos repetir, parar e perder o senso de quem somos e o que fazemos é mais do que apenas uma hipótese de pesquisa.

A formação para a Vida Religiosa e Presbiteral no Brasil, principalmente após o Concílio Vaticano II⁶, buscou entender a realidade formativa nos seminários⁷, para atualizar o caminho formativo da maneira mais realista possível, com os olhos voltados para o futuro⁸. Não faltaram pesquisas sobre a identidade espiritual e pastoral dos padres e religiosos⁹ – muitas delas baseadas na construção de um perfil ideal a ser alcançado – assim como também os caminhos da construção de subjetividade nos seminários¹⁰.

- 6 CAVALHEIRA, Marcelo Pinto, Seminários e formação sacerdotal após o Concílio Vaticano II, *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 26, n. 4, p. 793–815, 1966.
- 7 CNBB, *Vida e ministério do presbítero*, São Paulo: Paulinas, 1981; CNBB, *Situação e vida dos seminaristas maiores no Brasil II*, São Paulo: Paulus, 1995.
- 8 HÄRING, Bernard, *Que Padres... para a Igreja?*, São Paulo: Perpétuo Socorro, 1995; BENEDETTI, Luiz Roberto, *O novo clero: arcaico ou moderno?*, *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 59, n. 233, p. 88–126, 1999; CROZERA, *Os presbíteros do futuro e o futuro dos presbíteros*, *Revista A Tribuna*, n. 3801, 2003.
- 9 LORSCHIEDER, Aloísio, *O perfil espiritual e pastoral do presbítero hoje*, *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 62, n. 246, p. 297–306, 2002; ANJOS, Márcio Fabri dos, *Novas gerações e vida religiosa*, Aparecida: Santuário, 2004.
- 10 BENELLI, Sílvio José; COSTA-ROSA, Abílio, *Estudo sobre a formação*

A nossa pesquisa parte do pressuposto que o contexto formativo oferece toda uma estrutura com objetivo de formar os futuros Padres, Irmãos e Irmãs que estarão à frente das comunidades religiosas, obras sociais, colégios, paróquias etc. A literatura especializada no assunto nos oferece pesquisas que se concentraram, sobretudo nos processos formativos institucionais¹¹, nos projetos e interventos sobre o *modus operandi* estrutural dos ambientes de formação¹², embora isso possa negligenciar os outros aspectos relevantes, como por exemplo, a preparação dos formadores¹³, a pedagogia formativa¹⁴ e o modelo eclesial¹⁵. Parece-nos urgente que as intervenções no campo da formação

presbiteral num seminário católico, *Estudos de Psicologia*, v. 20, n. 3, p. 99–123, 2003.

- 11 JOÃO PAULO II, *Pastores Dabo Vobis: sobre a formação dos sacerdotes*, São Paulo: Paulinas, 1992; CNBB, *Formação dos presbíteros da Igreja no Brasil: diretrizes básicas*, São Paulo: Paulinas, 1995; MARMILICZ, André, *O ambiente educativo nos seminários maiores do Brasil: teoria e prática*, Curitiba: Vicentina, 2003.
- 12 BENELLI, Sílvio José, *Paradigmas eclesiais e pedagógicos na formação sacerdotal institucional. Uma investigação em psicologia social*, *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 66, n. 264, p. 807–841, 2006.
- 13 FINKLER, Pedro, *O formador e a formação*, Malta: LRSS, 1990.
- 14 GAHUNGU, *Méthode, Programmare e valutare nella formazione presbiterale e religiosa*, Roma: LAS, 2013.
- 15 VALLE, Edênio, *Interpretando os sinais destes tempos agitados*, *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 66, n. 263, p. 562–574, 2006.

sejam abertas aos diferentes desafios que a Vida Religiosa e Presbiteral nos apresenta em seus diferentes aspectos.

A formação como itinerário de vida é um caminho de maturação que se desenvolve em uma dinâmica de contínuo crescimento humano e espiritual. Para atingir esse objetivo, o percurso formativo pressupõe uma etapa inicial e outra permanente que se complementam com a consciência de que a formação é por toda a vida¹⁶. A nossa pesquisa se concentrará na etapa da formação inicial em perspectiva da formação permanente. Entre os diferentes métodos de pesquisa com os quais podemos abordar a Vida Consagrada, optamos por uma pesquisa experimental que descreva o contexto formativo nas etapas da formação inicial, isto é, postulante, noviciado e juniorato. A ideia é conferir as respostas dadas pelos formadores(as) e formandos(as) para compreender os pontos de convergência e de desencontro presentes no contexto formativo.

O ponto relevante que tornou a pesquisa válida foi recolher informações dos formadores(as) e dos formandos(as) em suas respectivas comunidades formativas. O método do “espelho” nos permite, por um lado, “refletir” como e em que medida as

propostas formativas oferecidas pelas Congregações correspondem àquilo que entendem e vivem os formandos(as); por outro lado, procuramos entender em que medida os formadores(as) conseguem observar as reais necessidades que vivem os formandos e transformar isso em conteúdo formativo. Além disso, responderam à pesquisa formandos(as) e formadores(as) de todo o arco formativo inicial, do postulante ao juniorato. Isso nos permite compreender as transformações que ocorrem no percurso formativo, ou seja, se é possível observar diferença no entusiasmo de formar-se naqueles que passam da formação inicial à formação permanente.

Acredito que uma das perguntas que se fazem os superiores(as) nas transferências e composição das comunidades dos padres e das irmãs no final dos Capítulos províncias seja: como serão compostas as nossas comunidades formativas? Não somente porque é uma busca pela qualidade formativa, mas porque poucos estão dispostos a assumir essa

A formação como itinerário de vida é um caminho de maturação que se desenvolve em uma dinâmica de contínuo crescimento humano e espiritual.

16 GIOVANNI PAOLO II, Exortação apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata*, n. 69.

importante função. A nossa pesquisa propôs três pontos gerais e indicativos que ajudaram os formadores(as) a descreverem os contextos formativos: (a) o senso de competência pessoal para exercer a função formativa; (b) a clareza nos critérios de discernimento em relação aos formandos e ao percurso formativo; (c) a sensibilidade para acolher no ambiente formativo os contributos de outros “saberes”, como por exemplo a psicologia.

O desafio que as Congregações enfrentam em tempos atuais consiste em identificar os elementos essenciais para um projeto formativo que encontre respaldo no projeto de vida dos formandos. A transformação da realidade em conteúdo formativo possibilita aos formandos um ambiente que seja de natureza educativa.

A nossa pesquisa indicou três pontos gerais para os formandos descreverem os contextos formativos: (a) como estão as relações nos contextos formativos (com a comunidade, abertura com o formador); (b) o empenho no processo formativo e realização vocacional (protagonismo nas decisões, projeto de vida, vida comunitária e espiritual etc.); (c) enfim a presença ou não de qualquer problema de ordem psicológica.

Apesar da pesquisa propor alguns pontos orientativos para entender os contextos formativos

O desafio que as Congregações enfrentam em tempos atuais consiste em identificar os elementos essenciais para um projeto formativo que encontre respaldo no projeto de vida dos formandos.

da Vida Religiosa, deixamos que as respostas dos formadores e dos formandos nos impulsionem a novas interpretações confirmadas pelos dados estatisticamente elaborados. Não temos o objetivo de nos deter nos números estatísticos, mas fazer que a realidade nos indique os pontos nos quais podemos olhar os nossos contextos formativos em perspectivas de crescimento humano e vocacional.

Método de pesquisa

Instrumentos de pesquisa

Investigação sociodemográfica. Para ter um perfil sociodemográfico dos formandos e formadores, foi elaborado um formulário com perguntas referentes ao gênero, idade, alguns dados sobre a família e etapa formativa.

Questionário¹⁷ para sondagem do contexto formativo adaptado para os formandos composto por

¹⁷ MARMILICZ, O ambiente educativo nos seminários maiores do Brasil.

37 itens; e outro para os formadores compostos por 42 itens. Ambos são avaliados em uma escala likert de sete pontos, que varia de 1 “discordo completamente” a 7 “concordo completamente”.

Amostra

A pesquisa se desenvolveu em uma amostra representativa de religiosos católicos que estão no período de formação inicial – delimitada do Postulantado ao Juniorato – e seus respectivos

formadores. Os formadores e os formandos responderam à pesquisa quando participaram dos encontros do Postulinter, Novinter e Juninter promovidos pela Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB-PR). Responderam a nossa pesquisa 27 formadores e 138 formandos (tabela 1). Esta é uma amostra confiável, pois todas as partes interessadas são envolvidas no argumento que estamos desenvolvendo e forneceram informações válidas e significativas.

Tabela 1: Distribuição das etapas formativas

Etapa	Frequência	% do Total	Acumulativo
Postulantes	41	29.7 %	29.7 %
Noviços	45	32.6 %	62.3 %
Junioristas	52	37.7 %	100.0 %

(n = 138)

Procedimento

Os participantes foram convidados a responder a pesquisa sociodemográfica e o Questionário de sondagem do contexto formativo (um para formadores e outro para formandos). A participação na pesquisa foi voluntária e as respostas foram mantidas anônimas e transformadas em dados estáticos de acordo com as normas e padrões da pesquisa científica.

Discussão dos resultados

Os dados recolhidos na nossa pesquisa foram analisados usando o software estatístico Jamovi. A discussão dos resultados seguiu três passos: o primeiro foi a análise das respostas dadas pelos formadores e pelos formandos para saber se existe alguma dessas que foram anuladas pelos participantes; o segundo passo foi analisar estatisticamente e separadamente as respostas dos

formadores e dos formados para entender como cada um desses grupos observam a mesma realidade denominada contexto formativo; finalmente fizemos a análise cruzada dos dados para chegar a algumas considerações finais e implicações formativas.

Perfil sociodemográfico

A análise sociodemográfica dos formandos que responderam ao Questionário representa as diversas partes do território brasileiro (14% Norte; 21% Nordeste; 28% Sul; 21% Sudoeste; 9% Centro-Oeste) e alguns vindos de outros países (7%), sendo que 55% são do sexo masculino e 45% são do sexo feminino. A idade média é de 24 anos de idade, em termos estatísticos, 58% deles se encontra entre 17 e 25 anos de idade e 42% se dividem dos 26 aos 56 anos de idade. Dos formandos pesquisados, 64% deles entraram na Vida Religiosa quando tinham até 21 anos de idade.

A análise sociodemográfica dos formadores que responderam a nossa pesquisa indicou que 67% são do sexo feminino e 33% do sexo masculino. A idade média é de 46 anos de idade, distribuídos dos 25 aos 70 anos de idade. O tempo médio que são formadores corresponde a 7 anos, sendo que temos formadores que apenas chegaram e aqueles que já estão na formação há 32 anos.

Além do compromisso com a formação, 78% dos formadores exercem outras funções sendo a mais frequente os trabalhos para as respectivas Congregações. No contexto formativo, os formadores contam com a ajuda de outros religiosos que compõem a comunidade, sendo que 52% tem funções diretas com a formação e os outros 48% exercem funções extra comunidade (paróquias, educação etc.).

Um dado relevante para o contexto formativo à Vida Religiosa Consagrada são as características do ambiente familiar de proveniência dos formandos. A família é o primeiro ambiente onde se estabelecem relações efetivas marcadas pelo envolvimento afetivo. A pesquisa indicou que 71% das famílias tem até quatro filhos (6% filhos únicos, 30% tem dois filhos, 25% tem três filhos e 10% tem quatro filhos), que 56% dos pais são casados, 29% são separados e 10% são viúvos. A comparação entre as etapas formativas indica que os formandos que chegam para o percurso formativo tendem a vir de famílias cujos pais se separaram, o que marca uma gradual inversão nos indicativos atuais. A ampla maioria de 83% dos formandos passou a infância com os pais, sendo que 17% cresceram sob o cuidado de familiares ou algum outro tipo de acolhida social.

O rendimento médio das famílias corresponde a 20% que vivem com um salário mínimo, 43% com dois salários, 27% com três salários e 10% vivem com mais de três salários. O sustento das famílias provém de diversas fontes, sejam elas de ambientes urbanos ou rurais, mas principalmente de trabalhos desenvolvidos em ambientes urbanos como comércio, indústria ou prestação de serviço público.

A prática religiosa das famílias nos indica uma diferença entre o pai e a mãe: 45% dos pais são católicos praticantes (33%) ou estão envolvidos em algum tipo de pastoral (12%); essa média cresce entre as mães e corresponde a 64,5%. A mesma média tende a repetir-se se olharmos a não prática religiosa, ou seja, 55% dos pais se dividem entre católicos não praticantes (40%) ou são identificados como sem religião (15%); entre as mães o índice a ser destacado são aquelas que definimos católicas não praticantes que corresponde a 30,4%.

Ao serem questionados sobre que tipo de pastoral gostaria de desenvolver no futuro, 41% dos formandos indicaram paróquia, 28% colégios ou outro tipo de obras sociais, 20% pastoral com movimentos sociais, e 11% como pesquisador universitário.

A pesquisa sociodemográfica nos indica um perfil formativo

composto de vocações vindas de diversos contextos culturais do Brasil, sendo que timidamente começa a se tornar internacional. O perfil das vocações, partindo dos dados da nossa pesquisa, indica-nos que àqueles que procuram os conventos/seminários são jovens (64% com até 21 anos de idade), porém, a média de idade cresce gradativamente, sendo que nos contextos formativos temos a presença de vocações com significativa diferença de idade e etapas do desenvolvimento humano. Sobre o ambiente familiar, indicamos a pluralidade de experiências. Gradativamente, os formandos tendem a vir de ambientes familiares marcados pela separação dos pais, de sensível situação financeira e de práticas religiosas plurais.

Formandos: um olhar sobre si-mesmos

A comunidade religiosa é o lugar privilegiado, no qual os religiosos são convidados a crescer no ideal de comunhão com Deus e com os irmãos e irmãs. São as relações cotidianas que permitem aos religiosos experimentarem o amor fraterno, segundo o estilo de vida evangélico¹⁸. No contexto formativo à Vida Religiosa, a comunidade é a escola do discipulado (Lc 24, 13-25) onde

¹⁸ JOÃO PAULO II, *A Vida fraterna em comunidade*, São Paulo: Paulus, 1994, n. 25.

os formandos aprendem a amar Deus, mas também os irmãos e irmãs com quem convivem (1Jo 4). O ideal de vida é experimentado na dinâmica interpessoal típica de todos os grupos que têm, como característica, o desejo de crescerem em conjunto.

A adesão a uma aspiração comum não é isenta das dificuldades e tensões que são próprias do viver juntos. Podemos dizer que a comunidade é uma síntese entre os dons que cada um traz consigo e os limites encontrados no desenvolvimento da vida. Para chegar a esse passo, é importante saber reconhecer os fatores que fortalecem a comunidade e indicam a transição de um grupo de indivíduos que se encontraram ao acaso a uma comunidade de partilha de vida. Um ambiente será formativo quando as características interpessoais daqueles que compõem a comunidade facilitam o crescimento mútuo.

A nossa pesquisa começou perguntando aos formandos como eles se sentem na relação consigo mesmos. Percebemos um olhar positivo sobre si mesmos (84%), estão otimistas e com um ideal na vida, sentem que tem uma missão a cumprir (84%), dizem que conhecem seus defeitos e qualidades (81%) e são confiantes nas suas capacidades (80%). Porém, temos dois dados importante: o primeiro é que 39% (n= 42/132)

tem sentimento de culpa prejudicial por aspectos da história de vida; o segundo, 12% não souberam se posicionar. A comparação entre a variável “relação consigo mesmo” e “sentir-se culpado por alguma coisa”, obtemos 49% dos formandos que de fato se descrevem como se sentem. Os dados podem ser lidos na perspectiva da potencialidade dos recursos humanos (a visão de si mesmo) que os formandos possuem para trabalharem possíveis problemas de ordem psicológica (sentimento de culpa etc.).

É importante ressaltar que os dados recolhidos indicam que o autoconhecimento se desenvolve gradativamente no decorrer do percurso formativo, sendo que àqueles que entram para o período da formação inicial tendem a possuírem um juízo negativo sobre si mesmos, enquanto que no período do noviciado cresce a consciência sobre a importância do autoconhecimento e se mantêm no período do juniorato.

Uma das insistências dos documentos eclesiais, principalmente pós Concílio Vaticano II, é o protagonismo formativo¹⁹. Ser protagonista do próprio processo formativo indica crescimento humano e espiritual e prepara o formando para a formação permanente. Os formandos se autoavaliam em busca de serem os verdadeiros

19 JOÃO PAULO II, Pastores Dabo Vobis: sobre a formação dos sacerdotes.

Ser protagonista do próprio processo formativo indica crescimento humano e espiritual e prepara o formando para a formação permanente.

protagonistas da história pessoal (92%), consideram-se responsáveis pelas decisões que tomam (95%) e buscam coerência entre aquilo que dizem e aquilo que fazem (85%). Isso se reflete em sentir-se seguro com a opção feita na vida (84%) e em perseverar nas propostas assumidas (92%). A pesquisa indica que estar seguro com a opção de vida e perseverar na escolha vocacional fazem parte do crescimento do ciclo da formação inicial, ou seja, do postulante ao juniorato os formandos tendem a decidir pela escolha vocacional e indicam perseverança na escolha feita. Dos dados recolhidos na pesquisa podemos concluir que o percurso da formação inicial contribui para que os formandos se sintam em processo de discernimento vocacional.

A iniciativa do protagonismo não se repete quando o argumento é a relação com o superior e 64% dizem ser submissos, sendo que esse número aumenta para 80% se consideramos aqueles que não souberam responder. Porém, isso não significa que os

formandos se consideram passivos e esperam que os outros decidam por eles (75%). Temos o paradoxo submissão, mas não passividade. Os dados indicaram que a variável “submissão ao superior” tende a aumentar (talvez se consolidar) no decorrer do ciclo da formação inicial.

A nossa pesquisa procurou saber como os formandos percebem o contexto formativo no qual estão inseridos. A ampla maioria (89%) indica que no seminário/convento se sentem em casa, que o ambiente formativo (87%) os faz sentir-se bem na relação uns com os outros e, enfim, indicam que o seminário/convento corresponde (87%) as suas expectativas vocacionais. Os dados indicam que essas variáveis se mantêm estáveis no decorrer do ciclo da formação inicial. Podemos concluir que quando os formandos se sentem acolhidos nos ambientes formativos e estabelecem relações saudáveis entre si, tendem a sentir que as expectativas vocacionais são correspondidas.

Procuramos abordar na nossa pesquisa alguns elementos importantes do contexto formativo, tais como espiritualidade, a vida de comunidade, a formação humano-afetiva e o relacionamento com o formador.

Na dimensão da vida espiritual, os formandos responderam

que têm momentos de contato com a Palavra de Deus e com os Sacramentos (98%) e consideram a vida espiritual importante para a realização vocacional (99%). Sobre a vida comunitária, responderam que estão satisfeitos com a participação e o envolvimento comunitário (84%) e assumem os compromissos e as decisões tomadas pela comunidade (98%).

Quando questionados sobre aspectos da sexualidade, os formandos responderam que aceitam o celibato com naturalidade (90%) e se consideram sexualmente equilibrados (88%). Porém, a variável tem um desvio quando o aspecto é relacional, ou seja, quando saímos do “como eu avalio a sexualidade” para o “como me relaciono com o outro”, os índices caem para os 70% que encontram algum tipo de dificuldade. Esta queda indica um desnível entre as questões que tratam do que penso sobre a sexualidade e as possíveis dificuldades que se podem enfrentar quando essas certezas forem confrontadas. O aspecto importante é que 70% dos formandos dizem que partilham com o formador problemas ligados à dimensão afetiva-sexual e consideram satisfatória a formação humano-afetiva que eles recebem no seminário/convento (86%).

Sobre a relação entre formador e formando, a pesquisa indicou

que 85% dos formandos sentem-se compreendidos, valorizados e aceitos como são pelos formadores. Estes fatores impactam positivamente na abertura formativa e 90% dos formandos dizem ser eles mesmos no diálogo formativo. Essas variáveis se mantêm em todas as etapas da formação inicial. A representatividade do formador continua sendo um fator considerável e 64% dizem que o formador é “modelo” para a sua vida. A pesquisa também indicou que os formandos quanto mais avançam no processo formativo, menos tendem a considerar o formador como um modelo, enquanto nas etapas iniciais o “formador modelo” continua sendo um referencial importante.

Formador: o olhar sobre o outro

Na introdução da pesquisa, dizíamos que a formação é o lugar onde são preparadas as futuras gerações que assumirão os trabalhos que as Congregações desenvolvem na Igreja. O primeiro contato pedagógico formativo com “quem somos” (carisma congregacional) e o “que fazemos” (agir) – que são a razão do existir carismático das Congregações – são os formadores. Ao perguntar aos formadores como eles se sentem na função que exercem, os dados nos indicaram que 81% responderam que são formadores de

livre e espontânea vontade (n= 21/26). Em termos estatísticos, em uma escala de 1 a 7, a média é 5,65. É um dado significativo porque 93% gosta do trabalho que faz (n= 25/27), 88% sentem que têm o dom para ser formador (n= 21/27), sendo que 65% consideram que tem preparação suficiente para exercer a função de formador (n= 17/26).

Procuramos saber dos formadores como eles observam o envolvimento dos formandos em algumas realidades que caracterizam o contexto formativo. Antes de qualquer coisa, os contextos formativos indicam aos formadores que existe um bom relacionamento entre os formandos (74%), um clima de fraternidade (78%) e maturidade em relação a vida fraterna (59%). Os formadores observam coerência, transparência e autenticidade no modo de agir dos formandos (63%). Na relação formativa, 88% dos formadores consideram ter um bom relacionamento com os formandos que, segundo os formadores, se transforma em interesse pela caminhada de cada um deles e clareza nos critérios de discernimento vocacional.

Outros aspectos importantes que devem ser ressaltados no contexto formativo são que 62% dos formadores observam que os formandos são perseverantes com as atividades assumidas,

consideram que eles demonstram seriedade e empenho nos estudos (82%), entusiasmo no trabalho apostólico (85%) e sensibilidade com as pessoas necessitadas e carentes (72%). No aspecto da vida comunitária, 82% dos formadores observam que existe responsabilidade e dedicação dos formandos. Sobre a vida espiritual, 93% responderam que os formandos demonstram interesse e comprometimento.

O amadurecimento afetivo faz parte da formação humana, é uma premissa indispensável à formação da castidade consagrada. A maturidade humana-afetiva é o resultado de um crescimento em longo prazo e requer atenção especial durante a formação inicial. A nossa pesquisa indicou que 90% (n= 24/27) dos formadores têm atenção especial aos aspectos de caráter psicoafetivo dos formandos, sendo que 59% dos formadores constatarem abertura com relação dos formandos ao tema “celibato”.

Sobre o protagonismo no ambiente formativo, 44% dos formadores observam que os formandos demonstram serem protagonistas de suas vidas, das iniciativas e decisões que tomam (n= 12/27). A variável “protagonismo dos formandos” indicou 37% dos formadores não tem uma opinião formada sobre o argumento (n= 10/27). No relacionamento com os

superiores, 63% dos formadores consideram que os formandos não são submissos ou passivos, que possuem um senso crítico (52%), mas não necessariamente uma ação crítica diante das decisões tomadas (59%). Uma outra realidade complexa que é apontada no contexto formativo é a relação com o poder e o carreirismo eclesialístico. Essa é uma realidade observada por 78% dos formadores dentro do amplo contexto formativo à Vida Religiosa.

O ciclo da formação inicial tem como característica o discernimento vocacional que é feito entre o formador e o formando. Em termos gerais, o discernimento vocacional se faz com acompanhamento formativo. Os dados da pesquisa indicaram que 93% dos formadores priorizam o acompanhamento pessoal sistemático em vista de um discernimento maduro.

Abordamos o discernimento vocacional em três etapas: a) primeiramente o interesse que o formador demonstra pela caminhada vocacional dos formandos; b) em ter critérios claros que orientem o discernimento vocacional. A pesquisa indicou que 88% dos formadores dizem ter claros esses critérios; c) tomar decisões sobre o discernimento vocacional. Os dados da pesquisa indicaram que 54% dos formadores (n= 14/26) encontram

dificuldade no juízo que devem dar sobre a aptidão dos formandos, 15% não sabem responder (n= 4/26) e 31% não encontram essa dificuldade (n= 8/26).

Por fim, abordamos alguns assuntos referentes ao aspecto psicológico. Os dados da pesquisa indicaram que 41% (n= 11/27) dos formadores observam que os formandos demonstram equilíbrio diante das frustrações, derrotas e perdas significativas. Os outros se dividem entre 33% (n= 9/27) que consideraram que os formandos têm dificuldades em lidar com as frustrações e 26% (n= 7/27) que não souberam responder com exatidão. A contribuição do saber psicológico no contexto formativo corresponde a 82% (n= 22/27) dos formadores investem na ajuda de psicólogos durante o processo formativo, 77% (n= 18/27) tem acompanhamento psicológico na casa de formação e 66% (n=15/27) solicitam laudo psicológico dos candidatos na entrada para o seminário/convento.

Considerações finais e implicações formativas

A análise estatística das respostas fornecidas pelos formandos e pelos formadores que responderam a pesquisa, permitiu construir um panorama amplo

de como eles se descrevem nos contextos formativos aos quais estão inseridos. Esses dados já nos oferecem elementos suficientes para chegarmos às considerações finais e indicar as possíveis implicações formativas.

Percebemos que o contexto formativo é descrito em termos positivos pelos formandos e pelos formadores (77%). Os índices indicam que existe um clima de fraternidade e solidariedade nas comunidades formativas. Um dado relevante a ser exaltado é que 45% dos formadores e dos formandos consideram que precisa amadurecer as relações entre os membros das comunidades. A compreensão que os formandos e formadores têm da vida espiritual é muito satisfatória e 95% consideram que há interesse no desenvolvimento espiritual nas comunidades. Sobre o contexto formativo, analisado por nós, indicamos algumas implicações formativas:

- a) A necessidade de que os projetos formativos se desenvolvam considerando a cotidianidade na qual vivem os formandos e os formadores²⁰. Alguns assuntos do contexto formativo são percebidos de maneira muito diferente pelos formadores e pelos forman-

20 SPADARO, Antonio, "Svegliate il mondo!" Colloquio di Papa Francesco con Superiori Generali, *La Civiltà Cattolica*, v. 165, n. 3925, p. 3-17, 2014.

dos: a relação com os superiores, o protagonismo formativo e a afetividade. Abordamos essa temática para indicar que o momento histórico em que vivemos e as experiências da vida que temos, precisam ser transformados em conteúdo formativo, pois a valorização da realidade dos formandos implica em desenvolver nelles a capacidade de ressignificarem suas experiências existenciais. A formação para o carisma das Congregações e as doutrinas eclesiais terão sentido quando encontrarem ressonância na vida dos formandos;

- b) A necessidade da preparação dos formadores(as)²¹: a pesquisa nos indicou que a formação não é somente conhecer as regras de "o que devo fazer como formador", mas como ser formador para superar os desafios que a prática impõe. A preparação dos formadores não é somente uma dimensão intelectual, mas desenvolver a sensibilidade para "lidar" com o humano. Indicamos que os formadores não sejam escolhidos improvisadamente e que os futuros formadores sejam inseridos gradualmente na prática formativa;

21 CNBB, Projeto de atualização das Diretrizes básicas da formação dos Presbíteros na Igreja do Brasil, Belo Horizonte: Semana Santa, 1993.

- c) A nossa pesquisa indicou que o discernimento²² é importante no ciclo da formação inicial. Os dados recolhidos indicaram que os formandos, do postulante ao juniorato, fazem o discernimento de maneira gradual. As respostas dos formandos, principalmente no final do período da formação inicial, indicam que o discernimento vocacional os conduziu a uma opção de vida que pressupõe perseverança na proposta assumida. Por outro lado, percebemos formadores que conhecem as diretrizes do discernimento vocacional, os critérios que orientam o discernimento, mas ainda sentem insegurança em decidir. Enfatizamos a importância da equipe de formadores que ajuda no discernimento das vocações;
- d) A formação humano-afetiva²³ é importante para saber amar de todo o coração; faz crescer a capacidade do diálogo consigo mesmo e com os outros. A pesquisa indicou que a formação sobre o conteúdo humano-afetivo é eficaz, porém, precisa ir na direção em desenvolver capacidade de construir relações interpessoais positivas;
- e) O modelo de relação com a autoridade. A pesquisa indicou a relação com os superiores se desenvolve como submissão. Isso não significa obediência cega, visto que os dados indicaram que os formandos buscam protagonismo. São diversas as interpretações que podem ser dadas para essa conclusão. Ser submisso, mas não ser passivo, pode indicar religiosos que, por exemplo, aceitam sem discutir as “pistas de ações” da província, mas no cotidiano não as realizam. Em outras palavras, se obedece por formalidade sem identificar-se com o projeto. Esse é um dado que merece mais aprofundamento;
- f) Por fim, a pesquisa indicou abertura das Congregações para a contribuição de outros saberes ao interno do contexto formativo²⁴. Esse é um dado importante porque contribui para o crescimento humano e espiritual dos seus membros.

22 MOREIRA, Edimar Fernando, O discernimento em João Cassiano, *Convergência*, v. 54, n. 521, p. 112–121, 2019.

23 GAMBINI, Paolo; ROGGIA, Giuseppe; LLANOS, Mario Oscar, *Formazione affettivo-sessuale: itinerario per seminaristi e giovani consacrati e consacrate*, Bologna: EDB, 2017.

24 Congregação para a Educação Católica. Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio, Vatican, disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20080628_orientamenti_po.html>, acesso em: 10 abr. 2020.

Esperamos que a partilha dos resultados obtidos com a pesquisa possa indicar alguns pontos de reflexão que nos ajude a pensar pistas formativas. Além disso, esperamos ter oferecido uma contribuição útil para a formação religiosa, tendo um olhar com determinação para o futuro.

Perguntas para a reflexão pessoal ou comunitária:

1. O que você pensa sobre os dados indicados na pesquisa?
2. Como você definiria o futuro padre, irmã, irmão?
3. E sobre o futuro da Vida Religiosa, o que tens a dizer?

Bibliografia

- ANJOS, Márcio Fabri dos. *Novas gerações e vida religiosa*. Aparecida: Santuário, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- BENEDETTI, Luiz Roberto. O novo clero: arcaico ou moderno? *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 59, n. 233, p. 88–126, 1999.
- BENELLI, Sílvio José. Paradigmas eclesiais e pedagógicos na formação sacerdotal institucional. Uma investigação em psicologia social. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 66, n. 264, p. 807–841, 2006.
- BENELLI, Sílvio José; COSTA-ROSA, Abílio. Estudo sobre a formação presbiteral num seminário católico. *Estudos de Psicologia*, v. 20, n. 3, p. 99–123, 2003.
- CAVALHEIRA, Marcelo Pinto. Seminários e formação sacerdotal após o Concílio Vaticano II. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 26, n. 4, p. 793–815, 1966.
- CENCINI, Amadeo. *Por amor: liberdade e maturidade afetiva no celibato consagrado*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- CNBB. *Formação dos presbíteros da Igreja no Brasil: diretrizes básicas*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- CNBB. *Projeto de atualização das Diretrizes básicas da formação dos Presbíteros na Igreja do Brasil*. Belo Horizonte: Semana Santa, 1993.
- CNBB. *Situação e vida dos seminaristas maiores no Brasil II*. São Paulo: Paulus, 1995. (Estudos).
- CNBB. *Vida e ministério do presbítero*. São Paulo: Paulinas, 1981. (Documentos).

- CONGREGAÇÃO PARA EDUCAÇÃO CATÓLICA. Orientações para a utilização das competências psicológicas na admissão e na formação dos candidatos ao sacerdócio. Vatican. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20080628_orientamenti_po.html>. Acesso em: 10 abr. 2020.
- CROZERA. Os presbíteros do futuro e o futuro dos presbíteros. *Revista A Tribuna*, n. 3801, 2003.
- FINKLER, Pedro. O formador e a formação. Malta: LRSS, 1990.
- FRANCISCO, Papa. Carta Apostólica às pessoas Consagradas - para a proclamação do ano da Vida Consagrada. São Paulo: Paulus, 2015.
- GAHUNGU, Méthode. Programmatare e valutare nella formazione presbiterale e religiosa. Roma: LAS, 2013.
- GAMBINI, Paolo; ROGGIA, Giuseppe; LLANOS, Mario Oscar. Formação afetivo-sessual: itinerário per seminaristi e giovani consacrati e consacrate. Bologna: EDB, 2017.
- GIOVANNI PAOLO II. Exortação apostólica pós-sinodal Vita Consecrata. São Paulo: Paulinas, 1996.
- HÄRING, Bernard. Que Padres... para a Igreja? São Paulo: Perpetuo Socorro, 1995.
- JOÃO PAULO II. A Vida fraterna em comunidade. São Paulo: Paulus, 1994. (Voz do papa).
- JOÃO PAULO II. Pastores Dabo Vobis: sobre a formação dos sacerdotes. SP: Paulinas, 1992.
- LORSCHIEDER, Aloísio. O perfil espiritual e pastoral do presbítero hoje. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 62, n. 246, p. 297–306, 2002.
- MARMILICZ, André. O ambiente educativo nos seminários maiores do Brasil: teoria e prática. Curitiba: Vicentina, 2003.
- MOREIRA, Edimar Fernando. O discernimento em João Casiano. *Convergência*, v. 54, n. 521, p. 112–121, 2019.
- PAOLO VI. Perfectae caritatis: decreto sul rinnovamento della vita religiosa. In: *Enchiridion Vaticanum*. Bologna: EDB, 1981, v. 1, p. 384–413. (Documenti ufficiali della Santa Sede).
- SPADARO, Antonio. “Svegliate il mondo!” Colloquio di Papa Francesco con Superiori Generali. *La Civiltà Cattolica*, v. 165, n. 3925, p. 3–17, 2014.
- VALLE, Edênio. Interpretando os sinais destes tempos agitados. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 66, n. 263, p. 562–574, 2006.



REFLEXÃO ORANTE 1

“Ouvir o Clamor dos Pobres e da Terra”

Ambiente:

Preparar, com uma Cruz, vela acesa, tecido, verde, amarelo e preto , (Recortes de revistas jornais com figuras de crianças, indígenas, negos mulheres, idosos para serem usados no momento da Memória da Vida (Lamento).

Fazer um breve exercício de inspiração e expiração, tomando consciência de si . (música instrumental)

Mantra

Indo e Vindo trevas e luz tudo é graça Deus nos conduz...

(Enquanto canta acende a vela)

1. Motivação

L1: “O que está acontecendo é trágico, inquietante, devastador e, por isso, requer um posicionamento.

Durante o período da pandemia, [...] presenciamos lamentáveis acontecimentos contra os povos indígenas e os negros (as). O racismo outra vez mostrou seus tentáculos mais sórdidos, tanto em nosso país quanto em outras nações. [...] A crise sanitária provocada pelo corona vírus, também expôs a vulnerabilidade das populações indígenas, que veem os casos de mortes e infecções aumentarem, sem o devido acesso à assistência que as proteja do risco de extermínio.

L2: As violências perpetradas contra mulheres, pobres, negros, indígenas, homossexuais, crianças, jovens e idosos, infelizmente são um continuum histórico em nosso país. Com a pandemia, essa pérfida “normalidade” foi substancialmente agravada. Se a necessidade de mudanças era imperiosa antes da Covid-19,



agora ela se transformou num ingente clamor. Diante desse quadro, o desafio nosso, como religiosas e religiosos, é contribuir na construção de uma “nova normalidade”, pautada pela inclusão social e pelo cuidado da Casa Comum”. (Reflexão da Equipe Interdisciplinar sobre a Vida Religiosa Consagrada em Tempos de Pandemia julho 2020)

2. Sinal da Cruz

Canto

Ref. Javé, o Deus dos pobres, do povo sofredor,/ aqui nos reuniu pra cantar o seu louvor. / Pra nos dar esperança, e contar com sua mão,/ na construção do Reino, Reino novo, povo irmão.

1. Sua mão sustenta o pobre,/ ninguém fica ao desabrigo:/ dá sustento a quem tem fome/ com a fina flor do trigo.
2. Alimenta os nossos sonhos,/ mesmo dentro da prisão;/ ouve o grito do oprimido,/ que lhe toca o coração.
3. Cura os corações feridos,/ mostra ao forte o seu poder,/ dos pequenos é a defesa:/ deixa a vida florescer.

Mantra

Ouvir o grito que sai do chão do oprimido em oração ...

(Trazer as figuras e colocá-las no centro)

Nomear pessoas que foram contagiadas e mortas pela COVID 19.

3. Leitura bíblica (Jeremias 14, 17-21)

L1: Os meus olhos noite e dia chorem lágrimas sem fim; pois sofreu um golpe horrível, foi ferida gravemente à virgem, filha do meu povo!

L2: Se eu saio para os campos, eis os mortos à espada; se eu entro na cidade, eis as vítimas da fome! Até o profeta e o sacerdote perambulam pela terra sem saber o que se passa.

L3: Rejeitaste, por acaso, a Judá inteiramente? Por acaso, a vossa alma desgostou-se de Sião? Porque feriste vosso povo de um mal que não tem cura?

L4: Esperávamos a paz e não chegou nada de bom; e o tempo de reerguer-nos, mas só vemos o terror!

Todos: Conhecemos nossa culpas e as de nossos ancestrais, pois pecamos contra vós! Por amor de vosso nome ó Senhor, não nos deixeis! Não deixeis que se profane vosso trono glorioso! Recordai-vos, ó Senhor! Não rompais vossa Aliança

4. Motivação para interiorização

O que faria Jesus se estivesse em nosso lugar neste momento? Podemos recordar aqui Mateus depois das bem-aventuranças quando menciona o Cântico do Servo do Senhor (Is 52,13-53,12), mas na forma ativa de Jesus. É a assunção de um sofrimento ativo, solidário, que se sofre na ação e na missão.

(Breve silêncio para interiorização e partilha)

5. Oração a Maria

Todos: Mãe da vida, no vosso seio materno formou-Se Jesus, que é o Senhor de tudo o que existe. Ressuscitado, Ele transformou-Vos com a sua luz e fez-Vos Rainha de toda a criação.

Por isso Vos pedimos que reinéis, Maria, no coração palpitante da Amazônia.

Voz 1: Mostrai-Vos como mãe de todas as criaturas, na beleza das flores, dos rios, do grande rio que a atravessa e de tudo o que vibra nas suas florestas. Protegei, com o vosso carinho, aquela explosão de beleza.

Voz 2: Pedi a Jesus que derrame todo o seu amor nos homens e mulheres que moram lá, para que saibam admirá-la e cuidar dela.

Todos: Fazei nascer vosso Filho nos seus corações para que Ele brilhe na Amazônia, nos seus povos e nas suas culturas, com a luz da sua Palavra, com o conforto do seu amor, com a sua mensagem de fraternidade e justiça.

Voz 3: Que, em cada Eucaristia, se eleve também tanta maravilha para a glória do Pai.

Todos: Mãe, olhai para os pobres da Amazônia, porque o seu lar está a ser destruído por interesses mesquinhos.

Quanta dor e quanta miséria, quanto abandono e quanto atropelo nesta terra bendita, transbordante de vida!

Voz 1: Tocai a sensibilidade dos poderosos porque, apesar de sentirmos que já é tarde, Vós nos chamais a salvar o que ainda vive.

Voz 2: Mãe do coração trespassado, que sofreis nos vossos filhos ultrajados e na natureza ferida, reinai Vós na Amazônia juntamente com vosso Filho. Reinai, de modo que ninguém mais se sinta dono da obra de Deus.

Todos: Em Vós confiamos, Mãe da vida! Não nos abandoneis nesta hora escura.

Amém! *(Exortação Apostólica Querida Amazônia)*

Pai-nosso... Ave-Maria... Glória...

Compromisso para a vida:

A questão fundamental que precisamos colocar é: qual o profetismo que nos cabe neste momento como religiosas e religiosos? É um momento de discernimento, posicionamento e ação.

Trata-se de uma solidariedade que acolhe o clamor, o sofrimento, venha de onde vier, como vier e que revela também a nossa impotência. É um momento ímpar e urgente que nos compete assumir.

6. Canto Final**Romaria**

É de sonho e de pó
O destino de um só
Feito eu perdido em pensamentos
Sobre o meu cavalo
É de laço e de nó
De gibeira o giló
Dessa vida, cumprida a sol

Sou caipira, Pirapora
Nossa Senhora de Aparecida
Ilumina a mina escura e funda
O trem da minha vida

O meu pai foi peão
Minha mãe solidão
Meus irmãos
Perderam-se na vida
A custas de aventuras
Descasei, joguei
Investi, desisti
Se há sorte
Eu não sei
Nunca vi

Me disseram porém
Que eu viesse aqui
Prá pedir de romaria e prece
Paz nos desaventos
Como eu não sei rezar
Só queria mostrar
Meu olhar, meu olhar,
Meu olhar...

7. Bênção final

REFLEXÃO ORANTE 2

ASSUMIR A CRUZ DESDE A PERSPECTIVA DA RESSURREIÇÃO

Ambientação

De preferência a comunidade se reúna na capela.

Símbolos; Cruz, Círio pascal e a Palavra de Deus.

1. Sinal da cruz

Canto: Em nome do Pai, em nome do Filho, em nome do Espírito Santo estamos aqui (bis). Para louvar e agradecer/ bendizer e adorar/ te aclamar Deus vivo de amor.

2. Motivação

L1: “A pandemia é uma oportunidade para parar, refletir, rezar e dar uma resposta como VRC.

A VRC está repleta de histórias e de testemunhos de superação.

L2: Situações difíceis, onde o barco parecia que, inevitavelmente, iria afundar, foram oportunidades para configurar novos horizontes de fidelidade ao Deus da vida, que conduz tudo com suavidade e sabedoria.

L3: Dentro da perspectiva místico-profética que assumimos como religiosas (os), acreditamos que o Senhor nos conduzirá por novos caminhos onde o vinho novo do Reino anime a festa da vida.

Todos: Não podemos abandonar tantos rostos de indígenas, negros, moradores de rua, crianças e idosos que o Senhor coloca em nossas vidas” (Cf. Mens. da equipe interdisciplinar à VRC 2020).

3. Mantra

**Ouvi o grito que sai do chão/
dos oprimidos em oração (3x)**

4. Cruz

Todos: “Há um acúmulo de crises: sanitária, econômica, política, ambiental, espiritual, desemprego, autoridades sem compaixão, violências contra as mulheres, pobres, negros, indígenas, homossexuais, crianças, jovens e idosos” (Cf. Mensagem da equipe interdisciplinar à VRC 2020).

Voz 1: “Não podemos ficar indiferentes, precisamos nos posicionar” (Mensagem 2020)

Voz 2: “Por isso nosso desafio como religiosos (as) é contribuir na construção de uma “nova normalidade”, pautada pela inclusão social e pelo cuidado da “Casa Comum” (Mensagem 2020).

Canto

**Ó Pai, somos nós o povo eleito,
Que Cristo veio reunir! (Bis)**

1. Pra viver da sua vida,
Aleluia,/ O Senhor nos enviou,
Aleluia!

2. Pra ser igreja peregrina,
Aleluia, / O Senhor nos enviou,
Aleluia!

3. Pra ser sinal da salvação,
Aleluia,/ O Senhor nos enviou,
Aleluia!

4. Pra Anunciar O Evangelho,
Aleluia,/ O Senhor nos enviou,
Aleluia!

5. Pra servir na unidade,
Aleluia!/ O Senhor nos enviou,
Aleluia!

6. Pra celebrar a sua glória,
Aleluia!/ O Senhor nos enviou,
Aleluia!

7. Pra construir um mundo novo,
Aleluia!/ O Senhor nos enviou,
Aleluia!

8. Pra caminhar na esperança,
Aleluia!/ O Senhor nos enviou,
Aleluia!

5. Círio Pascal

Todos: “É importante constituir novas narrativas configuradoras de sentido, que integrem mística espiritualidade, profecia, relações humanizadoras, solidariedade compassiva” (Mensagem 2020).

Voz 1: “É maravilhoso perceber tantos gestos de solidariedade, presenças, iniciativas que a VRC está desenvolvendo, de modo particular com os mais pobres e vulneráveis. São gestos, muitas vezes simples, mas importantes” (Mensagem 2020).

Voz 2: “não podemos deixar de mencionar iniciativas



como “Amazônia precisa de você” e outras, que ultrapassam as fronteiras congregacionais. Intensificar e estender esse tipo de iniciativas fortalece o testemunho e a missão da VRC” (Mensagem 2020).

Voz 3: “O contexto atual de pandemia requer de nós uma vida saudável, capacidade de transmitir esperança, ternura, paz, alegria e serenidade” (Mensagem 2020).

Todos: “é importante não nos contaminar com o ritmo frenético e caótico das redes sociais que literalmente invadem tudo. Provavelmente ganharíamos muito em qualidade de vida afetiva, espiritual, comunitária e apostólica” (Mensagem 2020)

Canto

Cristo ressuscitou, aleluia!
Venceu a morte com amor!
Aleluia!
Tendo vencido a morte,
O Senhor ficará para sempre
Entre nós para manter viva
A chama do amor que reside em
Cada cristão a caminho do pai.

Tendo vencido a morte,
O Senhor nos abriu horizonte
Feliz / pois nosso peregrinar
Pela face do mundo terá
Seu final lá na casa do Pai.

6. A Palavra de Deus (Ez 37, 1-10)

Leitor 1: 1 Veio sobre mim a mão do Senhor; e ele me levou no Espírito do Senhor, e me pôs no meio do vale que estava cheio de ossos; 2 e me fez andar ao redor deles. E eis que eram muito numerosos sobre a face do vale; e eis que estavam sequíssimos.

Leitor 2: 3 Ele me perguntou: Filho do homem, poderão viver estes ossos? Respondi: Senhor Deus, tu o sabes. 4 Então me disse: Profetiza sobre estes ossos, e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor. 5 Assim diz o Senhor Deus a estes ossos: Eis que vou fazer entrar em vós o fôlego da vida, e vivereis. 6 E porei nervos sobre vós, e farei crescer carne sobre vós, e sobre vos estenderei pele, e porei em vós o fôlego da vida, e vivereis. Então sabereis que eu sou o Senhor.

Leitor 3: 7 Profetizei, pois, como o Senhor me deu ordem. Ora enquanto eu profetizava, houve um ruído; e eis que se fez um rebuliço, e os ossos se achegaram, osso ao seu osso. 8 E olhei, e eis que vieram nervos sobre eles, e cresceu a carne, e estendeu-se a pele sobre eles por cima; mas não havia neles fôlego.

Todos: 9 Então ele me disse: Profetiza ao fôlego da vida, profetiza, ó filho do homem, e dize ao fôlego da vida: Assim diz o



Senhor Deus: Vem dos quatro ventos, ó fôlego da vida, e sopra sobre estes mortos, para que vivam. 10 Profetizei, pois, como ele me ordenara; então o fôlego da vida entrou neles e viveram, e se puseram em pé, um exército grande em extremo.

7. Exame de consciência

Momento de silêncio oração pessoal

- Quais são os possíveis caminhos da reorganização da minha vida religiosa? Da comunidade? Da Província? para que estes ossos retornem à vida?

Partilha

Canto

Eis-me aqui, Senhor!

Eis-me aqui, Senhor!

Pra fazer Tua Vontade, pra viver do Teu Amor

Pra fazer Tua Vontade, pra viver do Teu amor

Eis-me aqui, Senhor!

O Senhor é o Pastor que me conduz / Por caminhos nunca vistos me enviou / Sou chamado a ser fermento, sal e luz / E por isso respondi: aqui estou!

Ele pôs em minha boca uma canção/ Me ungiu como profeta e trovador / Da história e da vida do meu povo / E por isso respondi: aqui estou!

Ponho a minha confiança no Senhor / Da esperança sou chamado a ser sinal / Seu ouvido se inclinou ao meu clamor / E por isso respondi: aqui estou!

8. Invocação Mariana

Todos: Mãe da vida, no vosso seio materno formou-Se Jesus, que é o Senhor de tudo o que existe. Ressuscitado, Ele transformou-Vos com a sua luz e fez-Vos Rainha de toda a criação. Por isso Vos pedimos que reineis, Maria, no coração palpitante da Amazônia.

Voz 1: Mostrai-Vos como mãe de todas as criaturas, na beleza das flores, dos rios, do grande rio que a atravessa e de tudo o que vibra nas suas florestas.

Protegei, com o vosso carinho, aquela explosão de beleza.

Voz 2: Pedi a Jesus que derrame todo o seu amor nos homens e mulheres que moram lá, para que saibam admirá-la e cuidar dela.

Todos: Fazei nascer vosso Filho nos seus corações para que Ele brilhe na Amazônia, nos seus povos e nas suas culturas, com a luz da sua Palavra, com o conforto do seu amor, com a sua mensagem de fraternidade e justiça.

Voz 3: Que, em cada Eucaristia, se eleve também tanta maravilha para a glória do Pai.

Todos: Mãe, olhai para os pobres da Amazônia, porque o seu lar está a ser destruído por interesses mesquinhos. Quanta dor e quanta miséria, quanto abandono e quanto atropelo nesta terra bendita, transbordante de vida!

Voz 1: Tocai a sensibilidade dos poderosos porque, apesar de

sentirmos que já é tarde, Vós nos chamais a salvar o que ainda vive.

Voz 2: Mãe do coração trespassado, que sofreis nos vossos filhos ultrajados e na natureza ferida, reinai Vós na Amazônia juntamente com vosso Filho. Reinai, de modo que ninguém mais se sinta dono da obra de Deus.

Todos: Em Vós confiamos, Mãe da vida! Não nos abandoneis nesta hora escura.

Amém!

*(Exortação Apostólica Querida Amazônia)
Pai-nosso... Ave-Maria... Glória...*

9. Bênção final

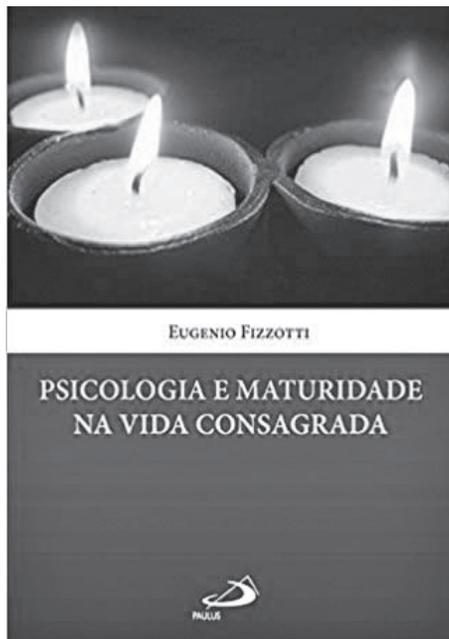




FIZZOTTI, Eugenio. *Psicologia e Maturidade na Vida Consagrada*. Tradução: Padre José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2014. 131 páginas. Coleção Vida Consagrada.

Para todas as pessoas, religiosas ou não, vale a sentença essencial, conforme o psicólogo Viktor Frankl: “não importa de modo algum aquilo que podemos esperar nós da vida, mas importa, definitivamente, somente aquilo que a vida espera de nós”. A vida nos faz perguntas a cada dia e a cada hora, e espera de nós respostas exatas, não somente em meditação ou com palavras, mas também com ações e comportamentos corretos.

Pelo fato de sermos religiosas e religiosos, não nos livramos da condição humana. Continuamos com nossos pensamentos, nossas emoções, nossos sentimentos, nossas imagens, que ora vibram de forma elevada, ora vibram de forma inferior, determinando nossas escolhas, nossas ações, nossas palavras, nossas relações humanas. Enfim, determinam se estamos contaminados pelo nosso eu inferior – as trevas – ou se estamos servindo o nosso Eu superior – nossa Luz, nosso lado divino.



Nós, religiosas e religiosos – mulheres e homens de Deus – poderíamos supor que nos pautamos pela Luz, pela natureza divina, pelo Eu superior; no entanto, olhando para nós, de forma consciente, detectamos que, em nossas relações e na missão, muitas vezes deixamos dominar pelo eu inferior: arrogância, inveja, ambição, vaidade, apegos, conflitos internos, medos, baixa autoestima, impotências, vícios.

Eugênio Fizzotti, sacerdote salesiano, professor de Psicologia

da Religião e de Deontologia profissional, foi aluno de Viktor Frankl. Frankl era um extraordinário psiquiatra de Viena e fundador da Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, conhecida como Logoterapia e Análise Existencial. A Logoterapia se concentra na busca de sentido pela vida e no empenho a tomar posição diante dos fatores que podem favorecer o surgimento do vazio existencial.

O prefácio desta obra – Psicologia e Maturidade na Vida Consagrada – é de Oscar Andrés, Arcebispo de Honduras. Ele expressa que a vasta literatura de Eugênio Fizzotti acentua que o enfoque humanista-existencial, de Viktor Frankl é com certeza o mais adequado para compreender e ajudar a pessoa que põe no centro de sua experiência a atitude religiosa, sem limitá-la a comportamentos externos, a processos cognitivo-emotivos e a condicionamentos culturais e sociais, mas enfatizando a autoridade e a significância da auto-transcendência, que evidencia a centralidade da abertura para o mundo dos outros e a qual é preciso dar, com forte responsabilidade, respostas plenamente significativas.

Tendência natural. o autor, ao se referir à felicidade como abertura, explica que o ser humano vive plenamente a própria

existência somente à medida que se orienta para algo ou alguém que se encontra além de si mesmo e que representa um valor, um ideal, um projeto carregado de sentido. A estrutura do ser humano é concebida para abrir-se ao mundo circundante e para pôr-se em relação com os outros. A autorrealização e a plenitude existencial são alcançadas à medida que nos ocupamos com os outros, esquecendo-nos de nós mesmos. Assim, a vida adquire a mais preciosa e autêntica beleza.

Pessoa madura. Fizzotti serve-se de três autores para descrever a pessoa madura. Para o psicólogo norte-americano Gordon Allport, a pessoa é psicologicamente sadia se “domina ativamente o próprio ambiente, demonstra certa unidade de personalidade e está em condições de perceber exatamente o mundo e a si mesma”. O psicólogo salesiano Albino Ronco expressa que a pessoa sadia e madura “é capaz de seguir de modo eficiente os conflitos e frustrações e de enfrentar com sucesso as tarefas do desenvolvimento, tomando uma decisão fundamental e realizando-a nas situações concretas e utilizando de modo satisfatório os mecanismos de defesa”. E o médico e psiquiatra Luigi Filippi pensa que pessoa madura é quem, “sendo autônoma, desfruta da unidade e da plenitude, coordenada e harmônica, das próprias forças e

realidades psicofísicas, sobretudo das energias afetivas e, pode utilizá-las para os fins que ele escolheu livre e razoavelmente e para estabelecer autênticos relacionamentos interpessoais”.

Para o autor Eugenio Fzzotti, a pessoa é madura quando é capaz de perceber de modo eficaz a realidade e sabe relacionar-se com ela de modo original e articulado, isto é, no sentido de que sabe, descobrir tudo aquilo que é fruto de mentalidade manipuladora e puramente burocrática, de modo a julgar com honestidade intelectual e com olhar benévolo a realidade na qual está inserida e na qual se relaciona sem deixar-se dominar por esquemas preordenados ou por preconceitos raciais, culturais, políticos, religiosos.

Esperança e a consagração. O autor acentua que a logoterapia de Frankl continua oferecendo válida e reconhecida plataforma científica e vital, graças à qual é possível construir uma existência rica de significados e abertura para o futuro, na consciência de ter sempre e em qualquer circunstância uma tarefa a descobrir e realizar.

Psicologia e Maturidade na Vida Consagrada é uma obra de fácil e agradável conteúdo para as religiosas e religiosos na formação inicial, formação continuada e terceira idade. Cabe a todas as gerações e nuances ideológicas a afirmação de Frankl: “não importa de modo algum aquilo que podemos esperar nós da vida, mas importa, definitivamente, somente aquilo que a vida espera de nós”.

IR. LAURO DAROS, FMS




CRB NACIONAL
REGIONAIS

Editorial

Nº/MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR/A
518/Jan-Fev	5-8	Direito e Justiça em todo o tempo	Ir. Lauro Daros, marista
519/Março	5-7	Mulher: harmonia, poesia, beleza	Ir. Lauro Daros
520/Abril	5-7	Queridos jovens	Ir. Lauro Daros
521/Maio	5-7	Maria: rosto e coração materno de Deus. Igreja: rosto de mulher, coração de mãe	Ir. Lauro Daros
522/Junho	5-7	Eucaristia: não há amor maior	Ir. Lauro Daros
523/Jul-Ago	5-8	Fazei tudo o que Ele vos disser!	Ir. Lauro Daros
524/Setembro	5-7	VRC, comunidade de amor	Ir. Lauro Daros
525/Outubro	5-7	Dever-direito de ser missionário/a	Ir. Lauro Daros
526/Novembro	5-8	Chamados e chamadas à santidade	Ir. Lauro Daros
527/Dezembro	5-6	Alegria e paz	Ir. Lauro Daros

Mensagens / Santos

Nº/MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR/A
518/Jan-Fev	9-14	Carta do Papa Francisco ao Povo de Deus	Francisco
519/ Março	8-10	A mulher é a harmonia do mundo	Francisco
520/Abril	8-13	Discurso do Papa Francisco na abertura do Sínodo dos jovens	Francisco
521/Maio	8-13	Mensagem do Papa Francisco para o 52º. Dia mundial da Paz	Francisco
522/Junho	8-15	Eucaristia na solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo	Francisco
523/Jul-Ago	9-10	As bodas de Caná	Francisco
524/Setembro	8-24	A força da vocação	Francisco
525/Outubro	8-12	Batizados e enviados: A Igreja de Cristo em missão no mundo	Francisco

526/Novembro	9-17	Algumas características da santidade do mundo atual	Francisco
527/Dezembro	7-8	Radiomensagem de natal de Sua Santidade de João XXIII ao mundo inteiro 22/12/1962	João XXIII
518/Jan-Fev	15-19	Irmã Dulce, o anjo bom do Brasil	OSID
519/Março	11-13	Irmão Euênio Cláudio Rohr: a bondade em ação	Ir. Canísio Puhl
	13-16	Ir. Taciano Pedro: Homem de Deus, apóstolo dos pobres e das crianças	Rení Giaretta Oleksinski
520/Abril	14-17	Venerável Madre Antonieta Farani	http://santosdo-brasil.org.br
521/Maio	14-22	Servo de Deus Domingos Evangelista Pinheiro	Ir. Teresa Cristina Leite
522/Junho	16-18	“Ofereço tudo a Deus pelo povo angolano” testemunho de Ir. Matilde	Ir. Ana Elídia
523/Jul-Ago	11-20	Padre José Calvi, servo de Deus e missionário dos Oblatos de São José	Pe. Miguel Piscopo, OSJ
524/Setembro	25-28	Ir. Amália de Jesus flagelado e as origens da coroa de N.S. das lágrimas	http://nossasenhora-das-lagrimas.com/irma-amanha
525/Outubro	13-15	100 anos de beata Albertina: uma vida que vale a pena viver	João Antônio Johas
526/Novembro	18-19	Beatificação do padre Donizetti Tavares de Lima	http://padredonizetti.com.br
527/Dezembro	12-15	Maria aurora dos Santos Motta uma religiosa feliz	Ir. Marlene Maria da Silva

Informes

Nº/MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR/A
518/Jan-Fev	20-25	Os jovens, a fé e o discernimento vocacional	Fr. Rubens N. da Mota, ofm cap
“	26-30	Beatificação de 19 mártires da Argélia, um testemunho que anima, questiona e ilumina a VRC	Ir. Rafael F. Júnior, fms

519/Março	17-18	Carta dos padres sinodais aos jovens	Vaticannnews.va
“	19-26	Bem-aventurada Clélia Merloni	Ir, Vânia Cristina de Oliveira
“	27-29	Mutirão das novas gerações no Mato Grosso	Equipe NGs - MT
“	30-34	Puxirum das Novas Gerações nos caminhos de Medellín	Equipe NGs Região Norte
520/Abril	19-24	Luminoso testemunho do Evangelho Bem-aventurada Clélia Merloni	Ir, Maria Vilma Ravazzoli, ASCJ
521/Maio	23-28	25 anos do mosteiro Nossa Senhora da Esperança	Dom Joaquin Pertíñez Fernández, OAR
522/Junho	19-24	Encontro intercongregacional sobre a presença missionária no Haiti	Ir. Silvânia A. Coelho e Leila Fouad Sader
523/Jul-Ago	21-30	Crônica de um centenário	Pe. Mauro Negro, OSJ
“	31-35	125 anos de amor, glória e reparação ao sagrado Coração de Jesus	Ir. Maria Vilma Ravazzoli, ASCJ
“	36-47	Missão em Moçambique 30/11 a 10/12/2018	Frei. Cláudio Sérgio de Abreu, OFM cap
524/Setembro	29-33	União internacional das Superiores Gerais (UISG)	Liliane Alves Pereira. PCC e Sandra Maria da Guia Ribeiro, MICM
“	34-35	Curso: enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes, parcerias PUG_Roma e PUCPR	Bábara Pimpão e Paulo Quermes
525/Outubro	16-17	Curso: enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes	Bárbara Pimpão e Paulo Quermes
526/Novembro	20-21	XXV Assembleia Geral eletiva da CRB Nacional	Participantes
“	22-28	Irmãs Passionistas – 1919-2019: 100 anos de história no Brasil	Ir. Maria Dalessandro
“	29-34	Projeto Mawako: um grito que ecoa nas entranhas da mãe terra	Ir. Vera Lucia Palermo

Artigos

Nº/MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR/A
518/Jan-Fev	31-42	“Feliz quem observa o direito e pratica a justiça em todo o tempo” (SI 106,3)	Frei Carlos Mesters, Carmelita
“	43-53	Olhar atento para o entardecer da vida e suas interfaces	Irmã Nilva Rosin, isjc
“	54-64	Decifrar a esfinge: vida e religiosa consagrada na era digital	Pe. Plutarco Almeida, sj
“	65-77	Juventude negra: luta e resistência	José Rodrigo P. dos Santos, Maria Cândida Lima de Souza, Lúcia Isabel da Conceição Silva
“	78-94	No teu Espírito, queremos ver... voltar a ver... espiritualidade Bíblica que anima a VRC	Frei Claudemir Rozi, Carmelita
“	95-112	A origem espiritual na VRC	Ir. Flávia Matias de Queiroz, RIC
“	113-132	Missão na Amazônia: da equipe itinerante à Rede itinerante da REPAM	Equipe itinerante
519/Jan-Fev	35-48	Novo cenário político brasileiro: para onde o país pode ir? Pistas de discernimento	Robson Sávio Reis Souza
“	49-63	Experiência de discernimento com a vida consagrada	Ir. Helena T. Rech, sts
“	64-77	A identidade do presbítero religioso uma identidade problemática	Paulo Sérgio Carraira, cssr
“	78-88	Homicídio juvenil: violência que assola a juventude brasileira	Davi Mendes Caixeta

“	89-98	O carisma-espiritualidade de São Pedro Nolasco, oitocentos anos de serviço à Igreja e ao mundo	Frei Lisaneos Prates, odem
520/Abril	25-34	Liturgia pascal em uma Igreja pascal, herança de Medellín	Penha Carpanedo, pddm
“	35-46	A alegria como estilo da tarefa fundamental de anunciar o Evangelho	Eugênio Rivas, sj
“	47-56	Espiritualidade do cristão leigo na evangelização como membro de uma Igreja que se quer em saída	Ceci M. C. Baptista Mariani
“	57-67	O encanto da vida consagrada – perda ou ocultação?	Pe. José Cristo Rey Garcia Paredes, cmf
“	68-78	Existe vida religiosa no mundo digital?	Frei Gustavo Wayand Medella, OFM
“	79-93	O legado espiritual do Pe. Ricardo Antonich para a VRC	Bárbara P. Bucker, mc
521/Maio	29-36	Maria, mulher desdobrável	Ir. Annette Havenne
“	37-46	O sentido e a relevância da vida contemplativa e da vida monástica hoje	Vera Lúcia Parreiras Horta, osb
“	47-58	Protagonismo da VRC na história da evangelização do Brasil	Frei Sandro Roberto da Costa, ofm
“	59-65	Santidade de olhos abertos	Pe. Ademir Guedes Azevedo, cp
“	66-79	Intercongregacionalidade: juntos por Cristo e sua missão	Vera Lucia Palermo, ms
“	79-89	Plenamente humano, simplesmente irmão: reflexão sobre o valor da consagração religiosa e da maturidade humana	Frei Edimar Fernando Moreira, Carmelita

522/Junho	25-36	Eucaristia: memorial do mistério pascal de Cristo	Sinivaldo S. Tavares, ofm
“	37-52	Os jovens, a fé e o discernimento vocacional: chamado à santidade para a VRC	Gislene Danielski, fdz
“	53-68	Juventude e vocação à vida consagrada: reflexões à luz do Sínodo dos jovens	Pe. José Cristo Rey G. Paredes, mc
“	69-75	Políticas públicas e saúde	Ir. Marisa Inêz Mosena, smi
“	77-87	A missão dos religiosos irmãos em uma Igreja em “saída”	Ir. Edgar G. Nicodem, Lassalista
523/Jul-Ago	48-57	Psicologia: caminho de libertação para o amor	Lourdes Degrandis
“	58-69	O “cuidado da casa comum” como caminho de espiritualidade e justiça	Pe. José Ivo Follman, sj
“	70-82	Crises na VRC. Apontamentos a partir do magistério do Papa Francisco	Frei Vanildo Luiz Zugno, ofmcap
“	83-95	As formas de inabitação de Deus na alma: uma sistematização a partir do pensamento de Edith Stein	Frei Hércules de Vasconcelos Moreno, ofmcap
“	96-104	Políticas públicas e vida religiosa consagrada: o cuidado	Pe. João da Silva Mendonça Filho, sdb
“	105-113	O que a pastoral da juventude espera da VRC	Pe. Jilson de Souza Toledo, fms
524/Setembro	36-45	“Deus nos amou primeiro” a primeira carta de João – mês da Bíblia 2019	Carlos Mesters e Francisco Orofino
“	46-56	Inspirações da primeira carta de João para a VRC	Irmã Lúcia Weller, dp
“	57-66	Maturidade humana e de fé: um caminho de aprendizagem	Frei Oton da Silva Araújo Júnior, ofm

“	67-73	“Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”	Equipe itinerante da REPAM
“	74-89	“Mostra-me, Senhor, os teus caminhos”! (Sl 25,4) vocação e discernimento. 4º. Congresso vocacional no Brasil	Pe. Geraldo Tadeu Furtado, rcj
525/Outubro	18-29	Batizados e enviados: A Igreja de Cristo em missão no mundo	Francesco Sorrentino, pime
“	30-44	Sínodo da Amazônia: profecia e esperança – <i>Laudato Si'</i>	Ir. Eurides Alves de Oliveira, icm
“	45-56	Mobilidade humana e desafios para a missão	Pe. Alfredo J. Gonçalves, cs
“	57-68	A mulher e a violência (feminicídio) como a Rede um grito pela vida está envolvida com a questão?	Ir. Valmi Bohn, idp e Ir. Celestina Veloso Freitas, op
“	69-79	Desafios atuais à vivência intercultural na VRC. Interculturalidade: um caminho possível para a vivência íntegra da vida religiosa consagrada	Ir. Liliane Alves Pereira, fpcc, Ir. Sandra Maria da Guia Ribeiro, icm, e Ir. Terezinha A. Dorigon Vieira, iens
“	80-96	Quem cuida dos cuidadores? Do cuidado de si no exercício do serviço de animação, cargos e funções	Ir. Emili Turú Rofes, fms
526/ Novembro	35-41	Creio na vida eterna: o sentido da morte na espiritualidade cristã	Pe. Ademir Guedes Azevedo, cp
“	42-49	Psicologia e formação: gestão da crise no contexto formativo	Frei Vágner Sanagiotto, Carmelita
“	50-60	Justiça socioambiental e vida religiosa consagrada	Pe. José Ivo Follman, SJ

“	61-70	Terceira idade: sabedoria partilhada	Ir. Paulo Dullius, rsc
“	71-74	Espiritualidade da Igreja na Amazônia uma contribuição da VRC	Ir. Afonso Murad, fms
“	75-89	Opção pelos pobres e fidelidade da VRC documento de Puebla	Pe. Rafael Lopez Villasenor, Xaveriano
527/ Dezembro	16-29	Natal: rosto visível do Deus da paz	Pe. Adroaldo
“	30-38	Ser irmão hoje: luzes, desafios e utopias	Ir. Leonardo de Faria Stoch, Marista
“	39-49	Juventudes e novas linguagens na sociedade do espetáculo	Ir. Rosa Maria Martins Silva, Scalabriniana
“	50-56	Novas relações que nutrem e protegem a vida	Ir. Birgit Weiler, HMM

ÍNDICE ANUAL 2020

Editorial

Nº/MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR/A
528/Fev-Abril	5-7	De volta a Nazaré	Pe. João Mendonça, sdb
529/Mai-Jul	5-7	Maria, mulher, discípula e mestiça	Pe. João Mendonça, sdb
530/Ag-Out	5-7	Gratidão, Coragem e Louvor!	Pe. João Mendonça, sdb
531/Nov-Dez	5-7	Mão estendida, confiança e questionamento	Pe. João Mendonça, sdb

148 Mensagens/santos

Nº/MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR/A
528/Fev-Abril	12-15	Santa Missa e canonização dos beatos John Henry, Teresa Chiramel, Josefina Vanini, Dulce Lopes, e Margarida Bays	Francisco
“	16-35	Santa Dulce dos pobres e a vida consagrada	Pe. Vinicius Augusto R. Teixeira, cm
“	36-38	A abundância de bens como gaiola de ouro	Pe. Alfredo J. Gonçalves, cs
529/Mai-jul	10-11	Celebração da festa de N.S. de Guadalupe – homilia	Francisco
“	12-13	Homenagem aos santos mártires em Nagasáqui	Francisco
530/Ag-Out	10-14	57º Dia Mundial de oração pelas vocações	Francisco
“	15-16	Charles de Foucauld	Nathália Queiroz
531/Nov-Dez	10-17	IV Dia mundial dos pobres	Papa Francisco
“	18-21	Beata Savina Petrilli – a vivência de uma vocação profética e eucarística	Teogenes P. de Brito

Informes

Nº/MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR/A
528/Fev-Abril	10-11	Nota da Conferência dos religiosos do Brasil	Diretoria
“	36-38	A abundância de bens como gaiola de ouro	Pe. Alfredo J. Gonçalves, cs
“	38-39	Presença da CRB no 4º. Congresso Vocacional do Brasil	Ir. Clotilde Prates de Azevedo, ap
“	40	Assembleia Formativa Regional de Brasília	Ir. Sueli Bellato, cnscca

“	40	Assembleia Regional de Recife	Diretoria
“	41	Perspectiva da CRB sobre o 4º Congresso vocacional do Brasil	Ir. Maria Inês Vieira Ribeiro, mad
“	42	Assembleia formativa e eletiva da CRB regional de Campo Grande	Diretoria
“	42	Assembleia formativa e eletiva da CRB regional Palmas	Diretoria
“	42	Nota sobre o CERNE 120	Pe. Toninho e Ir. Ana
529/Mai-Jul	14-17	Francisco está realizando o Concílio Vaticano II	Gerard O’Connell
“	18-19	Frades dominicanos: o compromisso de nossa atuação profética	Revista IHU 16/02/19
“	20-24	Missionário, comunicador, profeta e parceiro das grandes causas dos excluídos da América Latina, tributo a Konrad Berning	Arlindo Pereira Dias, svd
“	25-29	Sínodo: tenda da Amazônia – casa comum	Ir. Vera Lúcia Palermo, Salvatoriana
“	30-34	Missão da vida religiosa consagrada jovem na Amazônia 2019, um convite ao Rio Tajapurú – Breves/PA	Leandro Santos de Carvalho, osa
“	35-37	VI encuentro internacional de revistas de vida consagrada – mensaje final	Comissão
“	38-41	VI encontro internacional de revistas de vida consagrada – mensagem final -	Comissão
“	42-45	Confederación caribeña y latinoamericana de religiosos/as – CLAR – XLVII junta diretiva	Junta
“	46-49	Conferência caribenha e latinoamericana dos religiosos/as – CLAR – conselho das presidências	Conselho

“	50-51	4º Congresso de Novas Gerações da vida consagrada do Brasil e 2º Congresso de Novas Gerações da Vida Consagrada do Cone Sul	Congressistas
“	52-58	Projeto missionário intercongregacional no Haiti	Ir. Maria de Fátima Kapp, mssps
530/Ag-Out	17-25	A casa da VRC	Pe. Alfredo J. Gonçalves
“	26-28	Queridas irmãs e irmãos na VRC de SC	Equipe CRB Regional Floripa
“	29-31	VRC e a pandemia do COVID-19	Carlos Eduardo Cardozo
“	32-33	Uma chave de leitura pra o Evangelho de Lucas	Frei Carlos Mesters
“	34-36	Uma chave de leitura para a parábola do bom samaritano	Frei Carlos Mesters
“	37-38	Estamos no mesmo barco – a outra Amazônia, onde a solidariedade ganha	Ir. Agata e Pe. Francisco
“	39-49	Identidade da VC e sua contribuição para a vida da Igreja e do mundo	Card. João Braz de Aviz
“	50-51	O que o Espírito Santo diz à Igreja do Brasil	Frei Luis Felipe
531/Nov-Dez	22-23	Nota da CRB Nacional de repúdio a toda e qualquer tentativa de manipular a Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil	Presidência
“	24-25	Ameaças e oportunidades para a Igreja no Brasil nos próximos 5 anos	Dom Walmor
“	26-29	A esperança como um sinal de profecia em tempos de pandemia	Dra. Ir. Liliana Alves e Ms. Cristina Freitas

“	30-31	Mensagem do Papa para a 1ª semana da VRC no Brasil	Francisco
“	32-33	Na da CRB Nacional sobre a carta ao Povo de Deus , de Bispos Brasileiros, sobre a atual situação do país	Ir. Maria Inês
“	34-36	Dom Casaldáliga: os 3 Os de Pedro	Pe. Alfredo J. Gonçalves
“	37-46	Comunicações da presidente e mensagem da equipe interdisciplinar	Ir. Maria Inês

Artigos

Nº/MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR/A
528/Fev-Abril	44-55	“Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5)	Frei Moacir Casagrande, ofmcap.
“	56-64	A oração franciscana: prece de afeto, relação de ternura	Frei Hércules de Vasconcelos Moreno, ofmcap
“	65-75	A missionariedade estigmatina – “monges em casa e apóstolos fora”	Pe. Toninho, css
“	76-92	O voto de pobreza	Frei Vanildo Luiz Zugno, ofmcap.
“	93-105	“Viú, sentiu compaixão e cuidou dele”	Rodinei Balbinot
“	196-116	Guia de leitura da Cristo Vive	Pe. Giacomo Costa e Pe, SJ. Rossano Sala, sdb
529/Mai-Jul	59-74	O “Bom Samaritano” do samaritano	Frei Luiz Carlos Susin, ofmcap
“	75-86	Vida religiosa feminina na Amazônia: contribuições para uma ecologia integral	Ir. Ivoneide Viana de Queiroz, fm

“	87-95	Homo Viator, Graça e divinização no poema “outras coplas ao divino”, de São João da Cruz	Frei Jonas Matheus Souza da Silva, ofmcap
“	96-105	A devoção mariana no carisma salesiano: uma narrativa experiencial	Pe. João Mendonça, sdb
“	106-117	Migração e políticas públicas: um olhar profético	Pe. Alfredo J. Gonçalves, cs
“	118-132	Igreja santa e pecadora: os escândalos na Igreja	José Trasferetti
530/Ag-Out	52-61	A mística que favorece a consciência humana – irmã Cleusa e a mística que orientou a sua vida!	Pe. José Ricardo Zonta
“	62-68	VRC no pós-sínodo para a Amazônia	Ir. Vânia Maria Carvalho de Sousa
“	69-78	Por que a geração digital não se interessa pela VR	Pe. Plutarco Almeida
“	79-91	Os jovens que batem à nossa porta	Irmã Mariangela Ferrari
“	92-104	Cultivar a mística profético-sapiencial	Frei Moacir Casagrande
“	105-120	Sem saudade do passado, amar o que se é	Pe. José Maria Guerreiro
531/Nov-Dez	48-58	Promover relações humanizadoras de ternura	Pe. Rafael Lopez Villaseñor
“	59-76	O perdão na vida do religioso irmão	Ir. Otávio Sarturi
“	77-92	O voto de obediência: reflexões a partir do magistério do Papa Francisco	Frei Vanildo Luiz Zugno
“	93-99	Um tempo para se viver plenamente e não entre parênteses	Pe. João dos Santos Barbosa Neto

“	100-110	Espiritualidade em tempos de pandemia: aprendizado e renovação	Ir. Helena T. Rech
“	110-126	Caminhar com determinação e um olhar para o futuro	Frei Vagner Sanagiotto

Anexos / Resenhas/ reflexões orantes

Nº/MÊS	PÁG.	TÍTULO	AUTOR/A
528/Fev-Abril	117-121	Reflexões orantes n. 1	CLAR
“	122-128	Reflexões orantes n. 2	CLAR
“	130-133	Resenha García Parede, Outra comunidade é possível	Ir. Vera Bombonato, fsp
529/ Mai-Jul	133-135	Notícias do CERNE 121	Pe. Kleber Cardoso, css
“	136-140	Reflexão orante n. 3	CLAR
“	141-145	Reflexão orante n 4	CLAR
“	147-150	Resenha Amadeo Cencini, Abraçar o futuro com esperança, o amanhã da vida consagrada	Pe. João Mendonça, sdb
“	151-153	Resenha Ermínia Beatrice, apostola e mística com dons extraordinários	Pe. João Mendonça, sdb
530/Ag-Out	121-128	Reflexões orantes 5 e 6	CLAR
“	129-135	Reflexão orante 57º Dia mundial de oração pelas vocações	Irmã Clotilde Prates
“	136-139	Resenha Novo testamento e VC	Pe. Jaldemir Vitorio
“	140-141	Resenha O Elogio da sede	Pe. João Mendonça
531/Nov-dez	127-130	Reflexão orante 1	Pe. Clever e Ir. Vânia
“	131-135	Reflexão orante 2	Pe. Mendonça e Ir. Ana
“	136-138	Resenha do livro Psicologia e maturidade na VRC	Ir. Lauro Daros

CONFERENCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB)
CONFERENZA DE LOS RELIGIOSOS DEL BRASIL
BRAZILIAN RELIGIOUS CONFERENCE
CONFERENZA RELIGIOSA BRASILIANA



ASSINATURA DA REVISTA CONVERGÊNCIA 2020

Para assinaturas novas ou renovação, preencher o cupom e enviar para: convergencia@crbnacional.org
Pode também acessar o site e imprimir o boleto: www.crbnacional.org.br

Nome completo:
Congregação:
Endereço:
CEP (código postal): Cidade: UF: País:
Nova assinatura () Renovação ()
Telefone: () E-mail:
Forma de pagamento:
Efetivo () Depósito Bancário () Agência: C/C:

Valor da Assinatura:

Brasil: R\$ 145,00 América Latina e Caribe: US\$ 80 Europa: E 70 Outros países: US\$ 100

1. Brasil: O pagamento pode ser efetuado na sede da CRB Nacional ou nas regionais. Pode também efetuar o pagamento na conta da CRB: Banco do Brasil: Ag: 452-9 - C/C: 306934-6 (enviar o comprovante por e-mail ou entrar em contato (61) 3226-5540).
2. América Latina e Caribe: O pagamento pode ser feito em cheque, em dólar no Banco do Brasil em nome da Conferência dos Religiosos do Brasil. Enviar o comprovante por e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
3. Outros países: pode ser feito em cheque, em dólar (para tanto se for em euro deve fazer a devida conversão para dólar). Enviar o comprovante para a CRB Nacional (convergencia@crbnacional.org.br).